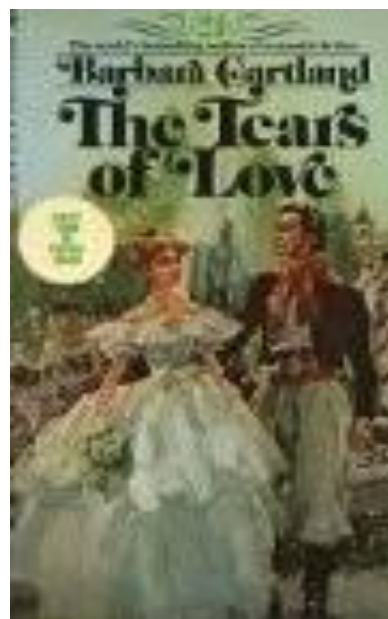


Lágrimas de amor

Barbara Cartland



Romances Rebeca nº 61

Titulo do original: "THE TEARS OF LOVE"

1975 by BARBARA CARTLAND

Da tradução — EDITORA TECNOPRINT S.A., 1977

EDITORA TECNOPRINT S. A.

Seu pai perdera a vida ao retornar à Inglaterra, com a carreira arruinada e o nome difamado por acusações de traição. Agora, Cañuela Arlington e sua mãe estavam sozinhas em Londres, precisando desesperadamente de dinheiro. Era imperioso que Cañuela conseguisse um emprego. Certa de que sua beleza incomum lhe acarretaria inúmeros dissabores, ela repuxou para a nuca os compridos cabelos dourados, escondeu os maravilhosos olhos cinza-esverdeados atrás de óculos enormes, e vestiu-se de preto.

Suas excelentes qualificações prontamente interessaram a um empregador: o atraente aristocrata argentino Ramón de López, um dos homens mais poderosos da América do Sul. Apenas ao ouvir-lhe o nome, Cañuela estremecia de ódio. Ramón fora um "velho amigo" de seu pai, um dos muitos que o tinham abandonado, durante a crise que o atingira. Ela jurou vingar-se daquela deslealdade. Não lhe seria difícil destruí-lo. Entretanto, se, pelo menos, ele não fosse tão atraente...



COLEÇÃO REBECA

BÁRBARA CARTLAND

Categoria de Preço: Copa de Ouro – CP

- 5204 - – Ideal de Mulher
- 5205 - – Amor Perigoso
- 5207 - – A Última Fuga
- 5208 - – O Conde Implacável
- 5210 - – O Castelo do Medo
- 5211 - – O Lord sem Dinheiro
- 5212 - – Lições de Amor
- 5216 - – O Duque Odioso
- 5222 - – O Solteiro Incorrigível
- 5223 - – O Pacto Quebrado
- 5256 - – As Luzes Cintilantes
- 5258 - – A Noiva Amedrontada
- 5259 - – Ângela e os Dois Demônios
- 5264 - – Um Amor Para Sempre
- 5268 - – O Perverso Marquês
- 5297 - – Duelo de Corações
- 5298 - – Caprichos do Coração
- 5299 - – A Chama É o Amor
- 5305 - – Lágrimas de Amor
- 5309 - – Amor Cigano

(Outras obras no final do volume.)

LIVRARIAS

Todos os livros da Coleção Rebeca e das outras coleções das “Edições de Ouro” são encontrados nas livrarias indicadas, com endereço, na segunda página deste livro.

NOTA DA AUTORA

São absolutamente exatas as descrições das suspeitas vividas pelos ingleses, quando em 1892, os Estados Unidos tentavam atrair a Argentina para a órbita de influência americana, garantida pela oferta de cem milhões de dólares.

Relatórios secretos, existentes no Ministério dos Negócios Exteriores, revelaram que tanto os Legados da França como do Uruguai, concordavam em que os americanos desejavam adquirir uma base naval, fosse na Argentina ou no Uruguai.

A idade de ouro das conexões anglo-argentinas durou desde a Guerra dos Boers, em 1899, até a Grande Depressão Mundial, em 1928. No decorrer deste período, o melhor cliente da Argentina foi à Inglaterra, que também ocupou o primeiro lugar, como supridor do mercado argentino.

CAPÍTULO 1

1894

– INÚTIL, mamãe! Não sei costurar como você. Preciso arranjar outro tipo de emprego.

A mulher na cama sobressaltou-se.

– Não, Cañuela! – exclamou. – Não vou permitir que você trabalhe fora! Sendo assim, o que faria você?

Cañuela sorriu.

– Parece esquecer que falo espanhol, português, e um pouco de italiano, mamãe. Tenho certeza de que poderia ser secretária de um homem de negócios.

Sua mãe deixou escapar um ligeiro grito de terror.

– Oh, mas isto é impossível! O que diria seu pai?

Cañuela atravessou o quarto e sentou-se em uma cadeira, ao lado da cama da mãe.

Pousou ternamente a mão nos dedos brancos e delicados que repousavam sobre o lençol.

– Vamos conversar sensatamente sobre isto – disse ela, em sua voz meiga.

– Estou certa de que posso perfeitamente costurar durante uma hora por dia – argumentou a mãe.

– Você vai fazer o que o médico mandou – replicou Cañuela. – Em outras palavras: nada!

A senhora Arlington respirou fundo.

– É mesmo impossível continuarmos vivendo do que temos? – perguntou, em voz sumida.

– Infelizmente, é – respondeu Cañuela, muito calma.

– Eu sou a única culpada – lamentou-se a senhora Arlington. – Aqueles remédios, os alimentos extras, tudo custa tão caro! Garanto que não preciso de tanto leite e ovos!

Tornou a suspirar.

– Não posso suportar a idéia de você trabalhar fora. Muitos homens a perseguiriam, porque você é bonita demais, minha querida.

Falava a verdade, porque Cañuela era de uma beleza extraordinária.

Tinha feições quase perfeitas. Seu narizinho reto e aristocrático destacava-se no rosto em forma de coração, mas ninguém deixaria de notar seus enormes olhos cinza-esverdeados.

Os cabelos compunham uma curiosa mistura de dourado com toques vermelhos, os cílios eram longos e escuros; a senhora Arlington tinha certeza de que, onde quer que fosse, Cañuela não escaparia às atenções masculinas.

Desde que tinham retornado à Inglaterra, a saúde da senhora Arlington se tornara cada vez pior.

Os motivos de sua debilidade orgânica não provinham apenas da infelicidade sentida com a morte do marido e a publicidade adversa que a envolvera, mas também porque ela e a filha haviam ficado praticamente sem dinheiro.

Já haviam vendido tudo quanto possuíam de valor e, nos últimos seis meses, sobreviviam com o dinheiro que a senhora Arlington vinha ganhando com os maravilhosos bordados que fazia.

Uma loja de modas em Bond Street comprava todas as roupas íntimas de cetim e seda que ela bordava. Na realidade, a procura era muito maior do que a quantidade produzida por ela. Embora Cañuela pudesse costurar as peças, modelá-las e arrematar rendas, era incapaz de bordar de maneira tão delicada quanto sua mãe. Ainda mais: ela demorava demais nesse trabalho, de maneira que, atrasadas as encomendas, o pessoal da loja começava a mostrar-se irritado.

Cañuela tinha a impressão de que aumentava de uma semana para outra a dispendiosa lista de alimentos nutritivos e remédios exigidos pela saúde delicada da mãe.

Não obstante, com o correr dos dias, o estado da senhora Arlington só tendia a piorar.

Estava muito magra, tossia o tempo todo, e tinha as faces permanentemente afogueadas, mostrando uma cor anormal abaixo da brancura da pele.

— Você acha — começou ela, hesitante, após um momento — que... na Inglaterra... possam procurar... secretárias capazes de... falar espanhol?

— Deve existir alguém, em algum lugar, precisando de uma secretária com essas qualificações — respondeu Cañuela. — Há dias, li no jornal que este país está comprando mais carne da Argentina do que nunca!

Fez um gesto expressivo, antes de continuar:

— Isto significa, que alguém está fazendo contratos aqui, alguém que deve corresponder-se com os *estancieros* argentinos... e sabemos que bem poucos deles podem falar inglês!

A senhora Arlington ficou calada por um momento. Depois argumentou, em voz baixa:

— Seu pai tinha muitos planos para você, quando crescesse. Sempre soube que se tornaria muito bonita, e então economizou, a fim de podermos apresentá-la em um baile elegante, comprar-lhe vestidos finos, dar-lhe a chance de conhecer todos os homens solteiros que fossem um bom partido...

— Pelo menos, garanto que papai se divertiria nessas festas — disse Cañuela, sorrindo de leve.

— Você também gostaria — respondeu a mãe. — Que mulher não adora ser admirada, festejada, elogiada?

Cañuela ficou calada. Depois disse, sem qualquer amargura na voz:

— Não adianta ficarmos chorando, depois que o leite entornou, como dizem na Inglaterra... Aliás, era um dos ditos prediletos de minha governanta inglesa, lembra-se?

— Pobre senhorita Johnson! Eu gostaria de saber o que foi feito dela! — suspirou a senhora Arlington. — Entretanto, em quem penso mais vezes é Maria, Cañuela. Era uma

velha e boa mulher, que nos estimava sinceramente...

— Sim, e também adorava papai — respondeu Cañuela. — Não esqueço as canções italianas de ninar que cantava para mim, quando eu era pequena. Ela ainda as cantava, quando voltamos para Buenos Aires.

Notou a tristeza da mãe e disse, rápida:

— Se prefere, não falaremos sobre isso, mamãe.

— Pois é justamente nisso que fico pensando o tempo todo — replicou à senhora Arlington. — Recordo os últimos anos, quando tudo ia tão bem para seu pai, e todos diziam que seu novo posto seria uma embaixada na Europa... Para depois...

Interrompeu-se de repente e fechou os olhos, para que a filha não lhe visse as lágrimas.

— Para depois, acontecer o que aconteceu! — completou Cañuela, em voz quase inaudível. — Afinal, que digam o que quiserem! Nós duas sabemos que papai era inocente!

— Claro que era inocente! — exclamou a senhora Arlington. — Acredita mesmo que ele poderia agir daquela maneira?

Respirou fundo, e sua voz era forte, quando acrescentou:

— Ele não amava apenas a Inglaterra, mas também a Argentina. Sempre disse que tinha aquele país no coração, que Buenos Aires, como Londres, significavam o lar para ele.

— Lembro-me dele dizendo isso — concordou Cañuela. — Papai dizia também que, longe da Argentina, sonhava com o Rio da Prata, os campos e o povo, tão cordiais e amistosos com ele.

— Até o fim! — murmurou à senhora Arlington.

Cañuela levantou-se e andou pelo quarto.

— Jamais perderei os argentinos por seu comportamento! — exclamou. — Eu os odeio, ouviu bem, mamãe? Eu os odeio! Como odeio os supostos amigos de papai, na Legação Britânica, que não ficaram de seu lado quando as coisas deram errado.

— Eles não tinham outra saída — disse a senhora Arlington. — Já que um relatório fora enviado à Inglaterra, seu pai teria que vir, a fim de enfrentar o inquérito competente.

— E o que esperava descobrir o Ministério dos Negócios Exteriores?

— Se, ao menos, aquele mapa não fosse extraviado! — suspirou a senhora Arlington. — Foi o pior que podia acontecer... No camarote do navio, seu pai andava de um lado para outro a noite inteira, dizendo para mim: “Onde estará ele? O que terá acontecido àquele mapa?”

Havia tanta amargura na voz da senhora Arlington, que Cañuela voltou para junto da cama e lhe tomou as duas mãos.

— Não se torture, mamãe! Isso é algo que jamais saberemos, mas, pelo menos, papai morreu como um herói!

A senhora Arlington não respondeu, mas tanto ela como a filha, tinham os mesmos pensamentos.

Quando voltavam para a Inglaterra, Lionel Arlington atirara-se ao mar, para salvar uma menina que caíra do convés.

Conseguiu deixá-la, sã e salva, em um bote que fora arriado do navio, a fim de apanhá-los.

Então, inexplicavelmente, quando ele ia ser içado para bordo da pequena embarcação, desapareceu sob as ondas e nunca mais foi visto.

Lionel Arlington era nadador exímio, e o mar não se mostrava tão agitado.

Era um mistério que, tendo trazido a criança à salvação, ele perdesse a vida, a menos que... fizesse isso deliberadamente.

Os jornais tinham dado destaque máximo ao fato. As manchetes gritavam:

DIPLOMATA SOB SUSPEITA MORRE COMO HERÓI **TRAIDOR OU HERÓI?**

Houvera, em seguida, artigos intermináveis, que começavam:

Terá havido algum trágico engano nas suspeitas lançadas contra um de nossos mais brilhantes diplomatas?

Graças à compreensão do capitão do navio em que a senhora Arlington e Cañuela retornavam à Inglaterra, as duas puderam esquivar-se do bando de repórteres que as aguardavam no cais.

Ambas conseguiram desembarcar sem serem percebidas e, depois disso, simplesmente desapareceram.

A imprensa tentara encontrá-las, mas sem o menor sucesso.

Ninguém poderia imaginar que a quieta senhora “Gray”, que alugara um quarto e uma sala para ela e a filha, em uma pensão barata de Bloomsbury, pudesse ser a muito procurada viúva do diplomata falecido, cujo nome ocupara as primeiras páginas dos jornais, por quase uma semana.

Ninguém esperava, tampouco, que se desencadeasse uma verdadeira tempestade, ante uma tentativa dos Estados Unidos, no início de 1892, visando atrair a Argentina para a órbita de influência da América do Norte.

Em março do mesmo ano, o Legado Britânico, em Buenos Aires, enviara um relatório ao Marquês de Salisbury, na Inglaterra, “estritamente confidencial”.

Segundo ele, comentava-se que certo Mr. Pitkin fizera uma proposta para o suprimento de prata ao Governo Argentino, até a soma de cem milhões de dólares.

Antes de receber uma resposta, o Legado Britânico partiu em férias, deixando Lionel Arlington, como *Chargé d’Affaires*, com o problema nas mãos.

Preocupadíssimo com as negociações americano-argentinas, ele despachou o mais longo telegrama cifrado da história da Legação Britânica.

Entretanto, enquanto em Londres os estadistas consideravam a situação, na Argentina — onde era impossível manter-se um segredo — surgiu uma tremenda controvérsia, muito mais forte e amarga, por ser não-oficial.

Em Londres, *The Times* publicou um breve relato das tentativas americanas para ser conseguida uma base no Rio da Prata.

Isto foi suficiente para dar fim ao sigilo, forçando o Legado Americano a desmentir

publicamente o fato.

Por outro lado, o Legado Francês ficou satisfeito com a discussão e, tanto ele como o Legado Uruguaio concordaram em que os americanos sonhavam com a compra de uma base naval, na Argentina ou no Uruguai.

Foi então que um funcionário subalterno, Janson Mandell, servidor da Legação Britânica, enviou um relatório confidencial a Londres, apoiado por um dissidente argentino.

Segundo alegavam, Lionel Arlington conspirava pessoalmente com os americanos.

Tal fato era absolutamente inverídico.

O relatório fora motivado pelo ciúme e uma vingança pessoal, porque o homem em questão insultara a senhora Arlington em um baile, quando suas atenções tinham sido rejeitadas e humilhadas por seu marido.

As acusações podiam ter sido ignoradas pelo Ministério dos Negócios Exteriores, porque o fantasma de uma aliança américa – argentina, tão alarmante para os ingleses, logo se desfez, e os americanos empenharam-se em uma guerra pelas tarifas.

Isto provocou uma proibição absoluta do governo argentino, envolvendo o petróleo, madeira e maquinaria americanas.

Infelizmente, os inimigos de Lionel Arlington, que então deviam ter sido forçados a esquecer todo o incidente, descobriram que um secreto e importantíssimo mapa das defesas portuárias de Buenos Aires havia desaparecido da Legação Britânica.

Tal mapa fora visto, pela última, vez em poder de Arlington, o que ele não negava admitindo espontaneamente.

Entretanto, quando lhe pediram o mapa, aparentemente, ele se evaporara!

Em vista das circunstâncias, nada mais restou ao Marquês de Salisbury senão chamar Lionel Arlington à Inglaterra, para ser inquirido sobre o que acontecera.

Ninguém soube quem forneceu a história aos jornais argentinos, mas não era difícil adivinhar o nome do informante.

Buenos Aires era uma cidade sempre pronta a atacar os estrangeiros residentes, mesmo que o dinheiro investido por eles, na Argentina, fosse da máxima importância para o país.

Durante algumas semanas, outra onda de “fora com os estrangeiros!” lavrou por toda a cidade, resultando em certa dose de tumulto entre os membros da *Unión Cívica Radical*.

O nome de Arlington foi propalado como o de um traidor; e não como o do homem que dera tantos anos de sua vida ao relacionamento diplomático entre sua pátria e a Argentina.

Sensível e dotado de grande cultura, além de possuir grande personalidade e integridade, ele ficou arrasado pela simples idéia de que alguém lhe atribuisse semelhante comportamento.

Quando partiram de navio para a Inglaterra, Cañuela, então com dezesseis anos, achou que seu pai envelhecera da noite para o dia.

Agora, contemplando a mãe que jazia contra os travesseiros naquele leito de

doente, com tanto de sua beleza destruída pelo sofrimento e enfermidade, disse para si mesma que uma parte daquela mulher também morreria, quando o marido perdesse a vida no oceano, dois anos antes.

— Você logo estará boa, mamãe — disse, de súbito. — E, enquanto isso, não vamos ficar aqui, infelizes, nos escondendo e morrendo aos poucos de fome. Vou ganhar dinheiro! Dinheiro suficiente para que tenhamos uma vida mais confortável!

— Não posso concordar com isso, Cañuela — replicou a mulher. — Ignora o que é o mundo, quando se trata de uma criatura tão bonita como você... Sempre teve acompanhante, como as moças espanholas... e também as inglesas.

— Está falando de damas da aristocracia, que podem se dar ao luxo de não fazer nada — respondeu Cañuela. — Não temos dinheiro, mamãe, e, por outro lado, eu preciso ganhar algum!

Houve uma nota grave e repentina em sua voz.

Ao falar, ela cruzou o quarto e parou diante do espelho existente sobre uma cômoda.

Olhou para a imagem refletida por um instante e então, após soltar os cabelos, presos em um coque à nuca, deixou que lhe caíssem sobre os ombros, descendo em cascata até quase a cintura.

A seguir, escovou-os, partindo da testa oval, torceu-os entre os dedos e fez um rolo, que prendeu com grampos.

Os fios ficaram tão estirados, que não havia o menor desalinho na uniformidade dos cabelos no alto da cabeça.

Depois abriu a gaveta da cômoda. Tateou ao fundo e encontrou um par de óculos escuros, que haviam pertencido a seu pai.

Ele os usara durante o verão, porque machucara um olho em um acidente de equitação e o médico considerara a claridade forte demais para a retina lesada.

Cañuela colocou os óculos.

Sendo de um modelo masculino, eram enormes e quase lhe escondiam o rosto miúdo.

Deu meia-volta.

— Veja, mamãe! — exclamou. — A eficiente secretária!

A senhora Arlington olhou para ela.

— Você ficou horrível, Cañuela! Esses óculos são totalmente deformantes!

— É isto que espero deles — riu Cañuela. — Admita, mamãe, que nenhum homem olharia duas vezes para mim...

— Sem dúvida, como disfarce, não poderia ser mais eficaz.

Cañuela usava um vestido negro.

Era um dos poucos que possuía. Terminado o luto pelo pai, ela e a mãe não puderam comprar novos vestidos.

Em suas malas, continuavam os belos trajes que tinham usado em Buenos Aires, mas nas circunstâncias atuais, nenhuma das duas podia pensar em vestidos, cores e luxo que pertenciam ao passado.

No guarda-roupa, Cañuela tirou um pequenino chapéu preto, de uma prateleira alta.

Era enfeitado apenas de fitas pretas, as quais ela comprimiu para que não parecesse muito elegante ou alegre.

Amarrou as fitas debaixo do queixo e cobriu o corpete do vestido com um apertado casaco negro, que abotoava até o pescoço.

— Vou sair, mamãe — disse. — Talvez demore um pouco, de maneira que não se preocupe comigo.

— Aonde você vai?

— À Agência Brewstead, em Piccadilly — respondeu Cañuela. — Quando estive em Londres, há alguns anos, recordo que fui lá com papai, contratar um contador para a embaixada na Espanha.

— Sim, lembro-me dele — suspirou a senhora Arlington. — Era um simpático rapaz...

— Seria bom ter alguém para ficar com você, mamãe.

— Oh, ficarei aqui muito bem, até você voltar — respondeu à senhora Arlington. — E, não perca mais tempo, querida; sabe que não gosto de imaginá-la sozinha pelas ruas.

Cañuela deu uma risadinha.

— Com esta aparência, estarei a salvo — replicou. — O homem que ontem me seguiu, quando fazia as compras, hoje nem daria pela minha presença...

— Um homem a seguiu? Oh, querida, por que não me contou?

— Ele nada poderia fazer comigo, em uma rua movimentada e sendo dia claro — respondeu a jovem.

Os dedos da senhora Arlington tremiam, quando estendeu a mão alva para a filha.

— Acha mesmo que está fazendo a coisa certa? — perguntou. — Se ficasse sozinha em um escritório com um homem, não estaria tão segura como em uma rua movimentada.

— Prometo escolher meu empregador com todo o cuidado — falou Cañuela. — Tentarei encontrar alguém tão velho como Matusalém e rico como Cresó!

A senhora Arlington esboçou um sorriso fraco.

Depois que Cañuela saiu, ela achou que devia ter sido um pouco mais enérgica em seus protestos contra a impetuosa atitude da filha: sair para procurar emprego!

No fundo, sabia desesperadamente que o pouco dinheiro que lhes restara não duraria muito tempo.

Percebia como Cañuela estava emagrecendo, ao privar-se de alimentos, para comprar os remédios receitados pelo médico. Remédios que, na opinião da senhora Arlington, quase pouco bem lhe faziam, além de serem dispendiosos.

A conta do médico, também, ficava alta. Sendo orgulhosas, insistiam em pagar-lhe, após cada visita.

O futuro parecia tão negro e sem esperanças, que a senhora Arlington afundou nos travesseiros e fechou os olhos.

Uma lágrima e logo depois outra, rolaram em suas faces emaciadas.

— Oh, Lionel, Lionel! — suspirou. — Como poderei continuar sem você?

Cañuela chegou a Piccadilly após baldear de um ônibus puxado a cavalos, para outro. Não houve qualquer incidente, ao contrário do que sempre acontecia, quando estava sozinha.

Ela já percebera o efeito que provocava nos homens. Embora isso freqüentemente resultasse em cortesia, assistência e polidez, também lhe dava bastantes aborrecimentos.

Por vezes, eram os caixeiros e mensageiros que procuravam puxar conversa com ela.

No West End, eram os homens de cartola, com aparência de cavalheiros, mas atitudes bem diversas.

Hoje, pela primeira vez, ela passava despercebida e, satisfeita, pensou que seu disfarce se revelara terrivelmente eficaz.

Também esperava que ele lhe desse uma aparência de mais idade.

Não obstante, poucos empregadores acreditariam que uma jovem de dezoito anos fosse tão inteligente e perita em idiomas como ela.

Nascera na Argentina, o que motivara seu nome. Seu pai e sua mãe estavam passando um período de férias na pacata e adorável cidadezinha de Cañuela, quando ela viera ao mundo, inesperadamente.

Quando fez cinco anos, seu pai fora removido para a Espanha e, após três anos em Madri, fora-lhe oferecido um posto mais alto em Lisboa.

De lá, haviam retornado à Argentina. Para Cañuela, como para seu pai, aquilo representara uma volta ao lar.

Como um menino, Lionel Arlington quisera mostrar-lhe todos os lugares que conhecera, durante sua última designação para Buenos Aires, antes do casamento. Durante todas as manhãs eles passeavam a cavalo pelos campos abertos e verdejantes, fora da cidade, cobrindo quilômetros e quilômetros.

Quando a Legação fechava para os fins de semana, eles exploravam as campinas maravilhosas e ensolaradas, as quais Cañuela passara a amar tanto quanto seu pai.

— Estou convencido — Cañuela o ouvira dizer à esposa — de que este foi o Jardim do Éden original. Se eu fosse Adão, jamais desejaria uma Eva mais bonita que você, meu amor.

A senhora Arlington rira para ele, mas havia uma expressão adorativa em seus olhos.

O casal era extremamente feliz, o que constituía uma sorte, porque a senhora Arlington, filha de Lorde Merwin, para desgosto da família, fugira com um pobre e desconhecido funcionário do Corpo Diplomático.

O que piorara sua atitude fora o fato de, na época, estar comprometida com um nobre importante: o noivo que lhe fora escolhido pelo pai.

“ — Minha família jamais me perdoará — dissera ela à filha — não apenas por ter-me casado por amor, mas por causa do escândalo que provoquei! Para meu pai, aparecer nos jornais era uma ofensa imperdoável, exceto em casos de nascimento ou morte.”

Cañuela recordou essas palavras, ao sentir que não poderia comprar para a mãe o necessário a fim de devolver-lhe a saúde.

Havia considerado a idéia de uma aproximação com o avô, se ainda vivesse, para solicitar-lhe ajuda. Depois achou que sua mãe não apenas a proibiria, mas que ele, sem dúvida, recusaria o seu pedido.

Ficara ressentida com os poucos parágrafos nos jornais, comentando o rompimento do noivado da filha, o que não pensaria das manchetes, editoriais e especulações intermináveis, a respeito da suposta traição e morte dramática do genro?

— Não. Terei de cuidar de mamãe sozinha! — murmurou para si mesma, enquanto subia as estreitas escadas que levavam ao primeiro andar da Agência Brewstead.

O senhor Brewstead era um homem idoso, de rosto angular e olhos brilhantes, dando a impressão de que só esperava ouvir mentiras da boca dos candidatos a emprego.

Olhava para os candidatos com um ar desdenhoso, que os deixava humildes e subservientes, assim que entravam na Agência.

Qualquer pretensão que pudessem ter, era rapidamente desintegrada, quando o senhor Brewstead os interrogava, valendo-se de sua longa experiência no ramo, a fim de conseguir informações que eles se esforçavam em não dar.

Para os empregadores em perspectiva, ele mostrava maneiras insinuantes, que os fazia declarar com satisfação:

— Brewstead é sempre muito prestimoso!

Cañuela esperou sua vez, viu um homem de cabelos grisalhos, candidato a caixa, ter sido humilhado e levado a pensar que estava na idade da aposentadoria, sem nenhuma esperança de emprego.

— Verei o que posso fazer pelo senhor — declarou o senhor Brewstead, desdenhosamente — mas é quase duvidoso que lhe encontre um emprego semelhante ao que teve antes. Volte amanhã para saber uma resposta.

Dando meia-volta, com uma expressão de desespero no rosto, o homem saiu, e o senhor Brewstead voltou à atenção para Cañuela.

Seus olhinhos sagazes observaram o vestido negro. Imediatamente constataram que o tecido não era dos melhores, embora o traje lhe assentasse perfeitamente.

Depois notou o chapéu simples, e então o olhar baixou para os óculos.

— Sim? — perguntou.

— Estou procurando um posto de secretária — respondeu ela.

— Há algo de errado com seus olhos?

— Em absoluto. Apenas gosto de usar óculos.

Ele tentou encontrar uma resposta ao comentário, mas falhou. Abriu o livro de registros.

— Sobrenome?

— Gray.

— Idade?

— Vinte e quatro.

Ele a observou mais de perto, mas não fez comentários.

— Endereço?

Cañuela o deu, pausadamente, e ele o registrou.

— Qualificações?

Algo na voz do homem, dava a entender que esperava uma resposta negativa.

— Falo espanhol, português e italiano — disse Cañuela. — Também um pouco de francês.

Alegrou-se ao ver que ele parecia um pouco surpreso, quando anotou sua resposta, sem comentários.

— Sabe usar uma máquina de escrever?

— Sei — respondeu ela. — Também sei um modelo taquigráfico que adaptei para meu uso, rápido o bastante para seguir o que me for ditado.

Enquanto falava, pensou que fora uma sorte ser sempre usada por seu pai como secretária não-oficial, quando ele estava em casa.

“— Não queremos gente da embaixada entrando aqui a todo o momento” — costumava dizer. — “Cañuela pode fazer tudo quanto tem de ser feito. Quero minha casa apenas para mim.”

Por vezes, quando tinha relatórios a entregar, ele dizia na Legação que ficaria ausente por dois ou três dias. Nessas ocasiões, Cañuela e o pai agiam como estudantes gazeteiros e partiam da cidade a cavalo, para mais uma de suas explorações.

À noite, depois de passarem o dia sobre a sela, ela taquigrafava o trabalho do pai e ficava até tarde datilografando.

Tudo aquilo lhe trouxera muito divertimento, e Cañuela adorara cada momento passado juntos.

Agora, ela se sentia grata por possuir qualificações que o próprio senhor Brewstead achava sólidas.

— Mostre-me suas referências — pediu ele, no tom de quem se prepara para encontrar falhas.

— Sempre trabalhei fora do país — replicou Cañuela. — Levarei algum tempo escrevendo para meus empregadores anteriores, pedindo-lhes referências sobre meu serviço.

O senhor Brewstead soltou a pena com que escrevia.

— Sem dúvida — disse — a senhorita teve o senso comum de solicitar referências escritas, antes de deixar seu último emprego, não?

— Para ser franca, não julguei que fossem necessárias — replicou ela, com ar pomposo. — Não pensei voltar a trabalhar quando cheguei à Inglaterra e, em vista disso, na época considerei desnecessárias as referências.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Por outro lado, se for indispensável, eu as conseguirei, embora não tão depressa quanto desejaria.

Sua explicação pareceu plausível mesmo para si própria. O senhor Brewstead releu o que escrevera.

Nesse momento, entrou um homem na agência de empregos.

Era de meia-idade, vestido de maneira sóbria e decente.

Caminhou para a mesa do senhor Brewstead com ar autoritário, e Cañuela ficou de

lado, dando-lhe o lugar.

— Bom dia, senhor Hayward! — cumprimentou o senhor Brewstead, efusivo. — Não esperávamos vê-lo tão cedo por aqui!

— Infelizmente, o rapaz que nos enviou era ineficiente de maneira total e absoluta! — replicou o recém-chegado. — Seu espanhol era lento e difícil e, quanto ao português, uma nulidade!

— Ora, ora... Lamento profundamente — desculpou-se o dono da agência de empregos. — Ele tinha excelentes referências!

O homem de meia-idade deu um ligeiro sorriso.

— O padrão de espanhol, que os ingleses acham suficiente, é inútil para as exigências de meu empregador.

— Aceite as minhas desculpas — disse o senhor Brewstead. — Espero poder lhe encontrar alguém à altura. De qualquer maneira, senhor Hayward, no momento não temos qualquer candidato registrado que fale outro idioma além do nativo.

O senhor Hayward suspirou.

— Sei que é difícil — respondeu. — O senhor fez o que pode, mas, infelizmente, não resolveu o meu problema.

Ia deixar o gabinete do senhor Brewstead, quando Cañuela deu um passo em frente.

— Eu falo espanhol e português — disse.

O senhor Hayward virou-se para fitá-la.

— Francamente! — bufou o senhor Brewstead. — O cavalheiro não pretendia empregar uma mulher!

— Que diferença faz, se ele não encontra um homem que preencha a função? — replicou ela.

O senhor Hayward continuava a fitá-la. Depois perguntou:

— É mesmo eficiente em espanhol?

— Falo tão bem quanto o inglês.

— E quanto ao português?

— Morei em Portugal durante cinco anos.

O senhor Hayward hesitou. Depois disse ao senhor Brewstead:

— Talvez não devesse fazer a sugestão, mas penso que o senhor López consideraria esta jovem.

— Então, por que não a leva com o senhor? — insinuou o dono da agência. — A resposta só pode ser “não”!

— É verdade — disse o senhor Hayward. — Poderia vir comigo, senhorita...?

— Gray — respondeu Cañuela.

— Tenho uma carruagem esperando — disse o senhor Hayward. — Se a senhorita não servir, ela a trará de volta em meia hora.

— Obrigada.

— Só posso esperar, senhorita Gray — interpôs rispidamente o senhor Brewstead

— que nos tenha dito a verdade e que fale essas línguas como afirmou. O senhor

López é muito exigente.

— Sim, exigentíssimo! — acentuou o senhor Hayward, com um suspiro. — Não percamos mais tempo, por favor. Ele já ficou bastante aborrecido, ao constatar que o rapaz a nós enviado era tão incompetente. Foi uma manhã difícil, posso garantir!

— Lamento... Sinto muito, realmente! — disse o senhor Brewstead. — Esperemos que a senhorita Gray possa preencher a vaga.

Algo em seu tom, dava a entender que ele considerava tal hipótese inteiramente fora de questão.

Sem dizer mais nada, o senhor Hayward tomou a direção da escada e Cañuela o seguiu, um tanto inibida.

Enquanto caminhava, procurava imaginar quem seria o senhor López. Era um nome bastante comum, na Espanha e Argentina. Em ambos os países, tanto podia pertencer a aristocratas como a mendigos.

Enfim, quem quer que fosse o senhor López, era evidente que merecia o respeito, tanto do senhor Hayward, quanto do senhor Brewstead.

Havia uma carruagem esperando, diante do prédio.

Um criado abriu a porta e, com esforço, o senhor Hayward usou as boas maneiras, permitindo que Cañuela subisse em primeiro lugar.

Depois se acomodou ao lado dela, no assento traseiro, rodando agitadamente o chapéu entre as mãos.

— Está bem certa, jovem, de que fala espanhol fluentemente? — perguntou, quando a carruagem começou a rodar.

— Não se preocupe quanto a isso — garantiu-a. — Eu sou bilíngüe.

— Meu empregador é um homem exigente — muito exigente mesmo! — suspirou o senhor Hayward. — Procura sempre a perfeição. Quer que todos sejam tão rápidos quanto ele, torna-se intolerante, muito intolerante, na realidade, quando as pessoas cometem erros.

Seu tom devia parecer aterrorizante, mas Cañuela perguntou, não se deixando impressionar:

— O senhor López é espanhol?

— Não, senhorita. É argentino — respondeu o senhor Hayward.

Cañuela ficou tensa.

— Trata-se do Senor Ramón Mendoza de López! — acrescentou o senhor Hayward.

Cañuela sentiu a respiração faltar.

Agora sabia de quem falavam! Ramón Mendoza de López, era um dos homens mais comentados e admirados em toda a Argentina.

López se tornara uma figura representativa da poderosa elite que emergira da rápida expansão da economia argentina.

Recordou vagamente, embora nunca o tivesse visto, que era descrito como sendo um homem atraente, famoso por suas façanhas no amor e no jogo. Quando jovem, ele havia gasto uma fortuna e em seguida levantado outra.

López era um aristocrata por direito, uma vez que seus ancestrais foram para a

América do Sul como conquistadores.

Cañuela recordou ainda que a mãe dele fosse inglesa. A mãe ou, talvez, a avó.

Sabia tais dados sobre López, porque seu pai falava nele frequentemente.

Pelas conversas em casa, fora informada de que López contribuía para a fundação do Jóquei Clube. Era imensamente rico e um dos mais poderosos latifundiários argentinos, com fundos conhecimentos sobre as possibilidades financeiras e políticas do país.

— Um dia, Ramón de López será presidente da Argentina — dissera Lionel Arlington certa vez.

— Por que diz isso, papai?

— O povo precisa de alguém para idolatrar — replicara ele, com um sorriso. — Ramón de López preenche todos os requisitos românticos de como deve ser um argentino.

Falava com certo jeito cínico, mas ainda assim, Cañuela percebeu que ele admirava, talvez invejasse o brilhante rapaz, tão poderoso, que tinha tudo a seu favor.

Não obstante, ela disse para si mesma, que Ramón de López fora um dos homens que haviam perseguido seu pai, por ocasião do desaparecimento do célebre mapa.

Várias personalidades locais haviam acusado seu pai, dando entrevistas aos jornais e instando a Legação Britânica a enviá-lo de volta a seu país.

Cañuela quase podia jurar que Ramón de López estava entre eles. Sua mãe poderia informá-la com segurança.

Quando uma onda de ódio a invadiu, ao pensar no que os argentinos tinham feito a seu pai — mesmo os que se diziam amigos — teve vontade de mandar a carruagem parar e ir embora.

Depois disse para si mesma que talvez o destino penetrasse em sua vida, naquele particular momento.

Era bem possível que encontrasse uma oportunidade de vingar seu pai, de destruir um argentino, como estes o haviam destruído.

“Eu os odeio! Eu os odeio!” tinha vontade de gritar.

Depois reparou que estava tensa, quando a carruagem fez alto diante de um prédio majestoso, em uma rua além de St. James.

— Este prédio pertence ao Governo Argentino — explicou o senhor Hayward. — É onde fica o Senor López, quando está em Londres. Tem um apartamento particular no primeiro pavimento. Os escritórios ficam no térreo e nos pavimentos superiores.

Depois de entrarem, ele caminhou por entre vários criados de libre.

Havia uma imponente sala de espera, na parte fronteira do prédio, para onde ele conduziu sua acompanhante.

— Se quiser ter a gentileza de aguardar aqui, senhorita Gray — disse — verei se o Senor López está e se pode entrevistá-la agora.

Fez uma pausa, para acrescentar em seguida:

— Como compreende, é certo que, nem por um momento, ele irá considerar uma mulher como possível funcionária...

— Percebo que fui uma privilegiada em chegar até aqui, levando em consideração o infeliz acidente de meu nascimento! — replicou ela, cheia de ironia.

O senhor Hayward a fitou como que em estado de choque, antes de dar meia-volta e retirar-se.

Cañuela riu. Então, percebeu que comentários daquele tipo eram a maneira mais segura de garantir sua volta à Agência de Empregos Brewstead.

“Devo ser humilde”, pensou, mas algo enérgico e decidido dentro dela parecia rebelar-se a tal idéia.

“— Você deve ser orgulhosa” — dissera-lhe o pai, um dia. — “Orgulhosa de si mesma, para sempre manter a cabeça erguida e encarar qualquer homem diretamente! Apenas os covardes e bajuladores rastejam, esperando que os outros os chute!”

“Meu pai foi chutado, quando menos esperava”, pensou, com amargura.

Desejava recordar, com certeza, se Ramón de López fora um dos que haviam mostrado o» dentes para ele, em sua hora de necessidade. “Se eu pudesse devolver a eles o que fizeram a papai!” pensou, vingativa. Lembrava o quanto seu orgulhoso e sensível pai havia sofrido, quando apenas duas ou três pessoas foram ao seu embarque, ao partirem de Buenos Aires. Que diferença de outras épocas! Então, o camarote ficava atulhado de flores, frutas, caixas de bombons e livros... Dúzias de amigos acudiam ao cais, para as despedidas, e para desejar que voltassem breve, que o esperavam com ansiedade. Da última vez, no entanto, haviam embarcado com o peso de tremendas acusações sobre eles. Cañuela recordava o rosto lacrimoso de sua mãe e a fisionomia lívida, amarga de seu pai.

“Eu os odeio! Odeio os argentinos! Nunca mais porei os pés naquele país!” jurou ela.

A porta se abriu.

O senhor Hayward surgiu à vista.

— O Señor López a receberá, senhorita Gray.

Cañuela levantou-se.

Por um momento, não desejou aquele encontro com López. Algo em seu íntimo, embora não definisse o que fosse, parecia avisá-la para não subir ao pavimento superior, insistindo para que fugisse.

Depois, considerou que estava sendo ilógica.

Estava ali à procura de um emprego e, quem mais provável como empregador senão um argentino, cuja secretária deveria falar espanhol e inglês fluentemente?

Ao mesmo tempo, enquanto acompanhava o senhor Hayward de graus acima, disse para si mesma que o emprego, fosse qual fosse, não ia durar muito tempo.

Sem dúvida, Ramón de López viera à Inglaterra apenas para uma curta visita.

Se ela fosse esperta, talvez ganhasse dinheiro suficiente para durar um mês ou mais, após ele partir. Estava firmemente decidida a comprar para a mãe todos os pequenos luxos que o médico lhe receitara como essenciais.

O senhor Hayward parou diante de uma porta no primeiro andar e virou-se para abri-la silenciosamente.

— A senhorita Gray, senhor — anunciou, respeitoso.

Cañuela entrou.

Era uma imensa sala de estar, decorada luxuosamente com sofás e poltronas, diante

de uma lareira de mármore. As longas janelas abriam-se sobre o parque de St. James. Um majestoso candelabro de cristal pendia do teto. Era tudo impressionante, porém ainda mais impressionante era o homem que se levantou de trás da mesa de trabalho, a um canto do salão.

Depois do que o pai lhe dissera, Cañuela esperava encontrar um homem atraente, mas não imaginara que ele pudesse ser tão alto, de ombros tão largos e, ao mesmo tempo, tão elegante.

Ele tinha o rosto afilado, de traços bem feitos, queixo quadrado e olhos fundos, sob sobrancelhas retas. Os cabelos escuros, penteados para trás, mostravam a testa bem feita.

Em Ramón de López havia algo autocrático, evidente no momento em que alguém olhava para ele.

Era um aristocrata, alguém que nascera para comandar, para dar ordens e ser obedecido, um homem que estranharia se suas incumbências não fossem cumpridas prontamente!

Cañuela reparou também que havia um toque de crueldade em sua boca, algo que a fez se sentir repentinamente inibida, ao medir a investigação daqueles olhos.

Ele a observava como se procurasse qualquer coisa, não olhando apenas para a superfície, mas querendo desvendar o íntimo, o que se escondia por trás da aparência.

Nervosa, Cañuela disse para si mesma que estava dando apenas asas à imaginação.

No momento, atribuía a Ramón de López a aura que ele conquistara na Argentina, que nada tinha a ver com o trabalho que faria para ele.

— Sente-se, senhorita Gray.

Com a mão, López indicou-lhe uma poltrona diante da mesa.

Cañuela sentou-se, ereta, na borda da poltrona. Sem saber por que, estava nervosa.

López irradiava uma sensação de força, dando-lhe a impressão de que transpassava seu disfarce, pois sabia que ela escondia a verdadeira identidade.

— Soube, pelo senhor Hayward, que fala espanhol com fluência. É verdade?

— Sim, senhor — respondeu ela.

Sem alterar o tom de voz, ele começou a falar, em tremenda velocidade, sobre seu trabalho na Inglaterra, ligado ao Mercado Argentino de Carne.

Mencionou negociações e discussões que estavam sendo levadas a efeito, as quais, segundo esperava, conduziriam a vantajosos contratos. Terminou o que dizia com uma pergunta. Sem qualquer pausa, Cañuela respondeu em espanhol. Sabendo que era o esperado de sua parte, expressou-se com a mesma rapidez dele. Ao terminar, notou que havia um brilho de surpresa nos olhos de Ramón de López.

Em seguida, sem uma pausa, ele continuou a conversa, desta feita em português.

Cañuela tornou a responder, assim que ele terminou.

Sabia que, do ponto de vista lingüístico, seu português era ainda mais puro que o espanhol, e perguntou-se se López o perceberia.

Ele percebeu!

— Seu espanhol é excelente, senhorita Gray — disse ele, em inglês. — Foi uma surpresa constatar que muitas das palavras usadas por mim — e repetidas pela senhorita

ao responder — foram pronunciadas com sotaque argentino.

Ela ficou calada.

No momento, desejou ter-se apegado mais ao espanhol castelhano formal, que havia falado em Madri.

— Como pode falar tão bem? — quis saber ele.

— Estudei os dois idiomas.

Deu a informação em um tom reprimido e frio que, segundo esperava, deixaria bem clara a sua intenção de esquivar-se a interrogatórios.

— Sabe escrever à máquina?

— Sim.

— E quanto à taquigrafia?

— Posso anotar um ditado, em velocidade normal.

— Consideraria “normal” a velocidade em que acabei de falar?

— Mais ou menos. Certos termos comerciais são um tanto difíceis no início, mas logo ficarei acostumada a eles.

Ramón de López brincou com um corta-papéis de marfim, que jazia na mesa. a seu lado.

— Sem dúvida, sabia que eu pretendia contratar um homem, não, senhorita Gray?

Cañuela baixou a cabeça.

— Entretanto, fui informado pelo senhor Hayward de que não há nenhum candidato disponível no momento e, como estou assoberbado de trabalho e com inúmeros cabogramas para serem decifrados todos os dias, preciso de um assistente imediatamente.

Fez uma pausa, como se esperasse que ela dissesse qualquer coisa. Depois perguntou:

— Quando poderá começar a trabalhar?

— Amanhã — respondeu Cañuela. Ramón de López ficou de pé.

— Muito bem então, senhorita Gray. Gostaria de começar com seu trabalho em uma base semanal, pois ignoro quanto tempo ficarei em Londres. Entretanto, serei franco com a senhorita: se, nesse meio tempo, encontrar um secretário, estarei livre para dispensar seus serviços.

— Compreendo. Uma mulher está sempre em segundo lugar — replicou Cañuela.

Arrependeu-se de suas palavras, assim que as pronunciou.

Viu o olhar agudo que ele lhe lançou, e teve certeza de que López não estava acostumado a ter secretários que fossem além de completos e absolutos capachos.

— Muito bem, senhorita Gray — disse. — Espero que esteja pronta para trabalhar às nove horas da manhã.

— Há mais um detalhe, Señor López — lembrou Cañuela. — Gostaria de saber que salário o senhor oferece pelo cargo.

— Claro — replicou ele, com um ligeiro sorriso. — Evidentemente, é um detalhe da máxima importância. Quanto pretende ganhar?

A pergunta apanhou-a desprevenida. Por um momento, não encontrou resposta e, então, disse:

— Não faço bem idéia de qual seja o salário correto na Inglaterra. Até agora, tenho trabalhado no estrangeiro.

— Como eu também não imagino — disse López — faremos uma verificação.

Tocou uma sineta em sua mesa e a porta se abriu, quase em seguida. O senhor Hayward entrou com tal rapidez, que era impossível ignorar que estivera ouvindo à porta.

— Hayward — perguntou o senhor Lopez — que salário eu pretendia pagar ao rapaz que não valia um níquel?

O senhor Hayward mencionou uma soma que fez Cañuela prender o fôlego.

Era mais, muito mais do que imaginara ganhar uma secretária!

— Muito bem — disse Ramón de López — espero que o salário esteja à altura de suas pretensões, senhorita Gray.

— Estou preparada para aceitá-lo — respondeu ela — desde que, começando a trabalhar às nove horas, esteja livre às cinco.

Ramón de López franziu as sobrancelhas.

— Esperei que pudesse ficar mais tempo — disse. — Os cabogramas têm o desconsiderado hábito de chegar no fim da tarde.

Houve uma pausa de silêncio. Depois ele disse, um tanto divertido:

— Está querendo dizer, senhorita Gray, que, se eu a mantiver até mais tarde, devo pagar-lhe as horas extra? Estou certo de que o senhor Hayward providenciará para que seja recompensada à altura.

— Obrigada — disse Cañuela. Levantou-se e inclinou a cabeça ligeiramente.

Um tanto consternada, recordou que aquilo era algo a ser feito no momento em que pisara naquela sala.

Virou-se e caminhou para a porta, esperando parecer digna, e também que Ramón de López não percebesse a velocidade das batidas de seu coração.

CAPÍTULO 2

— Aqui está o relatório, senhor. Ramón de López levantou os olhos do papel onde escrevia, e Cañuela julgou notar neles uma expressão surpreendida.

— O relatório que lhe entreguei ontem?

— Sim, senhor.

Ele apanhou as folhas que Cañuela estendia. Por sua atitude, dava a impressão de considerar o relatório um amontoado de erros, tal a rapidez com que fora concluído.

Suas palavras seguintes confirmaram tal impressão.

— Sente-se, senhorita Gray. Talvez eu precise efetuar algumas alterações e deverei explicá-las, assim que ler tudo.

Cañuela sentou-se na poltrona que ocupara três dias antes, ao ser contratada para aquele emprego.

Quando López se recostou em sua cadeira e começou a ler as folhas datilografadas do relatório, ela pensou que o odiava cada vez mais.

Não se enganara, ao julgá-lo um dos que haviam abandonado seu pai, quando ele mais precisava dos amigos.

— O Senhor López? — dissera lentamente sua mãe, quando Cañuela voltara, com a notícia do emprego conseguido.

Depois, a senhora Arlington soltara uma exclamação:

— Não! Não Ramón López!

— Conte-me o que sabe dele, mamãe.

— Seu pai o estimava muito. Admirava-o e aprovava a maneira como tentava instituir reformas no país...

A senhora Arlington fez uma pausa.

— Quando papai foi acusado de traição, ele foi um dos que o intrigaram — interpôs Cañuela.

— Não, positivamente — replicou sua mãe. — Entretanto, o Senhor de López nunca foi ver seu pai, nem mesmo quando ele lhe escreveu.

— Papai escreveu a ele?

— Escreveu... Estava tão desesperado, tão deprimido, tão chocado com as mentiras espalhadas a seu respeito, que escreveu ao Senhor de López, procurando aconselhar-se.

A voz da senhora Arlington era dura, quando continuou:

— O homem que seu pai considerou amigo durante tantos anos, nem se dignou responder-lhe!

— É difícil de acreditar! — exclamou Cañuela. — A carta foi enviada ao portador?

Sabia que os correios de Buenos Aires eram bastante dados a extravios de correspondência.

— Seu pai enviou a carta por um de nossos criados de maior confiança — afirmou a senhora Arlington. — Se o Senhor não estivesse em casa, na Plaza San Martin, a carta deveria ser levada imediatamente, por um de seus muitos criados, à estância de sua

propriedade, que fica a menos de duas horas da cidade, a cavalo.

— Lembro-me dela agora! — exclamou Cañuela. — Claro que me lembro! Nunca fui lá, mas quando andávamos a cavalo, papai a apontou certa vez para mim. Disse que era uma das estâncias mais modernas e magníficas de todo o país!

— O Senhor é um homem muito poderoso e influente — disse a senhora Arlington.

— Eu o odeio, pelo que fez a papai — replicou Cañuela — mas trabalharei para ele, porque paga bem e porque espero, de uma maneira ou de outra, vingar meu pai.

— Não! Não fale assim, filha — pediu a senhora Arlington. — Não é atitude digna de você, Cañuela. O ódio é uma coisa perigosa, não apenas para a pessoa contra quem é dirigido, mas também para nós próprios.

Uma sombra de sorriso surgiu nos lábios da jovem.

— Você me ensinou isso, quando eu era muito nova. Em consequência, durante toda a minha vida, procurei nunca odiar ninguém, mamãe. Entretanto, não pode esperar que eu sinta algo mais que não seja ódio por aqueles que considero responsáveis pela morte de papai.

Suas palavras pareceram criar uma tensão no aposento.

Era a primeira vez que a senhora Arlington ou sua filha exprimiam em voz alta o que tinham sempre no pensamento: que a morte de Lionel Arlington não fora acidental.

— Você não poderia trabalhar para outra pessoa? — perguntou a mulher, após algum tempo.

— Duvido que outro patrão pague tão bem — replicou Cañuela. — De qualquer modo, isto não vai durar muito, mamãe.

Pensou que, talvez, Ramón de López a mandasse embora no fim da semana, conforme ameaçara, caso não a julgasse adequada ou encontrasse um homem para substituí-la.

“Enquanto recebo o dinheiro dele”, pensou, “poderei odiá-lo e esperar que, de alguma forma, isso o magoe!”

O principal é que, nesse meio tempo, sua mãe teria leite e creme, ovos e frutas, além dos frangos tenros que constituíam uma das prescrições do médico.

O alto salário oferecido pelo Senhor de López era uma espécie de consolo para seus sentimentos.

Depois que saiu do trabalho, Cañuela tomou um ônibus puxado a cavalos até Bloosmbury, onde trocou por outro, que a deixou perto das lojas onde comprava provisões diariamente.

Enquanto voltava para casa, preocupava-se com a idéia de sua mãe ficar sozinha por tantas horas.

Em verdade, a senhora Arlington podia movimentar-se em casa, mas era sua solidão que perturbava Cañuela.

Tinha a impressão de que parte da doença de sua mãe era o fato dela ficar mais deprimida e infeliz a cada dia.

A princípio, ela chorara amargamente a falta do marido, o que era mais compreensível e natural que um estado apático.

Agora, parecia despertar mais alheia a cada manhã, fazendo um tremendo esforço para interessar-se por alguma coisa.

Cañuela procurava conversar, tentava distraí-la, mas o curioso é que suas conversas sempre as levavam ao passado.

Desesperada, ela chegava a pensar que nunca mais veria os olhos da mãe brilharem como antes, por melhor filha que fosse.

Desceu do ônibus na rua apinhada e caminhou para a pequena mercearia onde seu dono, um velho jovial e calvo, demonstrava cortesia e consideração por seus fregueses.

— Boa tarde, senhorita Gray — cumprimentou, assim que a viu. — O que posso fazer hoje pela senhorita? Como vai sua pobre mãe?

— Minha mãe está na mesma, obrigada, senhor Robson — replicou ela. — Tenho uma boa lista de compras para fazer, e gostaria de saber se aceita o pagamento no fim da semana.

— Evidentemente, senhorita Gray!

Ela comprou mais que o costume, e depois perguntou:

— Por acaso, o senhor sabe o endereço daquela simpática senhora que esteve aqui na outra tarde? Uma que, segundo me informou, era professora aposentada?

O senhor Robson era um mexeriqueiro incorrigível. Assim que um freguês saía de seu estabelecimento, ele estava pronto para um resumo de seu passado, temperamento e interesses.

— Está falando da senhorita Graham — disse. — É realmente uma simpática senhora, mas creio que está atravessando tempos difíceis.

— Foi o que o senhor me disse antes — replicou Cañuela. — Eu gostaria de entrar em contato com a senhorita Graham, se fosse possível.

— Tem em mente algo que possa ajudá-la? — perguntou ele, mal conseguindo disfarçar a curiosidade.

— Mais ou menos — foi à resposta evasiva. — Sabe onde ela mora, senhor Robson?

— É só dobrar a esquina — respondeu o dono da mercearia. — A coitadinha vive em um cômodo pequenino, com espaço apenas o bastante para um gato, segundo diz meu filho. Ele vai lá, de vez em quando, entregar-lhe as compras. Infelizmente, como deve saber, senhorita, é muito difícil que uma pessoa consiga economizar, em tal situação...

— Sem dúvida. E o endereço?

— Museu Lane, vinte e dois — informou o senhor Robson. — E agora, senhorita Gray permita-me enviar o jovem Joe com suas compras. Ele estará aqui em meia hora.

— Seria muita gentileza, desde que ele não demore mais que isso — respondeu Cañuela. — Preciso cozinhar alguma coisa nutritiva, para o jantar de minha mãe.

— Ele a alcançará, quase antes de chegar em casa, senhorita — prometeu o velho.

Cañuela saiu da mercearia, e dirigiu-se ao número vinte e dois, de Museu Lane.

Encontrou a senhorita Graham em casa.

A mulher aparentava uns sessenta anos, era magra e pálida, talvez por não alimentar-se o razoável.

A mulher sorriu para ela, quando lhe abriu a porta.

— Posso falar com a senhora por um momento, senhorita Graham?

— Claro, senhorita Gray! Entre, por favor. Aqui é muito pequeno, mas para mim, representa o lar...

Tudo estava imaculadamente limpo e arrumado mas, como dissera a senhorita Graham, o aposento não podia ser menor.

A cama, a um canto do cômodo, transformava-se em sofá durante o dia, enfeitada com algumas almofadas pobremente bordadas. Uma parede era coberta de livros, de alto a baixo. Um armário escondia não apenas as roupas, mas todo o indispensável para cozinhar. O bico de gás ficava próximo da lareira.

Ali havia espaço apenas para uma pequena poltrona e uma cadeira, ao lado de uma mesa que ela dobrava e colocava diante da janela.

Cañuela sentou-se na poltrona, e a dona do quarto ocupou a cadeira.

— Vim vê-la para saber se poderia me ajudar, senhorita Graham — começou.

— Como poderei ajudá-la? — replicou a mulher. — Farei tudo que estiver ao meu alcance, senhorita Gray.

Ao falar, seus olhos mostravam uma expressão temerosa e acanhada. Quase com horror, Cañuela percebeu que a mulher talvez pensasse que ela fora ali lhe pedir algum dinheiro emprestado.

— Acabei de encontrar um emprego — disse, rápida. — Trata-se de um cargo vantajoso, embora talvez não dure muito tempo. Entretanto, estou preocupada com minha mãe.

A expressão de alívio da senhorita Graham fez Cañuela constatar que sua suspeita fora certa.

— Eu não gosto de deixá-la sozinha o dia inteiro — explicou. — Enfim, senhorita Graham, vim saber da senhora se poderia passar algum tempo com ela, algumas horas do dia, pelo menos.

— Oh, claro que posso, senhorita Gray! — exclamou a idosa professora. — Seria um prazer!

— Evidentemente, eu gostaria de remunerá-la.

— Será uma honra e um prazer ficar com sua mãe — replicou a velha senhora, com firmeza — sem envolvermos qualquer questão de pagamento!

— A senhora deve compreender que não posso tirar partido de sua boa vontade

— sorriu Cañuela.

Ao ver que a senhorita Graham ia insistir em sua recusa, disse rapidamente:

— A senhora é orgulhosa, mas também o somos; por outro lado, senhorita Graham, eu gostaria de partilhar minha sorte, ao conseguir um emprego tão bem remunerado. Como disse, pode não durar muito tempo...

— Então, deve economizar para sua mãe, querida.

— Ouça, tenho uma idéia — disse Cañuela: — pagarei as suas despesas, e isso inclui a viagem daqui até onde moramos.

Ela sorriu.

— Solas de sapatos custam tanto quanto uma passagem de ônibus e eu também

ficaria grata, se a senhora fizesse algumas compras para mim. Se tiver de ficar até mais tarde no emprego, as lojas já estariam fechadas quando eu voltasse. Não quero que minha mãe fique com fome.

— Sem a menor dúvida, senhorita Gray.

— Se a senhora cozinhar-lhe o almoço — é muito importante que ela se alimente em horas certas, segundo o médico — e fizer-lhe companhia na refeição, eu ficaria mais que agradecida.

— Não vou privá-la de sua comida, senhorita Gray! — protestou à senhora Graham.

— Sei que mamãe não admitiria almoçar sozinha — replicou Cañuela.

Por fim, a senhora Graham aceitou o que parecia uma soma ridiculamente pequena por seus serviços. Ao mesmo tempo, Cañuela tinha certeza de que isso lhe aliviaria a situação.

Por outro lado, seria uma boa ajuda, ela ter uma refeição de graça.

Além disso, Cañuela podia garantir que as duas senhoras apreciariam xícaras incessantes de chá.

A senhora Arlington aceitou as providências da filha sem nenhum protesto.

Cañuela tinha a impressão de que ela achava difícil argumentar contra qualquer coisa, incluindo-se planos que lhe diziam respeito.

A maior preocupação da senhora Arlington era a filha.

— Há muitos homens onde você está trabalhando?

— Muitos — respondeu Cañuela. — A julgar pelos que vejo, subindo e descendo as escadas. Não se preocupe tanto, mamãe — sorriu. — Quando eles notam meus óculos, imediatamente olham para outro lugar.

— Não é de surpreender! — exclamou a senhora Arlington.

A mulher sorria pela primeira vez.

— Tire-os do rosto, filha. Não suporto vê-la com essa aparência horrível. Seu pai sempre detestou mulheres feias!

No dia seguinte, quando entrou em sua sala de trabalho, vizinha ao salão em que o Senhor de López trabalhava, Cañuela constatou que tinha um bocado de tarefas a fazer.

Ficou espantada com o número de cabogramas cifrados que seu chefe enviara e horrorizada com a despesa que representavam.

Cabogramas cifrados de certa extensão, custavam cem libras ou mais e, evidentemente, o Senhor de López parecia nem perceber a quanto montava a cifra paga por eles.

Ali, os cabogramas fluíam indo e vindo, entre a Inglaterra e a Argentina, como bandos de pássaros.

Cañuela percebeu, imediatamente, que o Senhor de López estava empenhado em complexas negociações, não envolvendo apenas uma mercadoria, mas meia dúzia delas!

A Argentina não se ocupava somente da exportação de carne congelada, um mercado que aumentava de ano para ano, mas também vendia lã em grandes quantidades. A exportação de cereais, trigo e linhaça, também ganhava corpo de ano a

ano.

Cañuela concluiu que não era de espantar, se os latifundiários e os controladores das estruturas de suporte comercial estivessem ficando imensamente ricos.

Gradualmente, Buenos Aires passara a tornar-se um sinônimo de luxo e poderio.

Antes de partirem da Argentina, ela e sua mãe tinham rido muito dos magnatas que alugavam ferrovias particulares, capazes de transportar o grosso de seus efetivos, das residências de inverno para as de verão.

Certo *estanciero* chegara ao cúmulo de levar sua manada de vacas leiteiras para a Europa, a fim de garantir o leite adequado para os filhos beberem.

Além disso, o Jóquei Clube, na Calle Florida, era um centro não apenas para recreação da elite local — da qual fazia parte o Senhor de López — mas se transformara também em tesouraria de livros e trabalhos de arte, os quais seu pai lhe tinha descrito com frequência.

Cañuela sabia que o poder, em Buenos Aires, não era distribuído eqüitativamente.

Não obstante, bem poucos argentinos eram tão desesperadamente pobres, como as pessoas que via nos becos e ruelas de Londres.

Na Argentina, a alimentação era abundante, barata e boa.

Seu pai sempre comentava que o motivo de serem os homens e mulheres do país predominantemente fortes, saudáveis e de boa aparência, era o fato de seus antepassados imediatos não haverem conhecido a subnutrição, o frio e a má saúde persistente, encontrados nos bairros miseráveis da Inglaterra.

“A aristocracia da Argentina, no entanto, dispunha de tudo,” pensava ela, contemplando o Senhor de López. Percebeu que ele lia o relatório datilografado com um ar de arrogância, em uma pose de muito à vontade.

Aquela era uma das coisas que detestava nele. Seus olhos, escondidos atrás das lentes enfumaçadas, brilharam de ódio, enquanto fitavam o homem acomodado atrás da mesa.

Era demasiado seguro de si, excessivamente autoconfiante. Dava uma certa impressão de bucaneiro, como se estivesse decidido a tomar, pela força, o que não pudesse obter de outra maneira.

Suas roupas mostravam bom corte e, evidentemente, provinham de Saville Row.

Eram trajes ingleses, que lhe assentavam sem exagero, embora ele os usasse de uma maneira que lhe dava uma aparência libertina, mesmo que ninguém pudesse, na realidade, descobrir a menor falha em sua apresentação.

Talvez fosse por ele ser tão atraente, além de possuir uma personalidade que, na opinião de Cañuela, se destacaria até mesmo em um aposento apinhado de outros homens.

Ramón de López folheou página por página o relatório, sem qualquer comentário.

Satisfeita, Cañuela percebeu o espanto no rosto do homem, quando finalmente ele terminou de ler. Depositando o relatório sobre a mesa, Ramón de López disse:

— Foi um bom trabalho, senhorita Gray. Eu esperava que fosse o primeiro rascunho de muitos outros, mas pode ser enviado exatamente como está.

Ela ficou de pé.

Ao invés de entregar-lhe o relatório de volta, ele perguntou:

— Onde aprendeu a escrever tão bem um relatório complicado?

Cañuela não respondeu.

— Eu lhe fiz uma pergunta, senhorita Gray.

— Em meu último emprego — replicou ela.

— E onde foi isso?

— No estrangeiro.

— Em que país trabalhou por último?

— Portugal.

— Como conseguiu, em Portugal, aprender tantos termos comerciais da Argentina?

Ela tornou a ficar calada. Ramón de López insistiu:

— Fiz-lhe outra pergunta, senhorita Gray.

— O senhor já terminou de ler o relatório, senhor — disse ela. — Se eu o levar agora, poderá alcançar a próxima mala postal.

Ramón de López recostou-se na cadeira.

— Em outras palavras: não pretende responder ao que perguntei?

— Não!

— Acha que não tenho o direito de fazer perguntas?

— Penso que são irrelevantes, para o trabalho que faço aqui.

— Muito ao contrário; creio que são bem pertinentes.

Houve uma pausa, e então ele acrescentou:

— Penso que fui bastante omissos em nossa primeira entrevista, senhorita Gray. O empregador deve interrogar o candidato a um posto. Imaginei que tais preliminares haviam sido providenciadas pelo senhor Hayward, mas ele me disse que a senhorita nada lhe comunicou a seu respeito.

— Não!

— Por que não?

— Ele não me perguntou.

— E não acha que agora tenho o direito de interrogá-la?

— Espero que esteja desempenhando meu trabalho a contento, senhor.

— Quanto a isso, não há dúvidas, senhorita Gray. Com toda a sinceridade, posso garantir que ainda não conheci alguém capaz de fazer um relatório como fez à senhorita, aprovado na primeira tentativa, com tanta competência e rapidez.

Cañuela inclinou a cabeça, como que constrangida ante aquele elogio.

Houve uma nova pausa, e Ramón de López disse:

— A senhorita me deixa curioso. Permita-me dizer que é incomum encontrar-se alguém, de sua educação, trabalhando para viver.

Não havendo comentário que ela pudesse fazer a esse respeito, sem esclarecer algo sobre si mesma, limitou-se a esperar.

— Mora em sua casa? — perguntou López.

— Moro com minha mãe.

— E ela não se incomoda em permitir-lhe que trabalhe fora?

— Não.

A palavra pareceu ser arrancada dos lábios de Cañuela, e ele riu.

— Está ansiosa para responder que isso não é da minha conta — disse ele. — Estou lendo em seus olhos! Precisa mesmo usar esses óculos, senhorita Gray? Pensei que lhe tornassem o trabalho mais árduo.

— Preciso usá-los — respondeu ela.

— Parece uma corujinha com eles — sorriu Ramón de López. — Evidentemente, uma corujinha sábia. Temos muitas corujas na Argentina; são pequeninas, acinzentadas e brancas, com um pio inocente e rouco, que soa em torno das casas, à noite...

Cañuela conteve o fôlego.

Conhecia muito bem as corujas de que ele falava.

Quantas vezes não ficara ouvindo seus pios musicais, quando estava no campo com os pais?

Por um momento, ao pensar naquilo, sentiu uma saudade intolerável do lar, dos dias em que era feliz e quando tudo parecia radioso, ensolarado.

Houvera os grandes espaços abertos... Ao pensar nos campos e pradarias verde-jantes, ela chegou a sentir o perfume do tomilho silvestre, das ervilhas-de-cheiro e das luzernas.

Entretanto, nada disse e, após um momento, com um grunhido que ela interpretou como de exasperação, Ramón de López entregou-lhe o relatório.

— Envie-o imediatamente, senhorita Gray — ordenou — e depois volte, com seu bloco de taquigrafia. Tenho outro relatório, ainda mais longo e complicado, para ditar.

Cañuela sabia que sua reserva e silêncio o irritavam. Em vista disso, teve a impressão de que, nos dias seguintes, ele a desafiava propositadamente.

Ramón de López passou a ditar em incrível velocidade e, somente por conhecer o assunto tratado, ela conseguiu registrá-lo na taquigrafia que inventara para si mesma.

Por vezes, ele se levantava da mesa de trabalho, cruzava o aposento e continuava ditando, enquanto contemplava as árvores verdes do parque de St. James. Virado de costas, era bem difícil ouvir o que ele dizia.

Sabendo que, sem precisar de palavras, ele a desafiava à luta, Cañuela aceitava o desafio, rebatendo com a mesma moeda.

Não costumava fugir ao combate e, de vez em quando, embora inventasse palavras ou frases mal ouvidas, saía-se com tanta sagacidade, que ele nem percebia a intromissão, ao ler o serviço finalizado.

Por várias vezes mais, Ramón de López tentou induzi-la a falar sobre os lugares e pessoas para quem trabalhara.

Cañuela treinou respostas monossilábicas, e nada dizia se a pergunta era difícil. Foi com satisfação, que percebeu estar vencendo a surda batalha travada entre eles.

Admitia que, se não estivesse tão corroída por seu ódio, seria impossível não admirar a maneira pela qual Ramón de

López ia obtendo concessões e fantásticos contratos para a Argentina.

Ele negociava não apenas seus próprios produtos, mas representava uma dúzia de outros *estancieros*, os criadores de gado do país, todos possuindo milhares de acres das viçosas pastagens que tornavam a Argentina tão poderosa.

Era incrível recordar que a primeira ovelha fora introduzida, lá, apenas em 1550. Dois anos mais tarde, sete vacas e um touro constituíram os alicerces dos imensos rebanhos que agora se espalhavam por todo o país.

Os colonizadores espanhóis haviam sido os primeiros a reconhecer a excelência dos pampas para a criação de gado. Entretanto, isto fora muitos anos antes dos criadores terem a idéia de exportar tudo, além dos couros que vendiam para a Espanha e o Brasil.

Cañuela recordava como seu pai lhe contara que, em 1882, um homem de negócios argentino transformara seu navio, denominado *saladero* — pois supria o mercado doméstico com carne seca e salgada — em frigorífico.

A partir daquele momento, tornou-se possível levar carne congelada para a Europa e Inglaterra.

Lionel Arlington rira, ao contar a história.

“ — Na Inglaterra, terra de gostos conservadores, o carneiro congelado não foi diretamente para as cozinhas.

“ — Por que não? — havia perguntado Cañuela.

“ — Um atacadista de Londres, chamado Tallerman, encontrou feroz oposição dos açougueiros de Manchester, quando tentou invadir o mercado.

“ — O que fizeram eles?

“ — Ofereceram-se para receber o carneiro congelado da Argentina a seis pence o quilo, o que, evidentemente, era apenas uma maneira de dizer não!

“ — E que aconteceu?

“ — Tallerman decidiu lograr os açougueiros, abrindo um açougue no mercado de Knot Hill.

Lionel Arlington sorria.

“ — Segundo Tallerman, a princípio não tinha fregueses, mas alegrou-se quando viu uma ou duas mulheres comprando uma libra ou meia de carne, para voltarem pouco depois, acompanhadas de amigas, que também queriam comprar.

“ — E a notícia espalhou-se!

“ — E como! — respondera Arlington. — No ano em que Tallerman logrou os açougueiros de Manchester, foram exportadas da Argentina para a Inglaterra cerca de dezessete mil carcaças congeladas. Seis anos mais tarde, esse número subiu para novecentas mil carcaças.

“ — Deve ter sido bastante satisfatório — comentou Cañuela.”

Agora, ela podia afirmar que o total aumentava de maneira fantástica, com o correr dos anos.

Os contratos obtidos por Ramón Lopes, tornariam a Argentina mais rica do que nunca.

Aos poucos, ela achava seu trabalho fascinante.

Isto não era devido ao fato de que sempre se sentira atraída por números e cálculos,

mas porque, ao trabalhar, podia visualizar os imensos rebanhos, espalhando-se sobre a terra, à morna e dourada claridade do sol.

Com os rebanhos, estariam os gaúchos, tangendo o gado, como se fossem parte de seus cavalos, tirando baforadas dos charutos e usando enormes esporas de prata. Todos eles, com a mesma arrogância que caracterizava Ramón de López...

Uma novidade satisfatória, era ela poder dizer à mãe, quando chegava em casa à noite, que ninguém lhe dera uma atenção exagerada. Isto, podia falar sem fugir à verdade.

Como trabalhava exclusivamente para o Senhor López, os demais funcionários da casa a tratavam com respeito e mantinham distância.

Os cavaleiros, homens de negócios e todos os que visitavam Ramón López diariamente, em grande número, jamais lhe concediam um segundo olhar.

À noite, era com alívio que ela tirava os óculos imensos, soltava os cabelos, que caíam em grandes ondas sobre seus ombros, e os livrava do coque em que eram presos, todas as manhãs.

Certa noite, contemplando-se ao espelho, antes de dormir, perguntou-se, involuntariamente, se Ramón de López a acharia bonita, caso a visse sem seu disfarce.

Entre as incumbências que ele lhe designara, após trabalhar sob suas ordens por um ou dois dias, incluía-se a encomenda de buquês de flores que enviava para mulheres, em grande profusão, e também a obrigação de comprar presentes para elas.

Por vezes, ele lhe ordenava que comprasse vários frascos enormes de perfume francês ou uma dúzia de luvas de couro, com cano longo. Ou até uma bolsinha de mão em cetim.

Tais objetos, ela invariavelmente adquiria em Bond Street, onde Ramón López tinha conta aberta.

Houve a vez da sombrinha com o cabo incrustado de pedras preciosas, destinada a uma amiga. Para outra, um binóculo de ópera, feito de ouro e casco de tartaruga.

Aparentemente, ele confiava em seu bom gosto porque, certa tarde, chamou-a a sua sala, onde Cañuela viu, sobre a mesa, vários braceletes de cintilantes diamantes, cada um em seu estojo de veludo.

— Gostaria de saber sua opinião, senhorita Gray — disse Ramón López. — Estou escolhendo um presente muito especial, e não quero cometer erros. Como mulher, qual acha mais atraente?

Cañuela olhou para os braceletes, e percebeu que deviam ter custado uma soma astronômica.

Em sua opinião, vários deles apresentavam bom gosto, enquanto que outros eram apenas vulgares.

Observou-os durante um instante, e então disse:

— Depende muito, senhor, da pessoa que receberá o bracelete.

Ele a fitou com vivacidade.

— O que está insinuando?

— Exatamente o que eu disse — replicou ela, com frieza. — Para uma atriz ou alguém que deseje chamar a atenção, é bastante óbvio que aqueles, à sua direita, são os

mais adequados. Para uma dama, são mais indicados os da esquerda.

— É muito perceptiva, senhorita Gray — comentou-o. — Apenas por curiosidade, qual o que escolheria para seu uso?

— Isso é coisa que não lhe diz respeito, senhor — respondeu ela.

Sem esperar, nem pedir licença para retirar-se, ela saiu da sala, tornando a fechar a porta.

Pensou que, de certa forma, ele tentava alfinetá-la deliberadamente, e isso serviu apenas para acirrar o seu ódio.

Porém, percebeu que era quase impossível não pensar nele, não estar vivamente consciente de sua presença, ainda que estivesse trabalhando em sua salinha.

“Espero que este emprego não dure muito”, consolou-se.

Entretanto, chegado o fim da semana, não pôde deixar de espantar-se, ao ver a enorme soma de dinheiro que tinha para receber.

Na realidade, Ramón de López a retivera até mais tarde, em três oportunidades.

Os pagamentos extraordinários, tinham avolumado bastante o salário fixado e, por um momento, Cañuela sentiu a tentação de dizer a ele que não aceitaria todo aquele dinheiro.

Quando falara em deixar de trabalhar às cinco horas, pensava apenas em sua mãe, que ficara sozinha.

Depois, considerando que Ramón de López talvez a julgasse difícil por motivos mercenários, resolveu ficar com o dinheiro, sem nada comentar a respeito.

Que diferença fazia, se ele a achava ambiciosa?

Soubera merecer cada *penny* daquele salário, porque era eficiente em seu serviço, e duvidava muito que ele conseguisse um substituto melhor, em toda a Inglaterra.

Outra pessoa precisaria de explicações sobre termos peculiares à Argentina, citados em cartas aos *estancieros* e à Câmara de Comércio de Buenos Aires. Talvez tivesse, inclusive, de aprender a maneira de escrevê-los!

Quem mais conseguiria entender algumas das frases e palavras, ditas não em espanhol castiço, mas adaptadas de termos empregados pelos gaúchos e pelos muitos imigrantes chegados ao país, após a partida dos conquistadores espanhóis?

Poloneses, turcos, franceses, judeus russos e alemães, todos haviam contribuído com sua marca individual para a linguagem.

“Ele tem muita sorte em contar comigo!” pensou.

Ao mesmo tempo, sentia-se ligeiramente culpada, ao voltar para casa e para sua mãe, levando muito mais dinheiro do que julgaria possível ganhar uma mulher, em tão pouco tempo.

Não havia dúvida de que Ramón López era um sucesso em Londres. Todos os dias chegavam convites das mais importantes anfitriões, os quais eram deixados sobre a mesa de Cañuela, que devia abri-los, selecioná-los e solicitar instruções de seu empregador.

— O senhor deseja jantar com o Primeiro-ministro na quarta-feira? — perguntava.

— Penso que não devo faltar.

— Há também uma recepção do Ministério dos Negócios Exteriores, na noite

seguinte.

— É outro do qual não posso fugir. Entre os convites sociais, muitas cartas eram de natureza estritamente pessoal. Cañuela abriu uma delas, por engano, e leu as primeiras frases, antes de perceber, com o rosto afogueado, o seu real significado. Evidentemente, aquilo não fora escrito para seus olhos! Por azar, abriu a carta com uma espátula, e nada pudera fazer, senão recolocá-la no envelope e deixá-la sobre a mesa de Ramón López. Depois desse incidente, tomou o máximo cuidado para não abrir mais nenhuma carta que parecesse ter sido escrita por uma mulher.

Algumas eram perfumadas, o que facilitava a seleção, mas em pouco ela ficou perita em identificar o punho feminino. Esses envelopes, ela os colocava na pasta de Ramón López, presumindo que ele não lhes deixaria de dar a devida atenção.

Havia vezes em que certas notas eram entregues por mensageiros elegantemente uniformizados, os quais esperavam, do lado de fora, por uma resposta. Aos poucos, Ramón de López passou também a instruí-la sobre reservas de mesas para jantar ou cear em restaurantes, além da compra de entradas para teatro e confirmação de carruagens destinadas ao transporte de convidados, quando ele estava ocupado em outros afazeres ou com preguiça demais para ir buscá-los.

Não foi difícil Cañuela perceber que ele mostrava preferências por Sylvia Standish, uma dançarina que atuava no Gaiety Theatre. Noite após noite, era sua obrigação providenciar a carruagem que a esperaria à porta de saída dos artistas, depois de terminado o espetáculo. Sylvia Standish era a estrela de um show burlesco chamado *Don Juan*, título que Cañuela considerou muito apropriado. Ela era uma criatura linda, que encantava a todos com sua graça, malícia e poesia de movimentos. Havia também uma atriz francesa, chamada René Lefleur, que conseguira atrair as atenções do Senor López.

Certa vez, ela apareceu em seu local de trabalho.

Tinha um rosto fascinante, lábios carnudos e sensuais, além de uma voz que tornava sedutor tudo quanto dizia. Suas roupas eram escolhidas precisamente para chamar a atenção e os brilhantes ofuscavam.

Cañuela pôde ouvir René Lefleur e Ramón de López, rindo despreocupadamente na sala vizinha. Perguntou-se o que os divertiria tanto, e o perfume exótico da atriz ficou pairando no ar, muito tempo depois de sua partida. Uma mesa era reservada permanentemente para Ramón de López no Romano's, no Strand.

Era um restaurante alegre, e o pai de Cañuela costumava troçar com sua mãe ao contar que, certa noite, fora lá, com certa dama importante. Então, ele descobriu que ela pedira os pratos mais caros do cardápio, deixando-o em sérias dificuldades para pagar a conta!

Havia ainda outros clubes noturnos e restaurantes que Ramón López devia achar extremamente agradáveis, mas que nenhuma dama visitaria, disso Cañuela estava certa. - Podia bem imaginar como a maioria das atrizes de Londres devia achá-lo sedutoramente atraente.

Ramón de López era muito diferente dos aristocratas que, em geral, esperavam nas portas laterais dos teatros e davam festas dispendiosas, nas quais bebiam champanha em

um sapato de cetim. Por vezes, Cañuela se perguntava se ele apreciaria os bailes de Londres, para os quais ela era sempre convidada, quando chegava à época de férias de seu pai.

Iria ser apresentada à Corte, usando nos cabelos as três penas brancas do Príncipe de Gales, com uma cauda branca partindo dos ombros, sobre o vestido branco.

Cañuela seria então apresentada juntamente com o restante dos corpos diplomáticos, sempre os primeiros nas reverências à Rainha, no salão de bailes do Palácio de Buckingham.

Haveria ainda jantares festivos, nos quais conheceria jovens de sua idade, todas discretamente escoltadas pelos pais e mães.

Ela teria oportunidade de dançar com j jovens solteiros e bons partidos, que todas as noites afluíam aos bailes das grandes mansões em Park Lane. Eram bailes onde o Príncipe e a Princesa de Gales se tornavam os mais cobiçados convidados de honra.

A despeito de toda a sua decisão, Cañuela não pôde evitar um ligeiro suspiro.

Como tudo seria diferente, se os Estados Unidos não houvessem considerado boa idéia a instalação de uma base naval na Argentina!

Em seguida, disse bruscamente para si mesma que sonhar acordada não a levaria a parte alguma. “Preciso cuidar de mamãe, até vê-la curada. Um dia, talvez ela possa voltar a encontrar suas amigas...”

A situação era bem pior para a senhora Arlington do que para ela própria, posto que sua mãe sempre apreciara a vida social, além de se ter revelado uma anfitriã tão encantadora, quanto eficiente.

Ao pensar no passado, Cañuela mal podia recordar um dia em que não houvessem recebido convidados, quando moravam em Madri, Lisboa ou Buenos Aires.

Tinha certeza de que a maioria de seus amigos ingleses não acreditara nas acusações infamantes contra Lionel Arlington e desejavam demonstrar apenas gentileza e hospitalidade à sua viúva.

Entretanto, Cañuela sabia que sua mãe jamais se colocaria em posição de ser constrangida ou humilhada pelos que, uma vez, tinham predito que seu pai seria um dos mais jovens e brilhantes embaixadores na Europa.

“Quanto mais alto sobem, pior a queda!” disse para si mesma, cheia de amargura.

De súbito, pensou no prazer com que assistiria à queda de Ramón López!

Já trabalhara três semanas para ele, e tinha a impressão de que sua mãe estava bem melhor.

A idéia de chamar a senhora Graham fora um sucesso. Em geral, Cañuela estava exausta ao chegar em casa, após passar de um ônibus para outro. Quando os via muito cheios, caminhava metade do caminho e era reconfortante saber que a senhorita Graham deixava tudo pronto e limpo.

Via de regra, ela deixava preparada à refeição de Cañuela, poupando-lhe o trabalho de cozinhar, após tantas horas de labuta na cidade.

Então a cama de sua mãe fora novamente arrumada e ela se encontrava deitada, esperando para ouvir o que a filha havia feito durante o dia.

Onde ela trabalhava, havia jornais e revistas argentinos, os quais podiam ser emprestados. Em vista disso, Cañuela sempre trazia para casa notícias de mexericos sobre amigos do passado.

Havia bebês que nasciam, pessoas que casavam... Para a senhora Arlington, era um prazer tornar a ouvir comentários envolvendo a vida onde, antes, tivera um importante papel.

Certa noite, quando já se preparava para deixar o trabalho, Cañuela ouviu Ramón de López tocar a sineta.

Foi até a sala ao lado. Ele estava em pé diante da lareira, as costas voltadas para a porta.

Cañuela avançou alguns passos e ficou esperando que ele dissesse alguma coisa. Então, percebeu que Ramón de López segurava um cabograma.

Não se tratava de nenhum dos chegados à sua mesa.

Vagamente, Cañuela concluiu que o cabograma sem dúvida chegara ao prédio no mesmo momento que Ramón de López e ele próprio o recebera.

Houve um silêncio inesperado e depois, quase como se escolhesse as palavras, ele disse:

— Vou partir para Buenos Aires no fim da semana!

Cañuela sempre esperara ouvir aquela notícia, cedo ou tarde, mas agora que chegara o momento, sentiu um leve arrependimento.

Era duro pensar que deixaria de receber seu polpudo salário e que teria de retornar à Agência de Brewstead, a fim de procurar outro emprego!

— Não sente nenhum pesar, ante minha partida iminente? — perguntou ele, com certo sarcasmo.

Cañuela percebeu que fora rude de sua parte, nada ter dito em resposta.

Naqueles momentos, pensara apenas em si mesma...

— Peço que me perdoe — desculpou-se — mas sabia que o senhor teria de partir algum dia.

— Quero que vá comigo!

Por um momento, ela julgou não ter ouvido direito, e então disse, rápida:

83

— Isso é impossível!

— Por quê? — o indagou. — Tenho muito trabalho a ditar durante a viagem, e sabe perfeitamente que ninguém me serviria tão a contento quanto a senhorita!

— Sinto muito, mas não posso ir com o senhor.

— Por que não pode?

Cañuela não respondeu, e ele acrescentou:

— Como me disse que mora com sua mãe, imagino que a sustenta com seu salário. Fique sossegada, porque isso será providenciado e ela não passará necessidades em sua ausência.

— Nem por um momento pensei em acompanhá-lo! — replicou ela, em voz firme.

— Assumirei a responsabilidade devida à sua mãe — insistiu Ramón López. — Não

poderia ir comigo, até Buenos Aires?

— Não!

— Maldição! — explodiu ele, irritado. — Por que tem de ser tão difícil? Qualquer outra mulher de sua idade exultaria com uma oportunidade de ir ao estrangeiro, ver o mundo, viajar com luxo!

— Não há argumentos que me façam acompanhá-lo, senhor — replicou ela, convicta. Sem esperar resposta, Cañuela deixou a sala.

Sentia uma pressa súbita de afastar-se dali, de chegar em casa, quase como se estivesse fugindo dos tentáculos de um polvo que procurava agarrá-la para sempre.

Ela bem sabia o quanto Ramón de López podia ser determinante, quando queria alguma coisa difícil de obter.

Ele estava certo, ao dizer que ninguém conseguiria fazer melhor o seu serviço, durante a viagem.

Entretanto, a idéia de acompanhá-lo, estava fora de cogitação.

Em primeiro lugar, era impossível deixar sua mãe, sozinha em Londres. Em segundo, como voltar a Buenos Aires?

Um tanto temerosa da persistência de Ramón López, ela decidiu que, no dia seguinte, não voltaria ao trabalho.

Escreveria para o senhor Hayward, solicitando o pagamento do que lhe era devido. Ou melhor, talvez até rejeitasse aquele dinheiro...

Depois, pensou que precisaria dele, por causa da mãe. Foi isso que a fez decidir voltar.

Seria por alguns dias apenas e, mesmo que Ramón de López continuasse insistindo, ela ficaria irredutível.

“E bom saber que ele sentirá a minha falta”, pensou, satisfeita.

Em seguida, perguntou-se se ele também sentiria falta das damas, em cujas companhias passara tanto tempo, durante sua permanência na Inglaterra. Recordou os presentes que elas haviam ganhado. Por vezes, eram enviados a damas da alta sociedade, que tinham retratos estampados nas revistas da moda.

Embora tentasse fingir não se interessar, procurando convencer-se de que nada daquilo lhe dizia respeito, Cañuela achava difícil não olhar para as fotos ou recordar os nomes.

Chovia, quando desceu do ônibus lotado, a fim de caminhar o último trecho do trajeto até sua casa.

Sem saber como, sentia-se deprimida ao entrar na rua modesta onde moravam, e olhar para a fachada desbotada da pensão, precisando de uma pintura urgente.

Entrou no pequeno vestíbulo, que parecia estar sempre impregnado do cheiro de couve e começou a subir a escada estreita para o andar de cima, onde ficavam seus aposentos.

Sua mão ia tocar a maçaneta, quando a porta se abriu e, surpresa, ela deparou com o médico que saía.

— Boa noite, Dr. Lawson — cumprimentou.

— Esperei que voltasse antes da minha saída, senhorita Gray — disse ele. — Preciso falar-lhe.

Cañuela pensou que ele ia entrar novamente, mas em vez disso, o médico passou para o patamar e fechou a porta às suas costas.

— Fui chamado, porque sua mãe não se sentia bem.

Cañuela sobressaltou-se.

— O que aconteceu?

— No momento, ela não apresenta novidades — replicou o médico. — Minha primeira visita foi hoje cedo.

— Por que não me comunicaram? — exclamou ela. — Minha mãe sabe onde trabalho!

— Eu a deixei medicada — disse o Dr. Lawson — e, à tarde, voltei com um especialista.

Cañuela retirou os óculos. Seus olhos fixaram-se no rosto do médico. Ela estava muito pálida.

— O que há de errado com minha mãe, doutor? — perguntou, quase sem voz.

— Serei franco, senhorita Gray — respondeu ele. — Sua mãe está tuberculosa. Eu já suspeitava disso, e o especialista apenas confirmou meu diagnóstico.

Cañuela engoliu em seco. Ele acrescentou, suave:

— A doença não está avançada, e tenho grandes esperanças de total recuperação, desde que ela receba o tratamento adequado.

— Como assim? — balbuciou Cañuela, desalentada.

— Segundo o especialista, ela deve partir imediatamente para a Suíça — replicou o Dr. Lawson. — Há uma clínica, nas montanhas, que ele recomenda com grande confiança. Em sua opinião, após três meses de permanência nessa clínica, os pulmões de sua mãe estarão em perfeito estado.

Cañuela respirou fundo.

— E quanto tudo isso... custaria?

Ela mesmo mal conseguiu se ouvir ao falar.

Sabia perfeitamente que, por menor que fosse a soma, estaria fora de suas possibilidades, no momento.

— Eu já esperava sua pergunta — disse gravemente o médico. — Fiz meus cálculos e concluí que, gastando o mínimo, incluindo-se a viagem e os custos médicos, o total orçaria em duzentas libras!

CAPÍTULO 3

— Poderia conceder-me um minuto de atenção, senhor?

Ao levantar os olhos do jornal que lia, Ramón de López deparou com Cañuela, de pé a seu lado.

Não a ouvira entrar.

— Sem dúvida, senhorita Gray — replicou. — De que se trata?

— Ontem o senhor perguntou-me se eu... poderia acompanhá-lo a... Buenos Aires.

— E sua recusa foi clara.

— Eu... eu mudei de... idéia. Irei com o senhor se... ainda precisar de... meus serviços.

— Que preciso, não há dúvidas. Aliás, fui bem claro quanto a isso, senhorita Gray.

Houve uma pausa. Depois ela disse, em um murmúrio:

— Bem... se eu for, precisarei da soma de... duzentas libras, a serem pagas antes de... deixar a Inglaterra.

Enquanto falava, ela pensou na enormidade que representava aquela quantia. A despeito da decisão anterior de permanecer calma e segura de si, sentiu que o rubor lhe tomava conta do rosto.

Também se sentia irritada consigo mesma, ao perceber como seus dedos tremiam.

— Duzentas libras? — repetiu Ramón de López, lentamente. — Creio que entendo, senhorita Gray. Parece que alguém usou um pouco mais de inteligência no assunto, do que a senhorita.

— O que quer dizer?

— Percebo que seu namorado compreende o quanto à senhorita vale como funcionária, e considerou que um pequeno capital seria um começo sensato para o futuro de ambos.

Cañuela ergueu o queixo.

— Não é nada disso! — exclamou bruscamente.

— Não foi seu namorado que sugeriu?

— Não tenho nenhum namorado!

— Espera mesmo que eu acredite?

— Pode acreditar no que quiser, Senor López — disse ela. — A verdade é que...

Interrompeu-se de repente, ao perceber que ia revelar algo sobre sua vida particular, uma coisa que omitira, desde que passara a trabalhar para ele.

— Estou esperando — disse ele, em voz lenta.

Cañuela ficou calada.

— Eu gostaria de saber a verdade — insistiu o homem.

— Não creio que seja de seu interesse — protestou Cañuela. — Estou preparada para acompanhá-lo e prestar os serviços que ordenar. Infelizmente, só poderei viajar se, primeiro, tiver essa soma particular de... dinheiro.

Falava com firmeza mas, ao mesmo tempo, torcia os dedos desesperadamente.

Era difícil sufocar seu orgulho e suplicar por dinheiro.

No entanto, que diferença fazia, desde que sua mãe ficasse boa?

Os olhos de Ramón de López continuavam fixos em seu rosto.

Após um momento, ele disse:

— Estou pronto para ceder-lhe qualquer soma razoável que considere essencial, senhorita Gray. No entanto, como seu empregador, gostaria de saber por que esse

dinheiro é tão importante para a senhorita.

Por um momento, Cañuela pensou em opor-se, pois tinha a nítida impressão de que ele se divertia com sua angústia.

Então, decidiu que não tinha qualquer importância o que ele pensasse ou sentisse. A única coisa que interessava agora era a viagem de sua mãe para a Suíça.

Ao mesmo tempo, entregar os pontos ia contra seus princípios.

Ramón López a desafiava, incitava-a a luta, talvez apenas por uma questão de visão, porque não admitia que alguém se opusesse à sua vontade — muito menos uma mulher — e porque todos quantos haviam trabalhado para ele, automaticamente assumiam uma atitude subserviente.

— Ainda estou esperando, senhorita Gray.

Cañuela teve a sensação de que Ramón de López podia adivinhar o conflito que se travava em seu íntimo.

— Minha mãe necessita de um... tratamento especial — respondeu finalmente.

Era como se as palavras fossem arrancadas de sua boca.

— Onde?

— Na Suíça.

— Lamento que ela esteja doente.

— Obrigada.

— Darei ordem ao senhor Hayward — disse ele — para fazer-lhe um cheque imediatamente, no valor de duzentas libras. Também direi a ele para acrescentar mais cem libras para suas despesas, posto que vai à América do Sul comigo.

— Já que o senhor continuará pagando meu salário, penso que não terei despesas — disse ela vivamente.

— Desconfio que, quando menos esperar, a senhorita se verá diante de certas despesas inevitáveis — contradisse Ramón de López. — Precisarás de novas roupas, antes de mais nada. O clima na Argentina é muito diferente do da Inglaterra.

— Eu sei.

— Desde que trabalha para mim — continuou ele, como se Cañuela não o houvesse interrompido — seu guarda-roupa não variou muito... Em vista disso, estou pronto a pagar as roupas de que necessitará, tanto para a viagem, como para quando chegarmos.

— Não vou permitir que o senhor pague minhas roupas! — exclamou ela, cheia de orgulho.

— Não seja insensata! — replicou o homem. — Sabe muito bem que, estando sua mãe doente, não poderá arcar com essa despesa! Terá de adquirir várias coisas que não pensaria em comprar, se não trabalhasse para mim.

Era verdade, mas Cañuela sentia-se um tanto humilhada, ao pensar que devia aceitar coisas tão íntimas como as roupas que usaria.

Recordou em seguida que cem libras a mais significariam muito para sua mãe e, nesse meio tempo, teve uma idéia.

Respirou fundo.

— Aceitarei o dinheiro extra, senhor. Seria mais ou menos como... um uniforme de

lacaio, pago pelo... patrão.

Notou o brilho repentino nos olhos dele, ao replicar:

— Exatamente isso, senhorita Gray! Só que um lacaio se sentiria na obrigação de ser um pouco mais cortês!

Cañuela percebeu que o ferira e que, agora, ele retribuía da mesma forma. Estavam quites!

— Deduzo que teremos uma viagem bastante agradável, senhorita Gray! — exclamou ele, em tom sarcástico.

— Estarei sempre disposta a trabalhar, Senhor de López!

Odiou-o mais ainda, porque estava sorrindo.

Não obstante, quando levou o cheque para casa, essa noite, estava excitada, porque podia fazer planos imediatos para a viagem de sua mãe.

— Tive outra idéia, mamãe — disse. — Acho que devia levar a senhorita Graham com você. A senhora Arlington olhou para ela, surpresa.

— Bem sabe que seria impossível viajar sozinha para a Suíça — continuou Cañuela.

— Na verdade, o Dr. Lawson certamente pensou que eu a acompanharia. Entretanto, levando a senhorita Graham, proporcionará umas boas férias a ela... além de tê-la a seu lado pelo tempo que quiser.

— Você precisará de dinheiro para suas roupas, filha!

Cañuela riu.

— Acha mesmo que vou precisar de roupas, quando temos aquelas malas entulhadas e fechadas, desde que voltamos para a Inglaterra?

— Oh, e eu que já havia esquecido! — exclamou sua mãe.

— Pois eu não esqueci — sorriu Cañuela. — Alguns dos vestidos que usei há dois anos, agora ficariam infantis, mas os seus caberão perfeitamente em mim. Por outro lado, você agora está magra demais para usá-los, mamãe.

Incapaz de esperar para saber se sua idéia era viável, ela puxou, para dentro do quarto, as malas que haviam permanecido no corredor, desde que moravam ali.

Eram feitas do melhor couro e, embora os vestidos estivessem amarrotados, continuavam perfeitos.

Cañuela experimentou alguns deles.

— Ficam uma luva em você! — exclamou a senhora Arlington. Realmente.

Havia muito pouco ajuste a fazer em todos os vestidos, mas esse trabalho poderia ser executado por Cañuela, à noite, e pela senhorita Graham, durante o dia.

Sua mãe insistiu em colocar novos babados, golas diferentes e consertar um ou outro pequeno esgarçado.

Havia uma profusão de belos trajes de musselina, usados pela senhora Arlington durante o verão. Eram de cores alegres, e todos exibiam o gosto mais apurado.

— Estão bons demais para mim — comentou Cañuela, ao deixá-los sobre a cama da mãe.

— Seu pai sempre quis que eu fosse mais elegante que qualquer outra esposa de diplomata! — sorriu à senhora Arlington. — Acho que, como ele me encorajava, de vez em

quando eu exagerava um pouco...

— Além disso, você sempre estava na última moda — disse Cañuela. — E, felizmente, a moda mudou bem pouco nos últimos dois anos...

Era verdade. Os corpetes continuavam justos, moldados ao corpo, às saias eram cheias, drapejadas, franzidas ou rodadas. Os vestidos de noite permaneciam decotados, com os ombros nus.

— Não vou precisar de trajes de gala — disse Cañuela.

— Acho que deve levá-los — replicou à senhora Arlington. — Pode precisar. Talvez o Senhor López queira que você o acompanhe a alguma recepção ou poderá convidá-la para um banquete. Ele não deve se envergonhar de sua aparência!

Cañuela riu.

— Eu ficaria ridícula em um desses maravilhosos vestidos de noite, com meus olhos de coruja.

Ao ver a surpresa no rosto da mãe, explicou:

— O Senhor de López perguntou se sempre uso óculos. Disse que pareço uma coruja!

— Eu gostaria que você deixasse de usá-los — disse a senhora Arlington — mas receio o que possa acontecer depois.

— Eu também — concordou Cañuela. — Não que faça qualquer diferença, no tocante ao Senhor de López. Ele me odeia, tanto quanto eu a ele!

— Ele a odeia? — exclamou a senhora Arlington.

— Estamos travando uma “Batalha Real”, mamãe — riu Cañuela. — Ele tenta passar-me para trás, enquanto que eu procuro irritá-lo ao máximo!

— Sendo assim, por que ele a leva para Buenos Aires?

— Porque não encontra ninguém à altura para substituir-me no cargo — replicou

Cañuela, satisfeita. — Estou certa de que, se aparecesse alguém, ele me jogaria fora como um tijolo quente. Sou útil para o Senhor de López, que é obrigado a suportar-me, entende?

— Não gosto de imaginá-la trabalhando em tais circunstâncias — murmurou à senhora Arlington, em voz pausada. — Por outro lado, é melhor assim, do que eu perder o sono, imaginando o que lhe poderá acontecer, longe de minha vista...

— Os óculos de papai caíram do céu — riu Cañuela. — E agora, mamãe, o melhor é eu pendurar estes vestidos, para que comecem a desamarrotar, antes de serem passados a ferro.

— A senhorita Graham fará isso para você. Sei que passa muito bem e ficará grata, quando souber que quero levá-la comigo para a Suíça. Naturalmente, desejará retribuir de alguma forma. Ela é desse tipo.

“Eu, no entanto, só recebo insultos”, pensou Cañuela.

Tinha chegado ao fundo da mala e, erguendo uma camada de papel de seda, descobriu que havia ainda mais um vestido.

Tirou-o para fora.

— Nunca tinha visto este antes, mamãe!

— Porque nunca foi usado — respondeu sua mãe.

— É maravilhoso! — exclamou Cañuela.

Levantou no alto um vestido de pesado cetim branco, enfeitado com ruches de tule da mesma cor, o que lhe dava uma aparência etérea.

— Seu pai o encomendou de Paris, para um baile que teria lugar no palácio presidencial — explicou a senhora Arlington, em voz baixa. — No momento em que eu ia vesti-lo, seu pai entrou no quarto, para falar sobre as mentiras e acusações circulando contra ele.

— Oh, mamãe! Deve ter sido horrível para você!

— Não lhe contei o que houve àquela noite — prosseguiu a senhora Arlington — porque estava perturbada demais. Por outro lado, queria fazer-lhe uma surpresa com o vestido...

— Seria realmente uma surpresa — disse Cañuela. — Você parecia uma princesa de contos de fadas, quando saía para jantar fora!

— Acho que também fiquei um tanto constrangida, devido ao preço que seu pai pagou por ele — suspirou a senhora Arlington. — Ficou em dificuldades para comprá-lo...

— Será melhor deixá-lo na mala — disse Cañuela.

— Não, não! Leve-o com você! — pediu a senhora Arlington. — Eu adoraria vê-la usando esse vestido! Poderei imaginá-la indo a um baile no palácio presidencial ou naquelas imponentes mansões da Plaza San Martin, todas com imensos salões de baile. Fez uma pausa, antes de continuar:

— Sonharei com você valsando em torno do salão, os cabelos lançando reflexos sob os candelabros, e sendo, de longe, a pessoa presente mais bonita!

Havia tanta emoção na voz de sua mãe, que Cañuela não quis discutir.

Inclinou-se e beijou-lhe o rosto ternamente.

— Eu o levarei comigo, mamãe. Espero que seus sonhos se tornem realidade!

Ao mesmo tempo, disse para si mesma:

“Não há a mais remota possibilidade de que isso aconteça!”

Sabia que a mãe ainda a olhava como a uma jovem da sociedade, alguém para ser festejada e cortejada, a quem os homens prestavam cumprimentos, não apenas por ser tão bonita, mas também por causa de sua posição na vida.

E, adorando a mãe, não queria desiludi-la, explicando que havia bem poucas chances de que voltassem a viver naquele círculo social.

Em consequência da sombra de traição que pesava sobre a memória de seu pai, nenhum homem a desejaria como esposa, evitando reviver a terrível publicidade, as acusações e especulações que cercavam o nome de Lionel Arlington.

Cañuela não tinha ilusões; sua vida, doravante, seria apenas o trabalho contínuo, lutando para viver dentro de um exíguo orçamento, além de dar algum conforto para a mãe.

Levaria depois a existência de uma “velha solteirona”, talvez terminando como a senhorita Graham, em um quartinho de uma ruela qualquer.

Sendo uma jovem sensata, Cañuela procurou afastar as conjeturas sobre o futuro, e pensar apenas no presente.

Se fosse honesta, admitiria que tivera uma sorte incrível, ao encontrar emprego junto a alguém como Ramón de López.

Poderia odiá-lo, desejar vingar-se pela maneira como ele se mostrara em relação a seu pai mas, no momento, Ramón de López representava a salvação, a vida de sua mãe.

Em circunstâncias normais, Cañuela estaria transbordando de gratidão, mas agora, disse para si mesma, que não havia motivos para tal.

Ele pensava apenas em si mesmo e em seus objetivos.

Quando a secretária não lhe fosse mais útil, seria rejeitada assim que a viagem chegasse ao fim!

Ramón de López era um homem cruel, egoísta e obstinado. A arrogância que era sua constante, a irritava de tal forma, que se sentia tentada a jogar o emprego fora, só Pelo prazer de revidar à altura!

De repente, Cañuela percebeu que fora rude nessa manhã.

Na verdade, seria bem merecido, se ele dispensasse seus serviços imediatamente!

Pudera ler, bem nítida, a cólera que surgira nos olhos de seu empregador... Decidiu que, daí por diante, procuraria agir com mais cuidado.

O serviço aumentou tanto, nos dias seguintes, que à noite, quando ia para cama, Cañuela dormia quase que instantaneamente, mal pousava a cabeça no travesseiro.

Agora, não tinha tempo para pensar, muito menos considerar os acontecimentos.

O Dr. Lawson tomara todas as providências para a viagem de sua mãe e da senhorita Graham à Suíça, as quais partiram na véspera da ida de Cañuela.

Não havia apenas coisas a serem feitas para sua mãe; muitas outras tinham que ser resolvidas no escritório, levando-a a pensar que jamais conseguiria dar cabo de tudo.

Além das cartas, escritos e relatórios a organizar, havia também os inúmeros presentes de despedidas, os quais eram enviados a listas de pessoas. Mais tarde, Cañuela descobriu que ainda restavam muitas coisas a serem levadas para bordo, antes que embarcassem.

Entre estas últimas, incluíam-se dezessete buquês de orquídeas, todos de espécies variadas, que deviam ser mantidos em refrigeração, até que Ramón López os requisitasse.

A bordo seguiria também uma coleção dos costumeiros perfumes franceses, luvas e pequenos *objets d'art*, detalhe que levou Cañuela a deduzir que uma das mulheres por quem ele se interessava, certamente viajaria com eles.

Como não tinha acesso à correspondência particular de Ramón López, só descobriu quem seria ela, quando embarcaram em Southampton.

Para Cañuela, era divertido observar a maneira como viajava seu patrão. No trem que partiu de Londres, havia quatro vagões reservados: um para Ramón López, um para seus funcionários mais qualificados, um para os criados — ele viajava com dois — e um para os amigos. Estes últimos eram numerosos e desejavam presenciar seu embarque.

Em Southampton, as carruagens especialmente fretadas, foram desembarcadas da composição e, puxadas por uma pequena locomotiva, asmática e resfolegante, estacionaram ao longo do navio.

A bagagem já fora enviada por um mensageiro especial, de maneira que Cañuela só

se limitou a subir a passarela que conduzia ao convés da primeira classe.

Estava parada, esperando que alguém a informasse sobre a localização de seus camarotes, quando Ramón López subiu a bordo, extremamente elegante e se sobressaindo dentre numerosos amigos.

A seguir, foi como se cada membro da tripulação desejasse fazer vênias e medidas à sua aparição.

Cañuela percebeu que eles já o conheciam bem, porque quando visitava Londres, quase todo ano, Ramón López usava sempre a mesma linha de barcos a vapor.

Ele falava com o comissário de bordo, quando chegou outro passageiro.

Cañuela arregalou os olhos.

Era a mulher mais bela que já vira em sua vida!

Trajando roupas elaboradas, que assentariam melhor em Hyde Park, ela dava a impressão de uma fascinante borboleta, voejando entre as demais passageiras.

Todos ali usavam trajes em tecido xadrez ou rústico, nas cores apagadas e quase uniformes que as damas inglesas consideravam o correto, para uma viagem ao estrangeiro.

A recém chegada olhou em torno, examinando as pessoas ali reunidas, e então exclamou, deliciada:

— Senhor de López!

Em seguida, estendeu a mão enluvada, em um gesto dramático.

— Senhora Sánchez! — replicou ele. — Que surpresa e que prazer!

— Não podia imaginar que também estivesse viajando para casa! — exclamou a dama. — Agora, sinto-me a salvo!

Olhou para os amigos de Ramón de López, que a contemplavam com mal disfarçada admiração.

— Sinto tanto medo do mar, que sempre imagino o navio prestes a afundar — disse, com um sorriso cativante. — Agora, no entanto, se isso acontecer, sei que o Senhor de López me salvará!

— Todos desejaríamos salvá-la — disse um dos cavalheiros.

— Então, que venham conosco — replicou à senhora, com ar volúvel.

— Seu camarote é por aqui, senhorita Gray — disse uma voz calma, ao ouvido de Cañuela.

Ela se virou e viu o mensageiro, que viera com as bagagens, parado a seu lado.

Quando o seguiu, ouviu as risadas que explodiam mais atrás, como se algo dito pela Senhora divertisse Ramón de López e seus amigos.

“Agora, já sei quem receberá as orquídeas”, pensou ela.

Fora muito bem representado o papel da dama, ao fingir surpresa, quando vira Ramón de López, e ele não lhe ficara atrás. Lágrimas que haviam sido derramadas, ao perceber quanto fora prejudicada a reputação de Lionel Arlington, por aqueles que o tinham difamado.

“Pobre papai!” suspirou, pesarosa.

Recordou então suas palavras, quando lhe dissera para ser orgulhosa e ficar de

queixo erguido.

“Não me rebaixarei!” decidiu. “Talvez, quando chegar à Argentina, eu tenha a chance de destruir aqueles que o destruíram!”

Por mais que odiasse Ramón de López, muito maior era o ódio que sentia por Janson Mandell!

Fora ele o instigador de tudo! Deliberadamente, dera início aos boatos, apenas porque amara sua mãe. Talvez, amor fosse uma palavra decente demais para o que sentira por ela.

Ainda assim, Cañuela compreendia que ele certamente procuraria vingar-se do insulto recebido, quando seu pai o derrubara a socos.

Janson Mandell tinha pai e sobrenome ingleses, mas sua mãe fora uma italiana de Nápoles; e, para um napolitano, a *vendeta* deve continuar, até o derramamento de sangue.

“Ele venceu! Conseguiu o que queria!” pensou Cañuela, com amargura. “Quando papai morreu, Mandell não poderia ter desejado melhor vingança...”

Em seguida, decidiu que, nos próximos dezessete dias, enquanto estivessem no mar, procuraria não pensar nos inimigos que talvez reencontrasse na Argentina.

Eles não a reconheceriam, mas Cañuela esperava que, de algum modo, o ódio e as pragas, que lhes desejava, se revelassem perturbadores.

Nesse meio tempo, havia o navio a explorar, além do excitamento de vê-lo afastar-se do cais.

Foi para o convés superior, pensando que seria bastante improvável alguém percebê-la naquele lugar.

Não se enganara.

Em sua maioria, as pessoas reuniam-se ao redor da passarela, conversando com os amigos até o último momento, quando então, estes voltariam a terra.

Uma banda de música tocava, soaram as sirenes do navio e, entre gritos, acenos de mãos e de lenços, o barco afastou-se do cais, seguindo um rebocador ressonante, que rumava para as águas mais profundas do canal.

A tarde ia avançada. Cañuela sabia que o jantar, na primeira noite no mar, seria servido mais cedo.

Muita gente não se deu ao trabalho de trocar de roupa, alegando que ainda não houvera tempo para desfazer malas.

Cañuela, no entanto, resolveu usar um dos vestidos mais simples de sua mãe, abandonando o negro sombrio que, tinha certeza, irritara Ramón de López.

Desceu para o salão de refeições, assim que ouviu o toque para o jantar.

Quando se identificou, o camareiro-chefe indicou-lhe uma mesa, a um lado do salão.

Sentada e sozinha, ela se divertiu apreciando as pessoas que chegavam e iam sendo conduzidas — se importantes — à mesa do capitão, com alguma pompa e cerimônia.

Outras eram acomodadas à mesa do primeiro oficial, enquanto que as restantes sentavam-se em qualquer outro lugar.

Ramón de López, evidentemente, sentava-se à mesa do capitão. O mesmo acontecia

com a Senhora Sánchez.

Os dois entraram separadamente mas, como que por acaso, receberam cadeiras vizinhas, e pareciam ter muito o que dizer, um ao outro.

A Senhora Sánchez usava um elaborado traje de noite e mostrava-se imperturbável, embora fosse a única mulher presente vestindo-se a rigor.

Tinha uma aparência soberba em seu vestido de seda vermelho-rubi, que realçava o negro dos cabelos e a alvura imaculada da pele.

Seus olhos cintilavam, demonstrando toda uma gama de emoções, fosse o que fosse o que seus lábios vermelhos pronunciassem.

Na manhã seguinte, Cañuela não ficou surpresa, quando Ramón de López lhe disse para enviar uma caixa de orquídeas ao camarote da Senhora.

Parecia muito bem-humorado e, sem qualquer comentário, começou a ditar um relatório de sua visita e dos contratos que obtivera.

Acrescentou que deveria ser enviada uma cópia a todos os relacionados com sua visita à Inglaterra.

Falava depressa, mas não na velocidade que usava, quando desejava provocá-la.

Quando terminou, duas horas mais tarde, perguntou:

— Está bem acomodada, senhorita Gray?

— Não podia estar melhor, senhor. Obrigada.

— Posso felicitá-la pelo vestido? Cañuela baixou os olhos rapidamente. Quase sem pensar, vestira um traje de crepe azul-safira.

Era um dos que haviam pertencido a sua mãe, muito bem feito, com os pequeninos toques individuais.

— Obrigada, senhor — respondeu, em voz baixa.

— Ainda é muito cedo para perguntar se está gostando da viagem — disse ele. — Farei a pergunta depois que chegarmos à Ilha da Madeira. Tenho a impressão de que nossos primeiros dias no mar, serão um tanto agitados.

Suas palavras foram proféticas.

Houve uma forte ventania e, à medida que se internavam pelo Canal da Mancha, o mar se tornou mais e mais turbulento.

Cañuela era boa marinheira e, nessa noite, foi praticamente a única mulher que desceu para o salão de refeições.

Nos quatro dias seguintes, não houve sinal da Senhora Sánchez.

A locomoção se tornava difícil no navio e, após tomar um pouco de ar fresco e ser encharcada por uma onda, Cañuela decidiu que o mais conveniente seria permanecer lendo em seu camarote, até que Ramón de López a convocasse para trabalhar.

Recebera instruções para, diariamente, enviar uma caixa de orquídeas para a dama argentina.

Pela camareira, Cañuela ficou sabendo que ela estava prostrada, dominada pelo enjôo.

— E também movimentando meio mundo por causa disso! — disse a camareira, de modo azedo. — Tenho os pés doendo, de tanto atender a seus chamados!

— Ela não trouxe uma criada? — perguntou Cañuela.

— Criada! — resmungou a camareira. — Quando o mar se agita, elas não servem para nada! Em geral, vão para a cama antes das patroas!

A mulher parecia atarefada e, em vista disso, Cañuela ofereceu:

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-la, é só dizer. Nunca me sinto enjoada, quando no mar, e estou apenas querendo ajudar.

— É muita gentileza sua, senhorita — respondeu a camareira, surpresa. — Não é sempre que encontramos alguém de tão boa vontade. Estamos com poucas camareiras nesta viagem, não sei por que, mas espero dar conta de tudo!

Porém Cañuela foi tão insistente, que a camareira lhe trouxe o vestido de uma passageira para ser passado a ferro, além de duas ou três camisolas para lavar.

Eram peças delicadas e enfeitadas de rendas, que não deram muito trabalho. A camareira não sabia como expressar seu agradecimento.

— Se quer saber, nunca encontrei ninguém tão prestativo como a senhorita — declarou.

— Tenho pouco serviço, ao passo que o seu está sobrando! — replicou Cañuela. — Acho justo que dividamos as tarefas...

Ramón de López trabalhava em jatos de energia.

Por vezes, ele ditava durante duas ou três horas. Em outras, passava praticamente o dia inteiro sem dar sinal de vida.

Tudo indicava que estava lendo bastante, a julgar pelo número de livros, empilhados em sua sala de estar. Em sua maioria, eram obras sobre política, o que levou Cañuela a pensar que seu pai talvez tivesse razão, ao comentar que Ramón de López tinha a presidência do país como objetivo.

Embora ela o odiasse, no fundo, era forçada a admitir que ele desse um bom presidente.

Os argentinos apreciavam os esportistas. Gostavam de líderes atléticos, que pudessem passar o dia todo sobre uma sela sem mostrar cansaço e que também fossem excelentes jogadores de pólo.

Cañuela sabia que Ramón de López era um dos melhores jogadores do mundo.

O fato de, além disso, ser também inteligente e profundo conhecedor das finanças de seu país, bem como negociador brilhante, significava qualidades extras, nem sempre encontradas em um só homem!

O mar começava a acalmar-se e o sol brilhava, quando alcançaram a Ilha da Madeira, único porto de escala entre a Inglaterra e Buenos Aires.

Cañuela apenas ouvira falar na ilha, porque em suas anteriores viagens para a América do Sul, sempre tinham ido via Lisboa.

Quando o navio ancorou na baía de Funchal, a ilha oferecia um quadro de encantamento, levantando-se, íngreme, das praias cobertas de seixos até as montanhas cobertas de nuvens.

Tudo era verde, além dos prédios de paredes brancas, amarelas ou azuis, com tetos vermelhos e persianas verdes.

Antes que o navio ancorasse, ela pôde distinguir bananeiras, palmeiras e uma profusão de vinhedos.

No momento em que atracaram, uma variedade imensa de botes e canoas partia da praia.

Havia vendedores, oferecendo os frutos da ilha, cestas e peças de vime, os quais levantavam bem alto seus artigos, enquanto pechinchavam com os passageiros debruçados na amurada.

Havia ainda os afetados funcionários aduaneiros, em uniformes de tons pretos, brancos e dourados, assim como barquinhos apinhados de meninos mergulhadores, quase nus, que insistiam com os passageiros para que atirassem moedas à água verde e cristalina, que eles as apanhariam em seus mergulhos.

Cañuela contemplava tudo, extasiada.

A agilidade e destreza dos mergulhadores a deixavam com vontade de aplaudir, porque eles jamais perdiam uma moeda. Ocasionalmente, dois ou três eram vislumbrados sob a água, engalfinhados, disputando a posse de um xelim.

Assim que terminaram as providências preliminares da Alfândega, os passageiros tiveram permissão para desembarcar. Certa de que Ramón de López não precisaria dela, Cañuela foi uma das primeiras a pisar em terra.

Não era fácil caminhar pelas vias empinadas, pavimentadas de seixos lisos e cinzentos.

O trânsito constante de trenós deslizando em troncos, guiados por homens com longas varas, havia gasto e alisado as pedras, deixando-as escorregadias como vidro, e dificultando o apoio dos pés.

Entretanto, fora da cidade havia carruagens de aluguel, se alguém tivesse o suficiente para pagar!

Os turistas podiam passar, de carruagem, entre as encostas de vegetação viçosa, descendo as montanhas, e apreciar as flores coloridas, em especial os copos-de-leite, que cresciam silvestres, em toda a ilha.

Após muita argumentação de sua mãe, Cañuela concordara em levar dez libras para a viagem.

“ – Você vai precisar de algum dinheiro, querida – dissera a senhora Arlington. – Sempre haverá pessoas a dar gorjetas. Por outro lado, depois de tudo quanto lhe deu o Senhor López, você não poderá pedir-lhe uma moeda para a coleta na igreja ou alguns trocados para um carretel de linha!”

Para acalmar a mãe, Cañuela separara dez libras, das trezentas que Ramón de López lhe fornecera. Se sobrasse algum dinheiro, ao voltar de Buenos Aires, pretendia trazer um presente para ela.

Como não tinha intenção de desperdiçar seu dinheiro, escalou as vias calçadas de seixos escorregadios, até chegar às ruas empoeiradas. Em seguida, galgou a encosta da montanha.

Sabia que, subindo bem alto, acima do porto e da cidade, teria uma vista soberba do local.

Não se enganara.

O ar era frio, apesar do sol quente. As flores e a vegetação tropical surgiram tão fascinantes a seus olhos, que valeu a pena o esforço.

Abaixo dela, o mercado parecia um brinquedo de criança. Satisfeita, Cañuela concluiu que fora sensata, evitando a tentação de visitá-lo, porque fatalmente acabaria comprando alguma coisa.

Viu alguns passageiros do navio, partindo nos trenós. Depois avistou dois outros, em uma carruagem aberta, pela estrada que, mais abaixo, desenrolava-se como uma fita.

Não lhe foi difícil distinguir o vestido rosa da Senhora Sánchez.

Cañuela a vira antes, a bordo, espiando os mergulhadores. Naquele momento, ela parecia uma rosa desabrochada.

Seu chapéu enfeitado de flores, tinha as fitas atadas sob o queixo e, embora a senhora Arlington pudesse considerar de mau gosto, ela cintilava em seus diamantes.

“Será que ele a ama?” perguntou-se Cañuela.

Podia ver as duas cabeças muito juntas, e gostaria de saber se também estavam de mãos dadas.

Quando pudessem estacionar a carruagem, certamente perambulariam à sombra protetora das árvores, e então as carícias se tornariam mais íntimas...

“Sendo uma mulher casada, ela devia portar-se melhor!”

O Senhor Juan Sánchez era membro do Governo Argentino.

Quando Cañuela estivera em Buenos Aires pela última vez, ele era o presidente da Câmara de Comércio. Entretanto, pelos jornais lidos em Londres, soubera que agora passara a Ministro das Finanças.

Recordava-o como um homem de rosto corado, temperamento explosivo e um tanto agressivo.

Tinha a impressão de que seu pai nunca o apreciara, embora os dois homens mantivessem bastantes contatos profissionais.

O interessante é que o Senhor Sánchez, certamente, encontrara uma mulher, não apenas bela, mas lindíssima!

Sem dúvida, não ficaria muito satisfeito se soubesse que ela mantinha um romance com Ramón de López, muito conhecido na Argentina, não apenas por sua perícia de cavaleiro, mas também por seus casos sentimentais.

Enquanto espiava a carruagem dos dois, que percorria a estrada serpenteante, Cañuela percebeu outro veículo semelhante, conduzindo um homem apenas.

Achou estranho que um passageiro se decidisse a fazer sozinho aquele passeio.

Em seguida, recordou uma conversa que tivera com a camareira, no dia anterior.

— Há um homem que sempre encontro no corredor — dissera Cañuela. — É baixo e moreno, com uma cicatriz no rosto. Nunca o vi no salão de refeições e desconfio que não viaja na primeira classe...

— Tem razão, porque não viaja mesmo — replicou a camareira. — Sei de quem está falando e até já o mencionei ao camareiro-chefe.

— Acha que ele seja um ladrão?

— Não creio. Penso mais que seja um jornalista.

— Trabalhando para algum jornal? — indagou Cañuela.

— Só pode ser. Em primeiro lugar, é um homem muito perguntador — replicou a camareira. — Fez-me perguntas sobre quase todos que têm camarotes neste andar.

— A meu respeito também? — perguntou Cañuela, temendo repentinamente que sua identidade fosse descoberta.

— Não. Nada perguntou sobre a senhorita, mas parece muito interessado em seu patrão.

— Por que será? — disse Cañuela. Pensou mais tarde que o homem podia ter relações com alguma firma rival das que Ramón de López representava.

Como sua secretária, ela sabia que todas as concessões e contratos obtidos na Inglaterra, seriam mantidos em sigilo, até que ele chegasse à Argentina.

Agora, tinha certeza absoluta de que se tratava do mesmo indivíduo, embora visto a distância.

Identificou a maneira como ele ladeava a cabeça e o curioso formato de seu chapéu. Já o vira segurando-o na mão, quando caminhava pelo corredor.

Então, de repente, ela adivinhou a resposta.

O homem não era jornalista, mas detetive!

Sabia o quanto os argentinos podiam ter ciúmes das esposas, e Juan Sánchez era exatamente o tipo de homem que, cheio de razões, desejaria saber o que fazia sua mulher, quando não o tinha por perto.

De pé no alto da montanha, entre os copos-de-leite, ela considerou se ali não estaria a sua vingança.

Se o detetive cumprisse bem o seu trabalho, relatando ao Senor Sánchez que sua esposa tinha um caso com Ramón de López, o marido ofendido certamente desafiaria o rival.

Poderia haver um duelo ou ele exporia o casal culpado, de uma maneira que ambos receberiam o ostracismo dos mais respeitáveis membros da sociedade.

Evidentemente, o escândalo poria um fim às ambições de Ramón de López pela presidência do país.

Os argentinos admiravam um homem de sangue quente. Esperavam que ele tivesse amantes, que fosse alegre e libertino.

Entretanto, brincar com a afeição da mulher de outro homem, era um assunto muito diferente.

A esposa era posseção do marido, o seu castelo! Assim como não havia punição pelo enforcamento de um ladrão de cavalos, também não era considerado assassinato, matar um adúltero a sangue-frio.

“Aí está a minha vingança!” pensou Cañuela.

Mal terminara de pensar, e já sabia que seria impossível deixar que os acontecimentos se desenrolassem naturalmente.

Uma coisa era vingar-se de Ramón de López; a outra, vê-lo difamado!

Cañuela caminhou de volta ao porto, onde uma lancha a conduziu ao navio.

Uma hora mais tarde, Ramón de López e a Senhora Sánchez subiram a bordo. O homem da cicatriz no rosto os seguiu em outro barco.

Cañuela esperou, até ter certeza de que Ramón de López estaria sozinho em sua sala de estar.

A âncora já fora recolhida, e o barco preparava-se para zarpar.

Havia muita gente no convés, apreciando a partida, mas Ramón de López era viajante experimentado demais, para interessar-se pelo espetáculo.

Quando Cañuela entrou no camarote, ele a fitou com uma expressão que, para ela, parecia de prazer.

— Ia mandar chamá-la neste momento, senhorita Gray — disse. — Tenho mais um ou dois assuntos a acrescentar ao relatório que fizemos ontem.

Ela vacilou. Sem nada perceber, ele continuou:

— Esteve em terra?

— Sim.

— É uma bela ilha.

— Realmente, muito bonita, senhor. Como não se sentasse, ele a fitou de maneira inquisitiva.

— O que há? — perguntou.

— O senhor foi seguido esta tarde — disse Cañuela. — Há um homem que tem feito perguntas a seu respeito. Está sempre andando pelo corredor.

Ramón López ficou tenso.

— O que acha que ele quer? — perguntou, após um momento.

— Não cabe a mim dizer — replicou ela. — Achei apenas que o senhor devia saber.

— Por que se deu ao trabalho de me avisar?

Era uma pergunta constrangedora. Por fim, ela foi franca.

— Um escândalo... o prejudicaria.

— E seria de seu inteiro agrado, imagino. Tem demonstrado a sua antipatia por mim com bastante clareza, senhorita Gray.

— Mesmo sabendo... disso, o senhor... quis trazer-me nesta viagem?

— Preciso de seus serviços, como bem sabe. Ao mesmo tempo, estava curioso quanto aos motivos de sua atitude.

Houve um silêncio, e então ela disse:

— Penso que... devíamos trabalhar, senhor.

— Quero que responda ao que vou perguntar — insistiu ele. — Por que não ficou de lado, deixando que me desacreditassem? É bastante inteligente, senhorita Gray, para não adivinhar quem seja realmente esse tal homem.

— Acho que... não é da minha conta.

— Mas ficou preocupada com minha reputação! talvez, por sentir-se grata. Ele fez uma pausa, antes de acrescentar: — Será?

Não havia dúvida quanto à ironia de sua voz. Cañuela pensou, para então responder:

— Não... Não se trata disso.

— Então, gostaria que me desse uma explicação convincente.

Houve agora um longo silêncio. Finalmente, ela balbuciou:

— Alguém.... cujo julgamento eu respeitei... disse certa vez que o senhor daria... um bom... Presidente da Argentina.

— Quer dizer que já ouvira falar de mim antes? — perguntou ele, vivamente.

Ela ficou vermelha.

Devia saber que Ramón de López não deixaria de fazer semelhante pergunta.

— O senhor é um homem muito conhecido — murmurou.

— Mesmo fora da Argentina? Duvido muito.

Ela ficou calada. Ramón de López disse então:

— Isso indica que concordava com seu informante...

— Sim, concordava.

— No entanto, pessoalmente, a senhorita me detesta.

— É... verdade.

Sua voz saiu com dificuldade.

— Pelo menos, é honesta, senhorita Gray. Posso saber seus motivos?

— Não!

— Por que não?

— Não tenho obrigação de falar a esse respeito, senhor. Estou aqui para trabalhar. Meus sentimentos, sejam quais forem, não devem ter qualquer interesse para o senhor.

— Por estranho que pareça, eles me interessam — respondeu Ramón de López. — Francamente, senhorita Gray, acho irritante trabalhar com alguém, cuja atitude é de desagrado e que pronuncia cada palavra como se tivessem saído de um frigorífico!

Cañuela continuou silenciosa. Findo um momento, ele explodiu, como se não se contivesse mais:

— Não tem nada a dizer? Deus sabe o quanto é enlouquecedor, falar com uma mulher que decidiu agir como uma esfinge ou enigma!

— Não estou aqui para falar, senhor.

— Pois eu quero falar com a senhorita! — exclamou Ramón de López, quase como uma criança mimada. — Se me será negado o prazer da companhia da Senhora pelo resto da viagem, então devo contentar-me em conversar com a senhorita!

— Lamento que esteja sofrendo tanto! — replicou ela, sarcástica.

Ramón de López a fitou por um instante e então disse:

— Ignoro onde foi criada, senhorita Gray, mas é evidente que lhe deram rédeas soltas, o que é um erro, em se tratando de uma jovem. Só posso esperar que um de seus namorados, embora afirme que não os tem, um dia a espanque como merece!

Como ela não respondesse, após um momento ele disse, irritado:

— Muito bem, sente-se! Pelo menos, torna-se um pouco humana quando estamos trabalhando e, se preciso degelar um frigorífico, podemos começar pelo que nos une!

Cañuela acomodou-se na borda da cadeira e abriu seu bloco de anotações.

— Estou pronta, senhor — disse, em um tom humilde que, segundo esperava, o irritaria ainda mais.

Por trás dos óculos, seus olhos brilhavam de triunfo!
Conseguira encolerizá-lo!
Fora bem sucedida, fazendo desmoronar sua arrogância!
Ao mesmo tempo... ela o salvara!

CAPÍTULO 4

CAÑUELA trocava de roupa para o jantar, quando houve uma batida à porta, e entrou a camareira, com uma caixa na mão.

— Com os cumprimentos do Senor Ramón de López!

Cañuela fitou a caixa com incredulidade.

Era difícil acreditar que ele lhe enviasse uma caixa de orquídeas, quando as comprara para a Senhora Sánchez.

Por um instante, ficou tentada a devolvê-la, mas então percebeu que ele devia ter dois motivos para enviar-lhe o buquê.

Primeiro: o que mal acreditava, ele era inteligente demais para pensar que ela aceitaria as flores como um cumprimento, por alertá-lo sobre o detetive.

Segundo: ele procurava, deliberadamente, desviar a atenção do homenzinho, da Senhora Sánchez para ela.

A última hipótese era a mais provável, mas ao mesmo tempo, ainda era um insulto.

— São lindas! — exclamou a camareira.

— Pois então, fique com elas. É um presente meu.

A camareira olhou para ela com surpresa.

— Não gosto de orquídeas — explicou Cañuela.

— E eu não teria oportunidade de usá-las a bordo — riu a camareira.

— Talvez haja alguém que as apreciasse — sugeriu Cañuela.

— Na verdade, há mesmo — replicou a camareira. — Neste corredor, viaja uma senhora que não passou bem toda a viagem. A Senhora Pinto tem três filhos e creio que um presente como este lhe levantaria o ânimo.

— Então, por favor, leve para ela — disse Cañuela.

— Ficariam lindas em seu vestido — replicou a camareira, observando o belo traje que Cañuela acabara de vestir.

— Como já falei, detesto orquídeas. São muito exóticas e luxuosas para uma pessoa de minha condição.

— Está sendo modesta demais, senhorita Gray — sorriu a camareira. Depois acrescentou: — Tenho algo muito interessante para contar-lhe...

— O que é?

— Lembra-se do homem sobre quem falávamos, o tal que vivia bisbilhotando no corredor?

— Sim, lembro-me.

— Falei sobre o indivíduo com o camareiro-chefe e ele comunicou o fato ao comissário de bordo, que disse ao tal homem para permanecer na segunda classe, onde viajava.

— Foi uma boa coisa... — começou Cañuela.

A camareira a interrompeu, para continuar:

— E o que pensa que aconteceu? Ele trocou a passagem!

— Quer dizer que pagou a diferença, para ficar neste convés? — exclamou Cañuela.

— Exatamente! Talvez o homenzinho não ache a segunda classe decente para ele ou então não encontrou gente suficiente com quem conversar, lá embaixo!

— Sim, talvez seja isso — concordou Cañuela.

Quando desceu para o salão de refeições, pensava que fora muita sorte haver visto o detetive seguindo o Senhor López e sua bela acompanhante, quando excursionavam pela ilha.

Se não tivesse subido tão alto, na encosta da montanha, seria fácil ver o que acontecia. Por outro lado, se Ramón de López não houvesse sido avisado a tempo, o detetive teria muito para relatar a quem o contratara, ao alojar-se naquele mesmo corredor.

Cañuela desceu para jantar, bem mais tarde que de costume. O salão estava praticamente cheio, quando entrou, e a Senhora Sánchez já tomara seu lugar, à mesa do comandante. Estava maravilhosa, fascinante e voluptuosa em seu trabalhado vestido de cetim verde, combinando com o enorme colar de esmeraldas em torno do pescoço alvo.

Cañuela sempre admirara a beleza das mulheres argentinas, as quais amadureciam pelos quinze anos, embora muitas delas envelhecessem muito cedo.

Quanto à Senhora Sánchez, estava no apogeu da beleza. Devia ser difícil qualquer homem resistir ao convite de seus olhos negros e dos provocantes lábios vermelhos.

Cañuela mal acabara de pedir seu jantar, quando viu Ramón de López, que entrava no salão.

Ele caminhou por entre as mesas lotadas, dirigindo-se à que o comandante ocupava, juntamente com os passageiros importantes. No entanto, ao invés de sentar-se no lugar costumeiro, ele se inclinou para diante e falou durante alguns segundos no ouvido do homem.

Para espanto de Cañuela, em seguida ele caminhou para a mesa, ocupando a cadeira diante dela.

Viu que Ramón de López trazia alguns papéis na mão.

— Expliquei ao capitão — disse ele — que recebi alguns cabogramas muito importantes, os quais devem ser providenciados imediatamente. Em vista disso, pedi-lhe desculpas por não me sentar à sua mesa, a fim de poder discutir assuntos de trabalho com a senhorita.

Cañuela podia adivinhar que, certamente, a Senhora Sánchez ficara bastante surpresa com o sucedido.

De seu lugar, podia vê-la olhando para Ramón de López, com uma expressão não apenas intrigada, mas também irritada.

— Houve mesmo os cabogramas? — perguntou Cañuela.

— Felizmente recebi vários, que reforçarão o meu pretexto — respondeu ele — mas sem grande importância ou urgência.

Sorriu.

— Assim sendo, se vai apoiar a minha atitude, deve conversar comigo, porque não acredito que me queira ver mal. Não podemos ficar calados, como um casal entediado, que não tem mais assuntos para conversar!

Cañuela não pôde deixar de sorrir.

Ramón de López pegou um cabograma do alto da pilha de papéis, e lhe passou.

— Faça de conta que os ingleses fizeram um pedido para mais um milhão de toneladas de carne congelada — sugeriu ele. — Ou, se prefere, enfrentemos o fato de que a Argentina está na bancarrota, e precisamos discutir a maneira de vencer tal crise econômica!

Achando que devia tomar parte na representação, Cañuela leu o cabograma, um dos que já decifrara na manhã daquele dia. Depois o devolveu.

Ramón de López entregou-lhe outro, com o qual ela fez a mesma coisa.

Quando pediu seu jantar, Ramón de López aceitou a *carte des vins*, que o garçom lhe estendia.

— O que prefere: vinho branco ou tinto?

— Estou bebendo água — respondeu ela.

— É uma colheita que eu nunca recomendaria, quando a bordo! — sorriu Ramón de López.

Pediu uma garrafa de Piesporter que, conforme Cañuela recordava, fora um dos Moselles favoritos de seu pai. Pensando que gostaria de prová-lo novamente, não protestou, quando o garçom encheu seu copo.

— Posso felicitá-la pelo vestido? — perguntou Ramón de López.

— Talvez eu é que devesse felicitá-lo, senhor — replicou ela, recordando que ele pensaria ter pago o vestido.

— Sinto que, talvez, falte um pouco mais de ornamentação. Não recebeu minhas orquídeas?

— Sim, recebi.

Houve uma pausa, e depois ele indagou:

— Havia algum motivo para não usá-las?

— Sim... dois — replicou Cañuela, tensa.

— E quais são?

Ela pensou em não responder, mas como ele assumia uma atitude inquisitória e, ainda se sentia insultada pelo presente, replicou, dominada por súbita raiva:

— Estou pronta a desempenhar o papel de acompanhante de um Romeu frustrado, senhor, mas não o de Julieta!

Enquanto falava, ela já sentia o quanto fora rude.

Viu a expressão de perplexidade no rosto de Ramón de López e depois o fogo de

seus olhos, quando ele respondeu:

— Não há dúvida, senhorita Gray, de que cada vez fica mais perto daquele espancamento de que tanto necessita!

— A força bruta dificilmente seria um método sutil ou civilizado de argumentação, senhor!

Ele apertou os lábios por um instante, quase como se reprimisse um sorriso.

— Porém, isso muitas vezes é necessário — disse — em se tratando de mulheres e cavalos.

— Seus estábulos merecem toda a minha simpatia, senhor.

Naquele momento, Cañuela desejava não estar usando óculos, para que ele pudesse ver o desafio contido em seu olhar. Ramón de López disse, em voz mais calma, fazendo um esforço para controlar-se:

— A senhorita mencionou dois motivos para não usar minhas orquídeas. Qual é o segundo?

— Não gosto de orquídeas.

Os lábios dele esboçaram um leve sorriso, como se tivesse esperado uma explicação mais complexa. Depois disse:

— Ouvi dizer que as mulheres se parecem com as flores. Tem razão! Orquídeas não são adequadas para a senhorita.

Fez uma pausa, antes de indagar:

— Tem alguma idéia sobre o que seria apropriado?

— Por que não dentes-de-leão?

Ramón de López conteve uma risada, francamente divertido.

— A sempre imprevisível senhorita Gray! — exclamou. — Não posso imaginar outra mulher, dizendo semelhante coisa!

O garçom serviu outro prato e, depois que ele se retirou, Ramón de López disse:

— Nunca percebi antes, como podem ser expressivos os lábios de uma mulher!

Cañuela olhou para ele, desconfiada.

Sentia que ele procurava manter a conversa mas, ao mesmo tempo, aquele não era o tipo de assunto que esperara.

— Antes — continuou de López — sempre notei que as emoções eram traídas pelos olhos, mas como não vejo os seus, começo a descobrir o que sente... por sua boca!

Instintivamente, ela apertou os lábios.

— Agora, está preocupada — continuou Ramón de López, em voz pausada. — Receia que eu possa descobrir certas coisas que tenta esconder de mim...

— Está procurando constranger-me — replicou ela, acusadoramente.

— Por que ficaria constrangida? A menos que se envergonhe do que está escondendo...

— Prefiro não falar sobre minha pessoa, senhor.

— Pois é o assunto que me atrai, no momento. A senhorita transformou-se em meu anjo da guarda. Agora, deve suportar as consequências.

— Acho que cometi um erro!

— Pense no quanto sentirá orgulho de mim, quando eu for eleito presidente! Poderá dizer para si mesma: “eu consegui!”

— Parece muito confiante, senhor. O orgulho sempre precede a queda!

— Teve a sua oportunidade, senhorita Gray.

— E, sem dúvida, devo lamentar não a ter aceitado!

Outro prato interrompeu a conversa.

Enquanto comiam, Ramón de López perguntou, parecendo desejoso de mudar de assunto:

— O espião está presente no refeitório?

— Sim. É o homem sentado perto da porta.

Cañuela contou-lhe o que soubera pela camareira, isto é, que ele trocara sua passagem da segunda classe.

Viu que Ramón de López parecia ponderar a questão. Depois ele indagou:

— Como poderei alertar a Senhora Sánchez a respeito, sem estar sozinho com ela?

Cañuela pensou por um momento, e depois sugeriu, medindo bem as palavras:

— Eu poderia pedir à camareira para contar à sua criada que o homem esteve fazendo perguntas sobre ela.

Ramón de López respirou fundo, aliviado. — Se fizer isso por mim, ficarei eternamente agradecido.

Houve um minuto de silêncio.

— Tenho uma sugestão a fazer-lhe, senhor — disse Cañuela.

— Qual é?

— Talvez lhe pareça... impertinente.

— Procurarei captar apenas a sua intenção.

— Muito bem... Sendo assim, nos dias que restam de viagem, por que não registra no papel suas idéias para o futuro da Argentina?

Ele ficou calado, mas Cañuela percebeu que a ouvia atentamente, enquanto prosseguia:

— Muitas vezes, têm-se a impressão de que os setores governamentais agem individualmente, sem uma política de consolidação nacional.

— É verdade.

— Entretanto, existindo um plano geral de desenvolvimento, o que não tem acontecido nos últimos anos, em relação à Argentina, o país poderia expandir-se como nunca aconteceu antes, tendo-se em vista seus imensos recursos naturais.

Ela falava em voz firme e convicta.

Quando terminou, Ramón de López perguntou, com uma nota de incredulidade na voz:

— Francamente, como é que entende disso?

Cañuela sobressaltou-se.

Estivera tão concentrada em sua idéia, que não percebera haver falado mais do que pretendia.

Rápida, tentando encobrir a falha, respondeu:

— Eu... Eu... li muitos dos... livros e revistas que havia no... escritório de Londres.

Ramón de López encarou-a com incredulidade. Não obstante, ficara tão interessado pela sugestão, que imediatamente começou a elaborá-la.

— Creio que devemos escrever um panfleto, com fatos e números, que possa ser distribuído a cada membro do Governo.

— Eu já esperava que dissesse isto. Ele ergueu as sobrancelhas.

— Suas palavras não traduzem o que realmente sentiria um inimigo, senhorita Gray.

Houve uma sombra de sorriso nos lábios de Cañuela, quando ela respondeu:

— Em uma emergência, é uma questão de “mãos à obra!”

Ramón de López jogou a cabeça para trás e, agora, seu riso ecoou sem reservas.

Nos dez dias seguintes, Cañuela trabalhou mais do que nunca, em toda a sua vida.

Compreendeu então que, quando Ramón de López se entusiasmava com alguma coisa, aquilo lhe ocupava os pensamentos e a imaginação.

Foi difícil convencê-lo a dar-lhe algum tempo, a fim de datilografar o que ditava incessantemente, em taquigrafia.

Só pela necessidade de exercitar-se, ele interrompia uma longa sessão de ditado, momentos que ela aproveitava para retornar a seu camarote e datilografar o que taquigrafar.

Havia ainda os eternos cabogramas a serem decodificados. Por várias vezes, ao fim do dia, Cañuela pensou que ganhava merecidamente o seu dinheiro, aliviando o sentimento de culpa por receber tão grande soma de seu empregador.

Ao mesmo tempo, ela se sentia fascinada.

Conforme esperava, descobriu que Ramón de López não possuía apenas uma ampla e total visão da posição financeira na Argentina, mas também algumas idéias revolucionárias sobre como fazer todo o país progredir, futuramente.

— É minha firme convicção — disse ele a Cañuela, e também em seu relatório — que nossa prosperidade está indivisivelmente ligada à Grã-Bretanha.

O Governo Britânico já investira uma soma considerável de dinheiro na Argentina, mas os investidores privados haviam ficado desiludidos e chocados por uma crise envolvendo o Baring Bank, a qual acontecera quatro anos antes.

Houvera também uma inflação crescente, demonstrações nas ruas, emissão ilegal de dinheiro e a bancarrota de várias ferrovias.

Evidentemente, essas e outras dificuldades haviam afugentado e amedrontado os investidores, mas era essencial, para a expansão da Argentina, que ela fosse respaldada por estabelecimentos bancários britânicos.

— O mais encorajador — disse Ramón de López — é o fato de a comunidade britânica estar absorvendo uma crescente quantidade de produtos argentinos.

— Suponho que ainda não seja o suficiente — disse Cañuela.

— Nem por sombras — replicou ele. — No momento, conquistamos a nossa expansão sob as difíceis condições da queda de preços. Isto significa que os termos do mercado são desfavoráveis à Argentina.

— Entretanto, a Argentina ainda conta com o baixo custo da mão-de-obra e sua abundância de terras virgens.

Ele tornou a observá-la, como que surpreso por seus conhecimentos. Porém, era maior o interesse em desenvolver seu próprio tema, que desafiá-la como de costume.

— O que precisamos, realmente, é de uma guerra! — exclamou.

Cañuela o fitou com horror.

— Na Argentina?

— Não, claro que não! Falo de uma guerra em qualquer parte do mundo. Uma guerra exige gastos incriveis, e poderíamos fornecer cavalos, couros, carne de vaca e de carneiro, trigo e lã.

— Penso que todos esses artigos também poderiam ser negociados em tempos de paz — disse Cañuela.

— Sem dúvida — replicou ele — mas a guerra aceleraria os anos dourados que, estou certo, temos pela frente.

Por vezes, ele ficava impaciente, quando precisava interromper o trabalho e vestir-se para o jantar ou quando descia para o almoço. Em outras, mostrava-se calmo.

— Estou obrigando-a a trabalhar muito? — perguntava. — Perdoe-me. A culpa é sua, por inspirar-me.

— Eu fiz isso?

— Quem mais poderia ser? Não havia pensando no assunto, até a senhorita sugerir-lo.

Levantando-se, ele cruzou o camarote.

— Quem disse que tudo é para o melhor, no melhor de todos os mundos possíveis?

— Se não me engano, foi Voltaire.

— Pois disse a verdade, no que me diz respeito — respondeu Ramón de López. — Se não fosse a senhorita e o que poderíamos chamar de “crise amorosa”, este relatório jamais seria escrito!

— Acredita que é mesmo importante?

— Claro que acredito! — exclamou ele. — E farei com que o Governo acredite também!

Sua voz estava impregnada de uma calma determinação, fazendo Cañuela sentir que ele conseguiria seus propósitos.

Ramón de López acrescentou, em seguida:

— Eu lhe disse que teria orgulho de mim.

Cañuela meditou naquelas palavras, quando o jantar terminou e pôde retornar a seu camarote.

Desde que haviam partido da Ilha da Madeira e o detetive passara a freqüentar o salão de refeições, Ramón de López não voltara a sentar-se junto ao comandante.

Todas as noites, ocupava a mesa de Cañuela, trazendo papéis e, por vezes, também livros.

De vez em quando, fingiam consultá-los e, por outras registravam algumas

palavras em um pedaço de papel, como se estivessem tomando notas.

Sempre dispunham de uma platéia para observá-los. Além disso, Cañuela percebia que os olhos da Señora Sánchez não se afastavam deles, no decorrer da noite.

A dama argentina parecia amarga e ressentida, como uma criança privada de um brinquedo.

Em vista disso, era uma satisfação pensar que o detetive perdia seu tempo e o dinheiro de quem o contratara, porque nada acontecia que ele pudesse pôr em seu relatório.

Ramón de López não se retirava após o jantar, como Cañuela, preferindo ir para o salão de jogos. Sua sorte fenomenal já se tornara o comentário de todo o navio.

— O senhor ganhou uma soma incrível esta noite — bisbilhotava a camareira, quando em presença de Cañuela. — A esta altura, metade dos passageiros chegará a Buenos Aires com os bolsos vazios e dívidas até o pescoço.

— Espero que possam suportar as perdas — disse Cañuela.

— Sem dúvida — replicou a camareira. — Parece que há, pelo menos, uma dúzia de milionários na primeira classe!

Mesmo que quisesse misturar-se aos outros passageiros — o que ela não fazia — Cañuela não teria a menor oportunidade para isto.

Quando não anotava os ditados de Ramón de López, estava martelando sua máquina de escrever.

Sentia-se tão entusiasmada com o serviço feito por ambos, que precisava obrigar-se a caminhar um pouco pelo convés, de manhã e à noite, a fim de exercitar-se.

Quando o tempo esquentava, debruçava-se na amurada para apreciar os golfinhos, que brincavam nas águas azuis, ou apenas pelo puro contentamento de ter o sol aquecendo-lhe a pele.

Estavam chegando ao fim da viagem, e ela começava a se perguntar como se sentiria, quando tudo terminasse.

Naqueles dias, era quase como se estivesse sozinha com Ramón de López, em uma pequena ilha perdida.

Agora, sentia dificuldade em manter sua fria reserva, e era inteiramente impossível continuar lhe respondendo por monossílabos.

Muitas vezes, Ramón de López interrompia o ditado, a fim de discutir um ponto qualquer com ela, não apenas para pedir-lhe uma opinião, mas para saber se, o que dizia, teria o impacto desejado sobre aqueles que iam ouvir suas idéias.

De vez em quando, Cañuela discordava.

Seguia-se então uma troca feroz de argumentos. Depois, ela se perguntava por que não o deixara seguir seu próprio fio de pensamentos, sem qualquer corte.

Que lhe importava, se aquele relatório fosse ou não um sucesso?

Procurava convencer-se de que assim agia em benefício do país que sempre amara e ao qual seu pai dera tantos anos de vida útil.

Bastava pensar no pai, para sentir-se profundamente magoada, porque recordava, ao mesmo tempo, que Ramón de López o abandonara, quando ele mais precisara de sua

amizade.

Nesses momentos, ela repetia, vezes sem conta:

— Eu o odeio!

Não obstante, as palavras pareciam ter perdido a emoção apaixonada que continham, quando ainda estava em Londres.

Todos os dias, ela escrevia parte de uma carta para sua mãe, como uma espécie de diário. Assim fazia que a senhora Arlington soubesse, exatamente, o que lhe vinha acontecendo, desde que partira.

Aos poucos, Cañuela foi achando mais e mais difícil descrever seu relacionamento com Ramón de López.

Era quase impossível manter-se com a frieza de que ele a acusara, de aparentar indiferença ou mesmo odiá-lo e provocá-lo, como antes.

Até então, não percebera o quanto era fascinante conversar com um homem. Em sua vida, jamais almoçara ou jantara acompanhada por outro homem que não fosse seu pai.

Desde que crescera, nunca estivera na companhia de um homem — um homem tão inteligente quanto Ramón de López!

Percebeu que sua própria mente se expandia. Descobriu que agora tinha novas idéias e um conhecimento mais profundo da história do período.

Além disso, via que, quando a conversa se tornava pessoal, havia alguém eufórico, excitante, na troca de idéias.

Eles duelavam entre si; travavam uma batalha onde ninguém era o vencedor e, quando depunham armas, sabiam que tornariam a empunhá-las, no dia seguinte.

Após uma longa sessão, quando o relatório estava praticamente no fim, Ramón de López pediu champanha para o jantar.

— Acho que a merecemos! — exclamou, satisfeito. — A senhorita trabalhou como uma escrava! Jamais passei tantas horas em pura atividade mental, como nesta viagem!

— E, graças a isso, agora tem algo para exibir — replicou ela.

— Engana-se; graças à senhorita — emendou-o.

Ergueu a taça.

— À mais eficiente secretária do mundo!

Bebeu um gole e tornou a levantá-la.

— A uma mulher de boca misteriosa e intrigante!

As palavras a apanharam de surpresa, e Cañuela sentiu que o sangue lhe tomava todo o rosto e falou:

— Não estrague tudo — pediu.

— O que estou estragando? Um relacionamento profissional?

Como ela não respondesse, ele continuou:

— Pode mesmo pensar em si mesma como uma empregada comum, uma datilografa que contratei, por acaso, em uma agência de empregos?

Cañuela continuou silenciosa.

— Fizemos muito mais progresso que isso — prosseguiu ele. — Nós dois. Porém, a

senhorita ainda esconde algo de mim. Continua sendo uma mulher com um segredo!

Cañuela deixou a taça sobre a mesa.

— Acho que devo voltar a meu camarote, senhor — disse — se aqueles rascunhos devem ser terminados antes de atracarmos. Ainda tenho umas duas horas de trabalho, antes de ir para a cama.

Os olhos de Ramón de López cintilaram.

— Continua fugindo? Do que e para quem?

— Não há resposta para essa pergunta.

— Apenas porque a senhorita não a quer dar.

— Isso é algo que nunca farei — respondeu ela.

Levantou-se, obrigando-o a também ficar de pé. Em seguida, apanhando uma pilha de papéis que ele trouxera para a mesa, retirou-se do salão.

Em seu camarote, ela se despiu e vestiu a camisola, sob um belo quimono de musselina, enfeitado de rendas, que fora de sua mãe.

Depois escovou os cabelos.

Sabia que, se não os escovasse no início da noite, quando terminasse de trabalhar, estaria cansada demais para isso.

Anos antes, prometera à mãe, quando não passava de uma criança, que daria pelo menos cem escovadelas nos cabelos, todas as noites.

“— Seu cabelo é maravilhoso, minha querida — dizia a senhora Arlington. — Não é da cor do meu nem de seu pai, mas de sua avó. Ela foi aclamada como uma das mulheres mais bonitas, quando a Rainha Vitória subiu ao trono.

“— Não acredito que fosse mais bonita que você, mamãe!

“— Pois era muito, muito mais bonita — replicou a senhora Arlington. — Todos os artistas de nome quiseram pintá-la, e seu retrato aparecia na exposição da Royal Academy, todos os anos. Dizem que a jovem rainha tinha ciúmes dela, o que não era de estranhar!

“— E meu avô, também era bonito”?

148

“— Até conhecer seu pai, sempre pensei que ele fosse o homem mais bonito e atraente do mundo — disse a senhora Arlington”.

“Sua voz soara dolorida, porque ela amara o marido profundamente”.

“— Você não se incomodou em sair de casa para casar com papai”?

“— Eu sempre obedecera a meu pai, nos mínimos detalhes, de maneira que odiei decepcioná-lo”. Entretanto, o amor é algo que ninguém pode controlar.

“— Quer dizer que, ao apaixonar-se por papai, nada mais importava”? Nem ninguém?

“— Nada nem ninguém — afirmou sua mãe. — É isso que acontece quando amamos. Trata-se de uma sensação envolvente, arrebatadora... Eu me sentia aérea, enfeitiçada, maravilhada, e então fiquei sabendo...”

Fez uma pausa, e Cahuela insistiu:

“— O que ficou sabendo, mamãe”?

“— Bem, fiquei sabendo que, sem seu pai, eu não sentia vontade de viver” —

completou a senhora Arlington, com doçura.

Suspirou de leve e disse, com um sorriso:

“ – É sempre assim quando amamos, Cañuela”! Para nós, existe apenas aquela pessoa no mundo. Tudo e todos se tornam secundários. Essa pessoa tão especial passa a ser parte de nós, e nós nos tornamos parte dela. Qualquer sacrifício vale a pena, entende? Porque sabemos que estamos amando!”

“Espero também sentir-me assim um dia”, pensou Cañuela, enquanto ouvia a mãe.

Agora, no entanto, disse para si mesma que, quanto a ela, podia esperar da vida apenas trabalho, e nada mais.

Ao mesmo tempo, por muito que se resolvesse a aceitar a fria austeridade de tal perspectiva, sentia-se satisfeita ao libertar os cabelos do coque apertado e deixá-los cair sobre os ombros, como uma cascata de ondas brilhantes, com reflexos vermelho-dourados.

Também era um alívio ver-se livre dos óculos escuros.

Finalmente, poderia datilografar sem eles sobre o nariz. As lentes embaçadas dificultavam a leitura dos sinais taquigráficos e, por outro lado, a pesada armação machucava o alto de seu nariz, reto e pequenino.

Cañuela chegava às cem escovadelas do cabelo, quando bateram à porta.

– Entre – ordenou.

A camareira assomou com a cabeça.

– Poderia ser um anjo e ajudar-me, senhorita Gray? – perguntou ela.

– Naturalmente. O que quer que eu faça?

– Será que podia dar a mamadeira do bebê da Senhora Pinto? Lembra-se dela, não? É a dama a quem enviou as orquídeas.

– Sim, claro que me lembro – replicou Cañuela.

Pouco depois, a camareira voltava ao camarote, trazendo um bebê envolto em uma manta branca.

– A Senhora Pinto não se sente bem esta noite – explicou a camareira. – Quando preparei a mamadeira, ela não parecia em condições de alimentar o filho...

– Eu farei isso – sorriu Cañuela.

– Só lhe peço este favor, senhorita Gray – continuou a camareira – porque há meia dúzia de sinetas me chamando ao mesmo tempo e as outras duas camareiras foram jantar. Não sei o que as atrasou até agora! Estou com todo o serviço nas costas!

– Não se preocupe – disse Cañuela. – Ele parece um bebê comportado...

– Sem dúvida, quando não está faminto!

Como se entendesse as palavras da camareira, a criança começou a chorar.

Cañuela tomou o bebê nos braços, a camareira entregou-lhe a mamadeira, e desapareceu em seguida.

Em várias ocasiões de sua vida, Cañuela já se vira às voltas com um bocado de crianças de tenra idade.

Quando viajava com os pais, sempre havia filhos de diplomatas para serem vigiados e distraídos. Todos costumavam procurar, a senhora Arlington, se surgiam problemas.

Certa vez, houvera um surto de sarampo em Lisboa, ocasião em que ficaram com nada menos de três crianças pequeninas em sua casa, a fim de não serem contagiadas pelos irmãos já atacados pela doença.

O bebê sugou avidamente a mamadeira e, quando a esvaziou, adormeceu nos braços de Cañuela.

Era uma bela criança, de pele alva, certamente uma herança de seus antepassados espanhóis, com fiapos de cabelos escuros começando a brotar na cabecinha bem formada.

Cañuela a embalou suavemente, imaginando se um dia, ainda teria um filho seu próprio nos braços.

Sabia que, da maneira como planejara sua vida, eram bem escassas as possibilidades de uma maternidade. Algo em seu íntimo, rebelou-se a tal pensamento.

Ela queria ter filhos.

Queria amá-los e ser amada por eles... Então, pensou que isto também incluía o amor de um homem.

Como seria, amar um homem da maneira que sua mãe descrevera? Seria possível nada mais importar no mundo, além dele?

Sentindo o que quase chegava a ser uma dor física, ela deduziu que jamais alguém a amaria daquela forma. Como poderia um homem vir a amá-la?

Era filha de um diplomata acusado de traição — um homem considerado por muitos como um traidor da pátria e da profissão que exercia...

“Não é justo!” sentiu vontade de exclamar.

Houve uma batida à porta.

— Entre — ela disse, sabendo que seria a camareira.

Quando a porta se abriu, ela baixou os olhos para o bebê.

— Ele foi muito bonzinho — disse. — Caiu no sono, assim que terminou a mamadeira!

Não ouvindo resposta, levantou a cabeça.

Não era a camareira que entrara, mas Ramón de López!

Cañuela ficou rígida, como que paralisada.

Ele parecia gigantesco, ali, em seu camarote. Na verdade, era como se a esmagasse, enquanto permanecia de pé, contemplando-a fixamente.

De súbito, Cañuela teve consciência de que usava apenas um quimono leve sobre a camisola de dormir, que os cabelos soltos lhe caíam pelos ombros e que os óculos deformantes agora não lhe escondiam, os olhos.

Para Ramón de López, seus olhos verde-acinzentados pareciam enormes, no rostinho miúdo.

A aparição dele em seu camarote, a deixara tão surpresa, que ela estava com os lábios entreabertos, porque mal conseguia respirar.

Houve um longo, longuíssimo silêncio.

— Então, era por isso que escondia seus olhos! — exclamou ele, finalmente, em voz baixa.

Cañuela forçou-se a responder, dizer qualquer coisa.

— O que... deseja... aqui?

Era incapaz de mover-se, por causa do bebê.

Por algum motivo que ignorava, também se sentia incapaz de afastar seus olhos dos de Ramón de López.

Após um momento de hesitação, como se procurasse coordenar os pensamentos, ele disse:

— Vim pedir-lhe o livro-código, que trouxe junto com os papéis, do salão de refeições.

Cañuela não respondeu. Ele acrescentou, à guisa de explicação:

— A senhorita me disse que ainda tinha duas horas de trabalho pela frente.

— S-sim... sim, claro... — balbuciou ela. — Eu ia... começar... agora mesmo...

154

— Por que se disfarça? — perguntou ele. Depois acrescentou: — Bem, talvez seja uma pergunta idiota!

— Era a... única maneira de... sentir-me... segura!

— Entendo. Posso compreender isso.

Por algum motivo extraordinário, Cañuela tinha a impressão de que, naquele momento, eles não trocavam as palavras costumeiras, mas conversavam de uma maneira muito diferente.

Ela teve a louca idéia de que se comunicavam através da eternidade, que voltavam a encontrar-se, após séculos de separação.

Com esforço, conseguiu balbuciar:

— O 1-livro... código está... na m-minha... m-mesa.

Ao falar, baixou a cabeça e contemplou o bebê, adormecido em seus braços. Os cabelos soltos caíram como uma cortina, escondendo-lhe o rosto.

Ouviu Ramón de López dar um passo para a mesa. Hovive um ruído de papéis e em seguida ele disse, em voz cuidadosamente controlada:

— Boa noite, senhorita Gray! Lamento ter vindo incomodá-la.

Cañuela não respondeu.

Sem saber como, parecia-lhe que algo estranho e muito importante, acabara de acontecer.

Era como se a cortina houvesse subido, ao segundo ato de uma peça, que Cañuela ainda ignorava como se desenrolaria.

Disse para si mesma que estava imaginando demais.

Que diferença fazia, se Ramón de López a vira sem óculos? Como seu empregador, aquilo dificilmente provocaria alguma diferença no relacionamento de ambos.

Já dissera a ele que o odiava e, se continuasse a irritá-lo, sabia que tudo voltaria a ser como antes.

No entanto, estava apreensiva.

Na manhã seguinte, Cañuela já se encontrava na sala de estar de Ramón de López, quando ele voltou de seu exercício.

Enquanto se vestia, pensava que seria impossível entrar lá e caminhar, sabendo que

os olhos dele estavam nos seus; que ele ansiava fazer-lhe perguntas às quais não desejava responder.

Acomodou-se em sua cadeira de sempre, e colocou as folhas já datilografadas em uma mesa ao lado.

Também arrumou a pilha de livros que haviam consultado, e os abriu nas páginas desejadas.

Ramón de López entrou no camarote e, instintivamente, o coração de Cañuela começou a bater mais forte.

“Estou me portando como uma tola!” censurou-se. “Ele não tinha o direito de ir a meu camarote e, se for um cavalheiro, não falará mais nisso”.

Ramón de López ocupou a cadeira de costume.

Estudou-a por um momento, e então disse, em voz pausada:

— Sabe tão bem quanto eu, que esses óculos lhe prejudicam a visão. Quando estivermos sozinhos, não há mais necessidade de usá-los.

— Prefiro continuar com eles — replicou Cañuela.

Sem saber por que, sentia que eles eram uma linha divisória, vital, à qual devia aferrar-se.

— Isso não faz sentido! — exclamou Ramón de López. — A senhorita os usava por um motivo que deixou de existir.

Fez uma pausa, e acrescentou:

— Compreendo que, para uma mulher com sua aparência, seria impossível trabalhar em um escritório comum, a salvo de insultos intoleráveis de homens que nunca a deixariam em paz.

Cañuela permaneceu de olhos baixos.

— Não obstante, já deixou bem claro que me odeia — prosseguiu ele — e posso assegurar-lhe de que estou bem consciente de minhas deficiências, em relação à senhorita. Em vista disso, sugiro que se livre do que, agora, passa a ser um disfarce totalmente ineficaz!

Ela vacilou por um momento.

Com o correr do tempo, passara a considerar os óculos como uma armadura, sem a qual ficaria vulnerável. Depois, disse a si mesma que os argumentos de Ramón de López eram irrefutáveis.

Além do mais, recusando-se, ele poderia julgar que ela temia possíveis avanços de sua parte.

Era um argumento de dois gumes. Cañuela pensou se não seria mais digno assentir prontamente, ao invés de ouvi-lo continuar discutindo o assunto.

Com um gesto algo dramático, retirou os óculos do rosto.

— Muito bem, senhor — disse. — Entretanto, voltarei a usar o que chamou de “meu disfarce”, fora deste camarote. De outra maneira, eu jamais teria permissão de minha mãe para fazer esta viagem.

Ao falar, pensou que poderia estar parecendo presumida. O rubor lhe subiu ao rosto, quando acrescentou, muito baixo:

— Não é bem... verdade, por que... francamente... eu não tinha... alternativa!

— Pelo que, fico sumamente agradecido — declarou ele, em tom formal. — Começamos a trabalhar?

Evidentemente, agia com diplomacia, ajudando-a a contornar um momento constrangedor. Aliviada, Cañuela esperou que lhe ditasse as primeiras palavras.

Terminaram o relatório nesse dia.

A partir daí, não havia mais motivos para ela permanecer nos aposentos de Ramón de López: exceto quando fosse entregar-lhe as páginas já datilografadas.

Continuou usando os óculos escuros durante as refeições, mas com a curiosa idéia de que ele a fitava através das lentes, perscrutando-lhe os olhos, como nunca fizera antes.

Ramón de López nada disse que pudesse ter um duplo sentido, mas seu instinto de mulher lhe dizia que ele a admirava.

Era impossível esquecer a expressão de seu rosto, quando entrara no camarote e a encontrara embalando o bebê adormecido...

“Bolas! Não há termo de comparação entre mim e a Senhora Sánchez!”

Não obstante, devido ao fato de trabalharem juntos, era evidente a existência de uma proximidade, uma identificação entre ambos, como ele jamais tivera com outra mulher.

Ramón de López podia amá-las e desejá-las, mas ela lhe estimulava o cérebro, fora-lhe útil!

Restava, apenas, descobrir até quando duraria sua utilidade como secretária.

O curioso é que ele parecia ter perdido a vontade de provocá-la, como era tão comum, no início daquela viagem.

Ramón de López a consultava sobre vários assuntos e procurava ouvir sua opinião, mas todos eles eram de natureza puramente impessoal e política. Ainda assim, Cañuela ficava envaidecida, por ser consultada e ouvida.

O pior é que ele a vira indefesa, em trajes íntimos, com os cabelos soltos sobre os ombros!

Ele... um homem!

Quando tiveram a primeira visão do litoral da América do Sul, Cañuela experimentou uma inesperada apreensão.

“O que me espera daqui por diante?” perguntou-se. “Ele deixará de me considerar útil?”

Em Buenos Aires, certamente haveria dúzias de pessoas, já empregadas de Ramón de López, as quais fariam o trabalho que ela estivera executando.

E se ele a mandasse imediatamente de volta à Inglaterra?

Jamais haviam discutido o assunto do término de sua contratação, mas Cañuela nunca esquecia que tinha a passagem de volta em sua bolsa.

A qualquer momento, ele poderia agradecer-lhe o que fizera e, em conseqüência, só lhe restaria voltar para casa.

O que faria, quando chegasse a Londres, sozinha? Como suportar a idéia de permanecer na pensão de Bloomsbury, longe de sua mãe?

Para todos os outros passageiros, o fim da viagem significava a excitação do retorno ao lar. Não havia nenhum deles que deixasse de mostrar sinais de inquietação.

Os oficiais pareciam mais elegantes, e os marinheiros empenhavam-se em polir, pintar e limpar todos os recantos do navio.

A tonalidade azul-viva do Atlântico, começou a ser substituída pelo matiz lodoso do Rio da Prata.

Os espanhóis o haviam batizado de Rio de la Plata, significando Rio da Prata, embora isso descrevesse apenas um sonho espanhol.

Suas águas eram enlodadas pelo aluvião de vastas plantações e a vegetação apodrecida de florestas imensas. Na realidade, o rio jamais fluíra por entre “regiões ricas em minas de prata”.

Cañuela estava debruçada à amurada, perscrutando a distância, à procura da primeira visão das abóbadas, cúpulas e torres de Buenos Aires. Sem virar a cabeça, adivinhou que Ramón de López estava a seu lado.

— Será o fim ou o começo de uma aventura? — perguntou ele.

— Imagino que seja o... fim — replicou Cañuela.

Ao falar, percebeu que sua voz soara desalentada e sem inflexões.

— Caberá à senhorita decidir — disse ele. — Nós é que determinamos nosso destino.

— Não é verdade — respondeu ela, pensando em seu pai.

— Terminará descobrindo que pode determinar o seu!

Ela o fitou com curiosidade, sem entender o significado daquelas palavras.

Olhando na direção da cidade, onde navios de todas as nações enfileiravam-se a cada lado da foz do rio, ele disse:

— Na verdade, vinha perguntar-lhe o que devo fazer com as caixas de orquídeas que continuam estocadas nas geladeiras.

Sua voz tinha um toque divertido, como se percebesse que ela esperava uma pergunta mais importante ou difícil.

— Poderia distribuí-las entre as camareiras, que as usariam quando estivessem em terra — respondeu Cañuela. — Garanto que ficariam felicíssimas.

— Muito bem, é o que farei — declarou ele. — E, se está interessada, já sei qual a flor mais apropriada para a senhorita.

— Qual é?

— Suponho que nunca tenha ouvido falar nela — disse Ramón de López.

Refiro-me à flor que é conhecida pelos argentinos como *Lágrimas de la Virgen*.

Antes que Cañuela pudesse responder, eleja se afastara.

Ela ficou contemplando o rio, enquanto recordava perfeitamente como eram as flores *Lágrimas de la Virgen*.

As lágrimas da Virgem assemelhavam-se a um pequeno lírio, de intensa fragrância, que cresciam em tufos, como arbustos, cada planta composta de vinte ou trinta caules, medindo cerca de setenta centímetros de altura.

Na época da floração, cada caule produzia uma dúzia de flores ou mais, solitárias

entre as folhas, no formato e tamanho da rosa silvestre da Inglaterra.

Entretanto, o curioso com as *Lágrimas de la Virgen*, era o fato de suas belas e delicadas pétalas caírem imediatamente, assim que eram cortados os talos floridos.

A tradição fazia crer que, devido à sua extrema fragilidade e sensibilidade, essas flores possuíam também uma espiritualidade especial. Assim, nenhum ser humano podia se apropriar delas.

Nesse momento, Cañuela recordou algo mais.

Os gaúchos, no Sul, tinham um nome diferente para aquele lírio. Eles o chamavam de “Lágrimas de amor”.

CAPÍTULO 5

CAÑUELA embalara todos os seus pertences, assim como os livros e papéis de Ramón de López, quando percebeu que deixara uma caixa de lápis em sua sala de estar.

Entrou no camarote e, vendo-o vazio, foi até onde deixara os lápis, em uma mesa oposta à cadeira em que ela se sentava habitualmente, para tomar seu ditado.

Quando pegava a caixa, Ramón de López surgiu à porta que dava para o dormitório.

Ao olhar para Cañuela, reparou que já estava pronta para desembarcar.

Agora, ela usava o elegante traje azul de viagem que fora de sua mãe.

Fazia calor, e Cañuela não pretendia acrescentar a capa que fazia conjunto com o vestido. No último momento, usaria um casaquinho curto, abotoado até a cintura.

Seu chapéu era mais elaborado que tudo quanto usara na Inglaterra. Como o vestido, viera de Paris e ostentava aquele chique especial, que as outras nações não conseguiam igualar.

— Já está com sua bagagem pronta, senhorita Gray? — perguntou Ramón de López.

— Sim, senhor.

— Alguns membros de meu pessoal cuidarão da bagagem pesada — informou ele.

— Teremos uma carruagem no cais, esperando para levar-nos até em casa.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Darei a gorjeta à sua camareira.

— Não há necessidade disso, senhor — replicou Cañuela. — Ela cuidou muito bem de mim e lhe darei o que for necessário.

— A senhorita irá precisar de seu dinheiro para outras coisas — insistiu ele.

— Ainda assim, prefiro eu mesma presentear a camareira que me serviu.

Teve a impressão de que suas palavras o irritavam.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Sempre precisa discutir, a cada pequeno detalhe? As camareiras deste navio receberão suas gorjetas de meu bolso, como sempre foi!

Seu tom era tão furioso, que ela disse, indecisa:

— O senhor já... me deu demais... Além disso... também tenho o meu... orgulho.

— Orgulho! — bufou ele. — Não foi a senhorita quem me recordou que o orgulho sempre precede a queda? Pois um dia terá essa sorte!

Cañuela o fitou com surpresa.

— O que quer dizer... com isso?

— Quero dizer — replicou ele, quase com brutalidade — que um dia a senhorita será humilde; será gentil e terna, compassiva e lacrimosa!

Através das lentes escuras, Cañuela olhou para ele com espanto, e ouviu-o acrescentar:

— E, quando a senhorita chorar, saberá que está amando!

Ela respirou fundo.

— Isso é algo que jamais acontecerá comigo, senhor! Muito bem, deixarei que recompense a camareira.

Saiu do camarote e fechou a porta. Só ao caminhar pelo corredor, que percebeu o quanto estava trêmula.

— Por que eu o deixo tão irritado? — murmurou.

Por que seu comportamento, que ela considerava o mais adequado, sempre o aborrecia?

Não encontrou uma resposta plausível. Vinte minutos mais tarde, o navio atracara ao cais, as passarelas haviam sido descidas, e ela devia desembarcar.

Antes que os passageiros saíssem, uma verdadeira multidão de amigos e parentes invadiu o barco.

Cañuela recordou como, nos velhos tempos, havia sempre numerosos funcionários da Legação e uma avalanche de amigos de seus pais, ansiosos por cumprimentá-los.

Houvera flores para sua mãe e, geralmente, caixas de bombons para ela.

A cena sempre lhe parecera uma dramática volta ao lar, com muitas experiências para relatar e muitas novidades para ouvir.

Hoje, no entanto, era estranho saber que não apareceria ninguém para vê-la ou falar com ela...

Avistou o Senhor Juan Sánchez, resfolegante e corado, acolhendo a esposa e, em seguida, lançando um olhar para a multidão de passageiros que aguardava o momento do desembarque, observando cada um deles.

Embora atribuisse à imaginação, Cañuela achou que ele franziu a testa, quando seus olhos pousaram em Ramón de López.

Entretanto, Sánchez caminhou para ele, de mão estendida.

— Como vai, De López? — perguntou. — Soube que também vinha neste navio.

— Estou feliz, em voltar para casa — replicou Ramón de López.

Virou-se para a Senhora, que havia acompanhado o marido e, tirando o chapéu, perguntou, de maneira convencional:

— Apreciei a viagem, senhora? Infelizmente, mal nos vimos, porque os negócios me tomaram todos os momentos...

— Negócios? — perguntou o Senor Sánchez, desconfiado.

— Saberá de tudo mais tarde — prometeu Ramón de López. — Trata-se de um projeto para o Governo examinar atentamente. Creio que será de seu interesse particular, como Ministro das Finanças.

Virou-se enquanto falava e, com um gesto, indicou a Cañuela que o precedesse na passarela.

Havia numerosos amigos de Ramón de López no cais, esperando para cumprimentá-lo e trocar algumas palavras, agora que voltava a seu país.

Finalmente, ele conseguiu desvencilhar-se e, sentado ao lado de Cañuela, em uma elegante carruagem aberta, puxada por dois cavalos de raça, partiu do cais em direção ao centro da cidade.

Para Cañuela, voltar a Buenos Aires, era como retornar ao passado.

Cada rua parecia familiar, uma parte indivisível de sua infância.

Mesmo os nomes das diferentes zonas da cidade, voltaram à sua mente, como um toque mágico e musical, que lhe evocava um conto de fadas.

Palermo, com sua infinidade de jardins; La Recoleta, com suas árvores antigas e frondosas; o Parque Lezama, com seus vales arborizados e misteriosos, La Costanera, com sua bela alameda, marginada de imensos choupos.

Tudo aquilo era parte da magia de Buenos Aires, a mesma que seu pai lhe inculcara, quando contava histórias sobre o desenvolvimento da Argentina.

A princípio, os espanhóis haviam negligenciado a cidade, porque, naquela época, interessavam-se apenas por barras de ouro ou prata. Além disso, a fauna natural, excetuando-se o avestruz, não encontrava mercado no exterior.

Entretanto, erguendo-se sobre um grande rio, semelhante a um leão, a cidade cresceria incessantemente e, com seu crescimento, tornava-se uma mistura da severidade inglesa, combinada com os pátios coloridos de Lima.

Ramón de López permaneceu durante algum tempo em silêncio. Depois, quando atingiram uma parte mais importante da cidade, Cañuela não conteve uma exclamação.

Ali, as ruas e casas estavam inteiramente decoradas com bandeiras. Homens erigiam faixas, atravessando a via pública de lado a lado, outros enfeitavam os postes de iluminação e montavam arcos que, à noite, seriam iluminados por globos de gás.

De repente, ela recordou a data em que estavam e, também nesse momento, Ramón de López explicou:

— Amanhã é o dia vinte e cinco de maio, Dia da Independência. A senhorita verá Buenos Aires em sua jovialidade máxima.

— A decoração é bastante colorida — replicou ela.

Esperava aparentar surpresa, pois não devia deixá-lo perceber que estava bem a par de como ficava a cidade, no Dia da Independência.

Haveria música e estandartes, procissões gigantescas e fogos de artifício por todos os lados.

O *Te Deum* seria cantado na catedral e lá estariam o Presidente e seus Ministros, todos em traje de grande gala.

A população afluiria em massa para as ruas, tumultuando-as e bloqueando o tráfego. Às vezes, até pendurada nos balcões, de onde era possível apreciar-se melhor o espetáculo.

Cañuela sorriu intimamente, ao pensar no barulho. Sim, porque, quando os argentinos se rejubilavam, a algazarra que faziam era sempre ensurdecadora.

Na capital e em cada cidadezinha ou vilarejo obscuro, os foguetes e fogos de artifício iriam da aurora ao crepúsculo. As bombas festivas desmanchariam-se em nuvens estrondosas de fumaça.

Haveria também um carnaval, com suas brincadeiras intermináveis, por vezes rudes demais para serem divertidas.

“— Quem ousa sair de casa — dissera Lionel Arlington, quando chegaram à Argentina, pela primeira vez — arrisca-se a ser o alvo de centenas de atiradores

emboscados”.

“ – E o que atiram eles? – perguntara Cañuela.

– *Pomitos* – respondeu seu pai. – São saquinhos de papel com pequenos cortes nas extremidades, cheios de trigo ou pedrinhas. Bem pode imaginar que tentação se tornam para os meninos...”

Cañuela rira.

“ – Quando não recebemos *pomitos* no rosto ou nas roupas – havia continuado seu pai, – há um grande risco de ficarmos encharcados de água, cobertos de farinha de trigo e alvejados por ovos, quando não, pedras.

“ – Oh, mas é horrível! – exclamara ela.

“ – A situação chegou a tal extremo que a Polícia proibiu se atirasse água nos transeuntes, dentro das cidades. Assim, pelo menos oficialmente, os *pomitos* estão cheios apenas de perfume!”

O carnaval que Cañuela presenciara, três anos antes, fora bastante divertido.

Ela o apreciara de um balcão na Legação Britânica e ficara maravilhada com as procissões, carregando imagens de santos.

Naquela ocasião, havia grupos de rapazes, pertencentes a clubes ou organizações, usando fantasias ou trajando costumes históricos.

Havia sido um espetáculo excitante mas, na mente de Cañuela ficaram impressas as corridas dos galopes gaúchos que eram uma parte integrante das comemorações.

Muitos deles economizavam o ano inteiro, para apresentar-se com a indumentária completa.

Os apetrechos dos cavalos eram limpos e polidos, as crinas e caudas aparadas bem rentes, e os cavaleiros disputavam entre si, cada qual esperando exibir a maior quantidade de prata, não apenas nos arreios, mas em si próprios.

Orgulhosos como cavaleiros medievais, galopavam sobre os cavalos de um lado para outro, testando a própria perícia contra todos os recém-chegados.

Em si, as corridas eram apenas uma prova da intrepidez do cavaleiro e da velocidade e resistência do animal. Entretanto, ambos davam o máximo de si.

Os prêmios e troféus eram altamente cobiçados, desde que representavam o máximo, na arte da cavalaria.

– Poderá ver a procissão amanhã, de minha casa – dizia Ramón de López. – Quando chegar, espero já encontrar muitas outras reuniões providenciadas em minha ausência, nas quais devo tomar parte.

Ele se calou em seguida, dando a impressão de que a avisava sobre alguma coisa.

Não foi um longo trajeto até a Plaza Victoria, a praça principal.

Cañuela tornou a ver a catedral, que abrigava o lugar onde fora sepultado San Martín, o Palácio do Arcebispo e a Casa Rosada, rosa e esplêndida, residência oficial do Presidente da Nação.

Desembocaram mais tarde na Plaza San Martín, e ali ela apreciou vários dos que sua mãe descrevera como “os palácios” da aristocracia.

Circundadas por seus parques, com as paredes brancas reluzentes, tais mansões

surgiam imponentes, no dia cálido e ensolarado.

A residência de Ramón de López era exatamente o que ela imaginara, e ainda mais.

Ao entrar na imensa mansão, ela percebeu que uma fresca obscuridade a protegia do brilho do sol causticante.

O ambiente nada tinha a ver com pompa, esplendor ou mesmo luxo.

Cañuela não saberia explicar o que sentia, mas tinha a nítida sensação de que era bem acolhida pela casa.

Depois, disse para si mesma que aquilo era apenas ilusão, porque lhe recordava os anos de felicidade que passara em Buenos Aires.

Sua mãe falara de Ramón de López, como tendo um “exército de criados”, e nisso estava certa, porque eles pareciam brotar de todos os cantos.

Por fim, um deles, uma mulher que imaginou ser a governanta, a conduziu a seu quarto, no andar de cima.

Como era costume no país, a casa fora construída em torno de vários pátios. Cañuela, no entanto, jamais vira nada tão belo como o chafariz enorme, de pedra esculpida, que atirava seus esguichos iridescentes na direção do sol.

Em torno do chafariz, espalhava-se uma profusão de flores, tão espetaculares, que mais pareciam um poema em cores.

Havia laranjeiras carregadas de frutos, trepadeiras semelhantes a hibiscos e buganvílias, destacando-se, vividas, contra o mármore branco.

A beleza do quadro a deixou sem fala. Quando foi conduzida a seu quarto, percebeu que ele era, também, uma parte complementar do “palácio”.

— Espero que se sinta à vontade, senhorita — disse a governanta. — Já designei uma camareira para servi-la. Chama-se Dolores.

— Obrigada — disse Cañuela.

Pouco depois, Dolores entrava no quarto.

Era muito atraente, com um rosto oval e comprido, morena, de olhos úmidos, orlados de longas pestanas. Aparentava uns dezessete anos.

Após fazer uma medida, Dolores disse o quanto se sentia honrada por servir a uma dama tão bela do estrangeiro.

A bagagem foi levada para cima e, enquanto era desfeita, Dolores tagarelou amistosamente, à maneira tão peculiar dos argentinos.

— Está ansiosa para que chegue amanhã, não? — perguntou Cañuela, sabendo o quanto aquele dia era importante para os moradores de Buenos Aires.

— Mandei fazer um vestido novo e vou dançar com meu noivo, senhorita. Meus pais irão comigo, claro — acrescentou rapidamente, para não deixar nenhuma impressão incorreta sobre seu comportamento.

— Sim, é claro — assentiu Cañuela.

Sabia que as moças argentinas estavam sempre sob os olhos dos pais ou de uma *duenna*.

— “Jovens de todas as classes sociais nunca saem dos limites” — dissera seu pai uma vez. — “Do berço ao leito nupcial, elas nunca encontram oportunidades de terem sua

virtude em risco.”

Cañuela pensou que o mesmo acontecia na Inglaterra, onde as jovens estavam sempre acompanhadas, e nunca, nem por um momento, podiam ficar a sós com um homem.

Em vista disso, podia avaliar o quanto era excepcional o fato de passar doze dias, sozinha com Ramón de López, depois que o navio partira da Ilha da Madeira.

Era fácil imaginar como ficariam chocadas as amigas que sua mãe tivera no passado. Seu pai, aliás, jamais lhe permitiria chegar a tais extremos.

Por outro lado, Cañuela não receava ser reconhecida por qualquer dos antigos amigos de seu pai, caso viesse a encontrá-los.

Quando estudante, jamais tivera permissão para comparecer a quaisquer cerimônias, uma vez que ainda não fora apresentada à sociedade.

Em tais ocasiões, costumava fazer as refeições com sua governanta e em seus próprios aposentos.

Saía para passeios no parque e em torno da cidade, acompanhada da senhorita Johnson, mas nem havia cogitações, em se tratando de ir às corridas.

Ao teatro, tinha licença, apenas para assistir a alguma peça de Shakespeare ou dos autores clássicos, mas apenas na matinê.

— Fiquei mais livre, desde que comecei a trabalhar — murmurou para si mesma. — Nenhuma outra moça de minha idade e posição teria tanta liberdade...

Sentiu então que aquela era a expressão adequada: “uma moça em sua posição”.

Sim, porque agora ela era uma jovem que não tinha nenhum papel a desempenhar na sociedade, porque seu pai fora considerado um traidor.

Se viesse a saber quem era ela, nenhuma pessoa decente em Buenos Aires faria empenho em conhecê-la.

Cañuela estremeceu, ante a idéia de ser reconhecida. Perguntou-se qual seria a reação de Ramón de López, se soubesse a verdade sobre seu passado.

Evidentemente, ele considerara seu pai culpado. Seria capaz de mandá-la de volta à Inglaterra, sem ao menos uma palavra de gratidão por tudo quanto fizera por ele?

Cañuela não acreditava que Ramón de López agisse dessa maneira, mas... como confiar em alguém?

Ramón de López se voltara contra seu pai, que sempre o julgara um amigo!

“Ninguém deverá saber quem sou”, decidiu.

Quando chegasse o momento de ir embora, desapareceria sem maiores alardes.

Talvez ela e sua mãe trocassem de nome novamente... Já tinham feito isto uma vez. Que diferença fazia uma dúzia de vezes?

Se, ao menos, conseguisse ganhar dinheiro suficiente, as duas poderiam mudar-se de um lugar para outro, obscuras e despercebidas. Duas sombras, pelas quais ninguém se interessava...

Com um suspiro, ela apertou mais os óculos escuros sobre o nariz pequenino.

Aquelas lentes enfumaçadas a protegiam, defendiam seu anonimato, eram a sua armadura.

“Devo ser cuidadosa, muito cuidadosa”, pensou. “Não posso dar a entender que já estive aqui antes”.

Algumas horas mais tarde, ela foi conduzida a um pequeno gabinete, contíguo à enorme sala onde, segundo informaram, Ramón de López passava suas horas de trabalho.

Um membro da secretaria do dono da casa, indicou a ela quais seriam seus futuros deveres.

— O Senhor deseja que a senhorita se incumba de todos os assuntos referentes à Inglaterra, bem como do relatório que ele lhe ditou, durante a viagem.

Ela inclinou a cabeça.

— Todos os cabogramas e cartas da Inglaterra lhe serão trazidos, senhorita. Fechados e assim que chegarem — prosseguiu o homem. — Se desejar alguma coisa, por favor, diga-me. Meu nome é Naón, Marcelo Naón.

— Obrigada, senhor Naón — disse Cañuela. — Farei o possível para importunar apenas o necessário. De qualquer modo, é natural que eu ache certas coisas estranhas, de difícil compreensão...

— Será um prazer ajudá-la, senhorita — respondeu ele.

Era delicioso experimentar novamente a cortesia e polidez dos argentinos.

Ali, nada havia das maneiras de falar autoritárias e bruscas, que ela vira no escritório de Londres.

Embora um tanto exagerados, de vez em quando, todos eram corteses e respeitadores.

Porém, aquilo possuía um antigo encanto, muito mais agradável de ouvir, que a segura e rudeza que, por vezes, a deixavam sobressalto.

Ao mesmo tempo, Cañuela sabia muito bem que essa maneira agradável de falar, freqüentemente refletia a ineficiência que jazia por trás da maioria das relações comerciais na Argentina.

“— Pode-se resumir tudo em algumas poucas palavras — dissera seu pai, jovialmente”. — *Manana, pasado manana, la semana que viene...*

“— Amanhã, depois de amanhã, na próxima semana — traduzira Cañuela.

“— Exatamente! — exclamara ele. — Tudo será decidido em tempo. Nesse ínterim, apelarei para a engenhosidade máxima deles, adiando indefinidamente a decisão!”

Nessa noite, Cañuela jantou sozinha.

Pelos criados, ficou sabendo que o Senor López fora jantar fora. Fez sua refeição em uma pequena sala, onde adivinhou que o dono da casa tomava o café da manhã, com janelas se abrindo para um pátio interno.

Àquela altura, ela já descobrira que a casa se estendia quase que indefinidamente.

Havia muitos outros pátios e, na parte dos fundos, um salão de baile imenso estirava-se até o jardim.

Em si, os jardins eram magníficos, sombreados por pés de acácia e repletos daquelas flores de colorido vivo que tanta falta lhe haviam feito na Inglaterra.

Seu desejo era ter tempo para sentar-se ao sol e sonhar, como sonhara nos tempos em que tinha menos idade.

Naquela época, para Cañuela o mundo era cheio de pessoas de sentimentos nobres, gentis e amigas, as quais lhe devotavam uma afeição que ela retribuía.

Tudo diante dela parecera tão dourado e fascinante como os pampas. A “pradaria sem árvores”, descrita pelo Poeta, era um imenso espaço aberto que, sob a carícia dos ventos, assemelhava-se ao “fluxo e refluxo da maré”.

A idéia espicajara sua imaginação, fazendo-a concluir que sua vida também se estendia para diante, em direção a horizontes ilimitados.

Agora, ela já aprendera cheia de amargura, que seus horizontes, limitados pela traição e falta de dinheiro, se resumiriam em um quartinho na pensão de Bloomsbury.

De qualquer maneira, ela conseguira escapar de lá!

“Devo aproveitar enquanto posso. Quero recordar isto tudo, deixar bem impresso em minha mente”, disse para si mesma, “de maneira que nunca mais esqueça nada...”

Pensou que, quando o Senhor López não precisasse mais dela como secretária e a mandasse de volta para a Inglaterra, poderia fechar os olhos e tornar a ver todo aquele colorido que a deslumbrava.

Voltaria a ouvir a canção dos pássaros, uma melodia que jamais esqueceria...

Por vezes, quando Londres escurecia, tornando-se uma cidade cinzenta, dominada pelo *fog* ou encharcada de chuva, ela visualizava os rios pantanosos e pouco profundos que cortavam os pampas, aos quais seu pai a levava quando saíam a cavalo.

Esquivando-se aos maciços de cardos, eles galopavam para terrenos mais baixos, onde a relva se polvilhava de flores e chegava praticamente à cintura.

Então, a paisagem assemelhava-se ao prado inglês de junho, e eles descobriam os regatos que, com as chuvas, avolumavam-se e tomavam ares de rios caudalosos.

Naquelas áreas, havia um número espantoso de aves: patos selvagens, cisnes, garças pernaltas, íbis, patos-trombeteiros e garças-reais, que seu pai ia apontando.

O encantamento de Cañuela atingia o auge quando, abrindo as asas, uma daquelas altas aves branco-rosadas revelava uma maravilhosa tonalidade púrpura.

Eram os flamingos, que só via em ocasiões especiais, muito embora os procurasse com ansiedade.

“Devo lembrar. Preciso lembrar de tudo!” repetia agora para si mesma.

Tinha sido difícil afastar-se do jardim e voltar à frescura calma do interior da casa.

Ao terminar seu jantar, saiu para o pátio.

O chafariz de pedra era espanhol e antiquíssimo, esculpido por artesãos notáveis, mortos há muito tempo.

Cañuela observou as filigranas feitas há pedra, obra da habilidade dos índios, empregados pelos jesuítas.

A queda macia da água, em uma bacia de pedra, evitou que se apercebesse da aproximação de alguém.

Sobressaltou-se quando, sem esperar, ouviu a voz de Ramón de López.

— Admirando meu chafariz, senhorita Gray?

— É lindo! — exclamou ela, com naturalidade. — Claro, as esculturas dos índios sempre são...

De repente, percebeu que ia revelar até que ponto chegavam seus conhecimentos sobre o assunto. Então acrescentou, rápida:

- ...sempre são descritas nos livros como dotadas de beleza inexcelável.
- É verdade — disse ele. — Já explorou o restante da casa?
- Vi apenas algumas partes.
- E o jardim?
- É muito bonito.

Ele parecia quase forçá-la a admirar suas possessões.

— Amanhã — disse Ramón de López — no Dia da Independência, é costume que todos dêem uma festa. Antes de minha partida, já ficara estabelecido que houvesse um baile nesta casa para meus amigos. Nós a partilharemos com o vizinho ao lado, que é único membro do governo.

Fez uma pausa. Cañuela nada disse, mas gostaria de saber que motivos teria ele para dar-lhe tal explicação.

— Na época do carnaval, é divertido esconder-se o rosto — continuou Ramón de López. — Todos os meus convidados e também os de meu vizinho, usarão máscaras. A maioria estará fantasiada. Espero que aceite meu convite para estar presente.

Por um instante, ela imaginou que não compreendera bem.

— Como convidada? — perguntou.

— Como convidada! — repetiu ele. — Não estou ordenando o seu comparecimento, senhorita Gray. Apenas a convido.

Ela sentiu vontade de aceitar, mas no mesmo instante compreendeu o que significaria seu assentimento.

Àquele baile, certamente viriam pessoas já suas conhecidas de outras épocas. Em caso afirmativo, ela nada teria a dizer a tais indivíduos e, para todos, seria uma estranha.

Era pouco provável que Ramón de López, sendo o anfitrião, tivesse muito tempo para conversar com ela.

E assim, não conhecendo ninguém, inibida e constrangida, ficaria com medo o tempo todo, mesmo sendo impossível que alguém a identificasse como a filha de Lionel Arlington.

— É muita gentileza sua, senhor — respondeu — mas será melhor recusar o seu convite.

— Por quê? — perguntou ele, um tanto brusco.

— Porque não sinto vontade de ir a uma festa.

— Sua desculpa é absurda e sabe disso — replicou ele. — A senhorita é jovem, e todos os jovens gostam de dançar, especialmente na época do carnaval.

— Está falando dos argentinos, senhor. Eu sou inglesa.

— Mesmo assim, é jovem. Até os ingleses dançam!

Sorriu.

— Como bem sabe, em Londres, eu era convidado para um baile em cada noite. Por vezes recebia convites de dois ou três, na mesma data!

— Em meu caso, seria muito diferente, senhor.

— Fui recebido de braços abertos pelos anfitriões ingleses. Agora, como anfitrião argentino, estou pronto a pagar na mesma moeda.

— Fico-lhe grata, mas já dei a minha resposta.

— Quer se tornar difícil novamente?

— Sou apenas prática — respondeu ela.

— Sou sua empregada, e seus convidados ao baile de amanhã não desejarão nivelar-se a uma simples secretária. Talvez até se sentissem insultados se, inadvertidamente, fossem apresentados a uma humilde funcionária.

Ramón de López não falou por alguns momentos, mas Cañuela sabia que suas palavras eram irrefutáveis.

Na Argentina, a sociedade era puritana, extremamente fechada em certos aspectos.

Bem no estilo inglês, os argentinos acreditavam que a estrutura social fundamentava-se na preservação da respeitabilidade.

Além disso, os argentinos de todas as classes acreditavam também no ideal de pureza, incorruptibilidade e conduta honrada.

Tudo isto se baseava em um código social que, no tocante à família, tanto tinha de moralismo, quanto de fanatismo.

Mesmo para a senhora Arlington, com toda a sua gentileza, compreensão e simpatia, seria impossível um convite às secretárias do marido para um almoço ao qual compareceriam suas amigas pessoais.

Da mesma forma, seria insuportável que qualquer anfitriã argentina a recebesse e lhe fosse apresentada, porque ela era a secretária de Ramón de López, e viajara com ele, desacompanhada, de Southampton a Buenos Aires.

— Todos comparecerão de máscaras — disse Ramón de López, em voz baixa. — Eu gostaria que a senhorita estivesse presente ao baile.

— Para fazer o quê? Ver o quê? Ouvir o quê?

Como ele não respondesse, Cañuela acrescentou:

— Sou bastante cônica de minha posição, senhor. Como parte integrante de seu escritório, é assim que devo permanecer.

Ele suspirou de leve.

— Julguei-a mais aventureira e menos estereotipada que a maioria das jovens inglesas de sua idade.

Ela ficou calada. Como que explicando as coisas para si mesmo, Ramón de López continuou:

— De qualquer modo, a jovem inglesa mediana, certamente não teria a sua inteligência ou, por incrível que pareça, a sua educação!

— A jovem inglesa, se fosse o tipo de pessoa a quem convidaria para esse baile, não estaria trabalhando para o senhor. Assim sendo, é óbvio que devo ficar em meu lugar.

— E que lugar é esse? — exclamou ele, pensativo.

— Fui informada de que esse lugar é o de manejar sua correspondência inglesa. Acho que teremos muitos cabogramas amanhã cedo. Se o senhor estiver no carnaval, não o perturbarei até o dia seguinte.

— Quanta consideração, senhorita Gray! — exclamou ele, com uma nota de sarcasmo na voz.

— Faço o possível, senhor.

Ela fez uma ligeira mesura e retirou-se.

Sem olhar para trás, tinha certeza de que Ramón de López a seguia com os olhos.

Esperava estar caminhando com dignidade e até mesmo graça, mas depois se censurou vivamente, concluindo que não tinha o direito de pensar tais coisas.

Que diferença fazia a sua maneira de caminhar?

Não passava de uma secretária, e nem mesmo devia encarar como cumprimento, o fato dele a ter convidado para o baile.

Aquilo não passara do desejo de exibir-se.

Certamente, Ramón de López queria que ela o visse cercado pela elite de Buenos Aires. Desejava que admirasse a maneira como fora organizada a festa, que visse a beleza de seus jardins, iluminados com globos de gás e velas tremeluzentes...

“Luzes de fadas”, assim ela as denominara, quando ainda criança. Então, debruçava-se no balcão, para ficar espiando seu pai e sua mãe, que dançavam sobre o gramado, enquanto as luzes de fadas espargiam uma luminosidade vacilante entre as árvores e flores.

Havia ainda lanternas chinesas que banhavam de dourada claridade os caramanchões onde se sentavam os casais, para conversar quando não estavam dançando.

Sua mãe assemelhava-se a uma princesa de conto de fadas.

Cañuela podia vê-la no vestido branco que agora jazia em sua mala, porque a senhora Arlington insistira em que o trouxesse.

“Pobre mamãe... Não faz a menor idéia de qual seja a minha posição”, pensou.

No que lhe dizia respeito, jamais haveria lugar para vestidos brancos e danças entre as luzes de fadas; nada de carnaval no Dia da Independência, quando toda a Argentina enlouquecia...

Embora seu dormitório desse para um dos pátios internos, Cañuela acordou logo depois do alvorecer, com o barulho dos foguetes.

Enquanto se vestia, o ruído aumentava mais e mais. Em pouco, foram os tambores e trompas das bandas, soando a distância, juntamente com o repicar dos sinos das igrejas.

Mais ou menos de hora em hora, soava a melodia arrebatadora do Hino Nacional, que certa vez Lionel Arlington descrevera como “uma obra-prima poética, musical e patriótica”.

Os criados movimentavam-se moderadamente pela casa, de uma maneira que, ela bem sabia nada tinha de normal.

Ao chegar a seu gabinete de trabalho, constatou que não havia cabogramas nem cartas.

Quando se dirigira a Ramón de López, ela havia esquecido que, no dia mais festivo e irresponsável do ano, os serviços postais certamente parariam de todo.

Em vista disso, foi inevitável que, mais cedo ou mais tarde, ela se visse ao lado do Senhor Naón, no balcão, juntamente com vários outros membros do escritório.

Uma procissão percorreu a rua, conduzindo a gigantesca imagem de um santo e incontáveis estandartes bordados das igrejas.

Havia penitentes trajando vestes monásticas, caminhando descalços, enquanto desfiavam seus rosários, seguindo atrás da imagem sagrada.

Ela viu também os soldados que ajudavam a empurrar outras relíquias sacras pela rua pavimentada de lajes, e teve a sensação de que milhares de trombetas enchiam os ares, com seus acordes metálicos.

O povo falava, ria e cantava. A alegria era irreprimível, em todos os cantos.

Naturalmente, os meninos menores atiravam *pomitos*, muito dos quais, Cañuela tinha certeza, não estariam recheados apenas de essências inofensivas.

Dos balcões, as mulheres atiravam flores para os soldados e gaúchos que passavam. Com um sorriso, que era retribuído por um olhar lânguido, as flores seriam agarradas atrevidamente, colocadas nos gorros, atrás da orelha, ou enfiadas na botoeira das túnicas.

Cañuela sabia que as flores do carnaval significavam o início de centenas de romances. Quando o ano ia avançando, alguns terminavam em casamento, enquanto que outros desapareciam em lágrimas.

Mulheres respeitáveis não se atreviam a chegar à rua, mas para os homens, havia uma profusão de rostos adoráveis e provocantes, com lábios convidativos e olhos cintilantes.

“Em vez de ir ao baile, talvez esta noite eu pudesse ir até a rua!” pensou.

Em seguida, imaginou o quanto sua mãe se horrorizaria ante semelhante idéia!

O dia escoou-se rapidamente, com tanta coisa para ver e apreciar.

À tarde, ela ficou sabendo que todas as pessoas importantes haviam ido às corridas.

Seu único arrependimento era não ter podido presenciá-las, quando morara em Buenos Aires, porque ainda não tinha idade suficiente.

Agora, desaparecia para ela a possibilidade de assisti-las da tribuna especial, reservada para a aristocracia da cidade.

Cañuela não dava importância a esse detalhe, mas gostaria de ver os cavalos, certa de que se divertiria com as corridas.

Antes de tudo, ela adoraria observar a multidão, alegre e entusiasmada.

Seu pai lhe descrevera muitas vezes o espetáculo. Ganhar uma corrida era como levar ao próprio céu aqueles que haviam apoiado o vencedor! Perdê-la, no entanto, significava o desalento mais absoluto, que freqüentemente arrancava lágrimas de frustração dos mais emotivos.

Ramón de López, sem dúvida, estaria fazendo correr seus cavalos, conhecidos como os melhores de toda a Argentina.

Sendo uma figura tão popular, muita gente apostaria nele, mais por suas qualidades individuais, que pela qualidade de suas cavalariças.

E quando Ramón de López ganhasse — o que era indubitável, pois investia mais dinheiro que qualquer outro no aprimoramento da raça de seus cavalos — tal fato lhe aumentaria a popularidade, aproximando a época em que se tornaria Presidente.

Era estranho que a Argentina comemorasse, oitenta e quatro anos mais tarde, de maneira tão esfuziante, a Independência conquistada em 25 de maio de 1810.

A partir dessa data, jamais um representante do poder espanhol voltara a exercer autoridade em Buenos Aires ou qualquer ponto do Vice-reinado do Rio da Prata.

Ao ser declarada a independência, o vice-rei, Marquês de Sobremonte, fugiu de sua cidade-capital.

Lionel Arlington contara a Cañuela, muitas vezes, que houvera homens leais à Espanha, desempenhando papéis significativos nos acontecimentos futuros, mas que a iniciativa na organização política e também na ação política, fora transferida para a comunidade *criolla*.

Quando o vice-rei escapou de Buenos Aires, permitindo que a capital trocasse de mãos sem resistência séria, enviou ordens a Montevideu, para que despachasse tropas ao interior.

Todavia, ele já tinha perdido o controle da situação. O povo empolgou-se na liberação de suas cidades, dos pampas e do grande rio que fluía entre ele.

Houve muita luta e sofrimento, mas finalmente a Argentina ressurgiu como uma grande nação.

Fora a partir daquela época, na opinião de Cañuela, que haviam crescido as grandes famílias, como a de Ramón de López.

Tais famílias retiveram tudo que havia de melhor no caráter espanhol. Elas se identificaram com o país, até construírem uma personalidade totalmente Própria.

Cañuela concluiu que, algo em Ramón de López, o tornava diferente dos homens das demais nacionalidades que ela conhecera.

Não podia explicar o que fosse, mas intuía que isso consistia, em parte, no orgulho, auto-suficiência e arrogância que detestara.

No fundo, ela começava a perceber que, intrinsecamente, era a confiança em si, a crença que ele demonstrava em seu próprio destino.

Ramón de López sabia-se capaz de ajudar a Argentina. Sabia-se possuidor da solução para muitos dos problemas que estavam, naquele momento em particular, oprimindo a economia e o povo.

Ela não podia deixar de pensar que muito mais seria conseguido, se todos acreditassem em si próprios com tanta segurança.

Depois, disse para si mesma que também seu pai tinha igual crença pessoal.

Era impossível não sentir uma onda de ódio contra a Argentina e tudo quanto ela continha! No entanto, o curioso é que ela a amava, ao mesmo tempo em que a odiava...

A criadagem, aos poucos, foi aumentando a intensidade nos preparativos para a noite.

Quando foi ao jardim, Cañuela viu as, “luzes de fadas” sendo providenciadas, as compridas lanternas que pendiam das árvores.

As portas-janelas do salão de baile haviam sido removidas, de modo que todo um lado do imenso recinto se abrisse para o jardim.

Era um salão maravilhoso, com imensos espelhos dourados e candelabros de cristal

pendendo do teto. As paredes tinham a for-ração em seda chinesa: um estampado de flores e pássaros exóticos.

O piso era tão polido, que ela quase podia ver o rosto refletido nele. De repente, sentiu uma terrível vontade de dançar, coisa que não tivera oportunidade de fazer nos dois últimos anos.

Cañuela nunca fora a um baile de verdade, mas nas festinhas promovidas pelas jovens de sua idade ela sempre estava presente. Em casa, costumava dançar de noite com o pai quando sua mãe se sentava ao piano.

“ – Você precisa dançar bem – dizia seu pai”. – Não suporto mulheres que tropeçam e ficam pesadas nos braços de um homem. Com um sorriso, ele havia acrescentado: “ – Sua mãe é leve como uma pena...

Jamais dancei com alguém como ela!

“ – É porque eu adoro dançar com você – fora a risonha resposta da senhora Arlington.”

Os dois haviam trocado um olhar de intensa felicidade e, um tanto enciumada, por ver desviadas as atenções do pai, Cañuela exclamara:

“ – Dance comigo outra vez, papai! Por favor, dance comigo outra vez!”

Os dois rodopiaram pelo salão aos compassos de uma valsa. Depois seu pai lhe ensinara os passos do tango, com um exagero, que sua mãe protestara horrorizada:

“ – Se Cañuela dançar dessa maneira em um salão de bailes, as acompanhantes das outras moças cobrirão o rosto, envergonhadas!

“ – E estarão plenas de razão – replicara seu pai – porque o tango é, realmente, uma dança provocante!

! – Provocante de quê? – perguntara Cañuela.

“ – Eu lhe direi, quando você tiver mais idade.”

Agora, caminhando pelo jardim, ela perguntou a si mesma como seria a maneira de dançar de Ramón de López.

Sem dúvida, ele devia ser exímio dançarino.

Alto como era, forte e musculoso, devido à equitação, também deveria mover-se com infinita graça sobre o piso de um salão de baile.

Rígido, correto e sempre cômico de sua importância, o homem inglês nunca se entregava à dança de corpo e alma, algo essencial em todo bom dançarino.

– Sim, Ramón de López deve dançar muito bem... – suspirou ela, quando subiu para o andar de cima.

Seria interessante vê-lo enlaçando a Senhora Sánchez para dançar. Depois, pensou que, talvez, ela fosse cautelosa demais para tê-lo como par, se o marido estivesse presente.

De qualquer maneira, sempre haveria outras mulheres, ansiosas por dançar com ele...

Pouco mais tarde, Dolores aparecia, com o mesmo assunto.

– Vamos ter um grande baile esta noite, senhorita – disse. – É uma pena que não possamos espiar... O senhor proibiu-nos.

Cañuela podia compreender o desejo de Ramón de López, não querendo que ele e

seus convidados fossem observados pelos criados.

— As mulheres mais bonitas de Buenos Aires virão ao baile dado pelo senhor — disse Dolores, com orgulho na voz.

— Haverá outras festas — acentuou Cañuela.

— Centenas delas, senhorita, mas só existe um Senhor de López, e todas as jovens querem casar com ele. Quanto às outras, não sei como expressar-me, mas acho que ficam loucas para... namorá-lo!

— Elas o acham... atraente? — perguntou Cañuela, quase como se falasse consigo mesma.

— E quem não acharia?! — exclamou Dolores. — Todos dizem que o senhor é o homem mais atraente, mais simpático e apaixonado de Buenos Aires!

Sem saber por que, Cañuela sentiu que algo estranho acontecia em seu íntimo.

— Apaixonado? — perguntou.

— Claro, senhorita, é um cumprimento! Ele é tudo que um homem deve ser. Sabia que o senhor é muito comentado, por causa de seus muitos, muitíssimos casos amorosos.

— Dolores — disse Cañuela, em voz fria. — Eu gostaria que você trouxesse meu jantar para o quarto. Isso seria mais conveniente, porque eu não precisaria sair daqui.

— Eu trarei, senhorita. Francamente, é uma pena que não possa ir ao baile!

Cañuela tirara os óculos e estava sentada em uma poltrona, enquanto Dolores estendia sobre a cama o vestido que ela esperara usar para o jantar.

— Sou uma secretária, Dolores.

— Eu sei, mas a senhorita é tão bonita...! É maravilhosa, seria dizer melhor. Muito mais bela que as damas presentes ao baile! Sabe? Elas ficam fazendo beicinho para o senhor, esperando que ele as beije!

— Como? — exclamou Cañuela. — Penso que não seria uma atitude muito correta, Dolores!

A jovem camareira riu.

— Oh, senhorita, nem pode imaginar o que acontece... Nós, os criados, vemos muitas coisas! Há mulheres casadas, que a pretexto de consultar o senhor sobre um cavalo que pretendem comprar para o aniversário do marido...

Riu com vontade.

— Há outras que fazem tudo para arrastá-lo do salão iluminado, durante um baile. Dizem que estão prestes a desmaiar, que estão cansadas e precisam sentar ou então que os sapatos lhes apertam os pés...

Fez um gesto expressivo.

— Ah!... Nós ouvimos todos os pretextos e então rimos a valer!

— E o senhor... aceita... tais favores? — indagou Cañuela, curiosa.

— Que homem recusaria um pêssego delicioso, quando nem ao menos tem o trabalho de colhê-lo?

Cañuela riu.

Ao mesmo tempo, sabia existir uma grande verdade nas palavras de Dolores.

Mulheres tão lindas como a Senhora Sánchez, não desejariam apenas a companhia

de Ramón de López, mas também o contato de seus lábios.

Ele era um homem bonito, inteligente e rico! Sua personalidade ofuscava a dos outros homens e, além de tudo, era solteiro!

— Por que o senhor continua solteiro? — perguntou ela a Dolores.

Sabia que não devia fazer tais comentários com os criados, mas sentia uma tremenda curiosidade e não havia ninguém mais com quem falar.

— Talvez o senhor ainda não tenha encontrado o verdadeiro amor — replicou Dolores. — Todos os homens são iguais. Procuram sempre a mulher perfeita, aquelas que acham ser diferente. O engraçado é que eles, tampouco, nada têm de perfeitos! Cañuela tornou a rir.

— Você é muito perceptiva, Dolores. Com quem aprendeu essas coisas?

— Meu noivo diz que penso demais e que também sou demasiadamente crítica. No entanto, meu pai sempre me encorajou.

— O que faz seu pai?

— É dono de uma pequena farmácia, senhorita. E, sendo muito simpático, todos preferem comprar lá, porque ele os diverte. Por vezes, meu pai fala muito mais do que vende!

— E você gosta de trabalhar aqui, ao invés de na farmácia de seu pai?

— Tenho que ganhar dinheiro, senhorita. Preciso poupar para meu casamento. Poupar muito!

— Isto me recorda que você vai sair esta noite com seu noivo, conforme me disse. Falou também que comprou um vestido especial para a ocasião, não foi?

Dolores suspirou de leve.

— Foi tudo planejado para isso — respondeu — mas o patrão de meu noivo ofereceu-lhe dinheiro extra para trabalhar à noite no restaurante. Então, não se envolverá no carnaval. Como lhe disse, senhorita, nós dois estamos economizando.

— Oh, Dolores, que decepção para você! — exclamou Cañuela.

— Foi mesmo uma boa decepção — concordou Dolores — mas por outro lado, poderemos antecipar o casamento. Isto vale mais que um baile de carnaval!

— Sim, você é muito sensata — sorriu Cañuela.

— E meu lindo vestido ficará encostado — suspirou Dolores. — De qualquer maneira, posso usá-lo no ano que vem...

De repente, ela avançou um passo e disse:

— Tive uma idéia, senhorita. Por que não vai ao baile com meu vestido?

Cañuela olhou para ela, surpresa.

— Posso arranjar-lhe uma máscara — continuou Dolores. — Há muitas, lá embaixo, para os convidados que chegarem de rosto descoberto. Ninguém pode entrar no salão de baile ou ir ao jardim, sem estar mascarado. Se usar meu vestido e cobrir seus cabelos, ninguém a reconhecerá, senhorita!

— Não... não! — disse Cañuela. — É muita gentileza sua, Dolores, mas não pode ser.

— Ora, por quê? — insistiu Dolores. — Seria uma aventura. A senhorita é inglesa,

nunca viu um baile em Buenos Aires... Não imagina o que vai perder! No ano passado, ajudei a servir, no salão, e juro que nunca vi nada tão excitante!

A jovem camareira abriu as mãos.

— Havia centenas de fantasias diferentes, cada uma mais bonita que a outra! Palhaços e colombinas, guerreiros espanhóis, damas de enormes perucas brancas, homens vestidos de demônios e muitas, muitíssimas damas da alta sociedade usando trajes de camponeses espanhóis!

Cañuela a ouvia, fascinada.

Era uma idéia absurda e ridícula, mas possível.

Usando o traje de camponesa de Dolores, com um lenço escondendo os cabelos e um enorme *sombrero* na cabeça, além de ter o rosto coberto pela máscara, nem sua mãe a reconheceria.

Cañuela sabia exatamente em que consistia a indumentária camponesa, porque, em criança, usara uma, em uma festa à fantasia.

Supondo-se... supondo-se apenas, que ela fosse ao baile durante somente meia hora...?

Poderia mover-se entre os convidados e ver as belas mulheres que se esforçavam em atrair Ramón de López.

Enquanto as observasse, talvez localizasse novamente um espião ou detetive, contratado por algum marido ciumento.

Não! Aquela era uma idéia ridícula, que Dolores jamais deveria ter-lhe sugerido!

— Espere um momento, senhorita — disse Dolores.

A jovem camareira saiu do quarto. Cañuela levantou-se da poltrona e foi até o toucador.

Olhou para sua imagem, refletida no espelho. À luz das lâmpadas de gás que iluminavam o quarto, seu cabelo brilhou em tonalidades mais vermelhas que douradas. Seus olhos cinza-esverdeados eram como poços escuros de mistério.

Recordou a expressão de Ramón de López, quando entrou em seu camarote e ela o fitou, enquanto embalava o bebê adormecido.

Ele ficara espantado... surpreso!

Ao mesmo tempo, ela percebera algo mais nos olhos dele e que já vira nos olhos de outros homens.

— Para quem ele olhará da mesma maneira esta noite? — murmurou para si mesma.

Tinha a impressão de que Ramón de López não estava mais interessado na Senhora Sánchez.

O caso sentimental, se é que houvera algum entre eles, terminara abruptamente. Ele ficara satisfeito em deixar tudo como estava.

Entretanto, haveria outras mulheres.

As mulheres fascinantes, sedutoras e exóticas de Buenos Aires que, como aves-do-paraíso, exibiriam os cabelos escuros e a pele alva diante dele.

Cañuela recordou os lábios carnudos e vermelhos das argentinas, os meneios

sensuais de seus corpos. Lera, certa vez, que eram os símbolos de uma natureza apaixonada e voluptuosa.

Seria isso que o Senhor Ramón de López desejava em suas mulheres?

Cañuela sabia também que as argentinas possuíam uma graça e vivacidade que não eram encontradas nas damas inglesas.

“ – Elas chocam os olhos e cativam os sentidos – dissera um jovem e impressionável diplomata a seu pai, quando ela ouvia a conversa de ambos.

“ – As argentinas são como animais de raça – replicara Lionel Arlington”.

Fora então a vez de sua mãe protestar:

“ – Não seja rude, Lionel! Elas são sedutoras, fascinantes e adoráveis!

Lionel Arlington não pudera conter o riso.

“ – O clímax de suas ambições consiste em três coisas: tocar piano, falar francês e ter uma série de amantes!

“ – Não diga tolices! – exclamara a senhora Arlington, mas rindo enquanto falava.

“ – Só há uma coisa errada com as argentinas – acentuara seu pai, em tom mais sério – além do fato de não nos falarem à alma, como você”.

“ – O que é?

“ – Suas vozes!”

E era verdade, Cañuela bem sabia.

Em geral, as argentinas eram dotadas de vozes ásperas, ligeiramente estridentes.

Era de estranhar que, com toda a sua beleza, tivessem uma voz tão pouco musical. Cañuela gostaria de saber se Ramón de López já percebera esse detalhe.

A porta se abriu, e Dolores tornou a entrar no quarto.

Vinha carregando sobre o braço a saia vermelha, a blusa branca bordada e o corpete de veludo negro, que compunham o traje de uma camponesa argentina.

Não esquecera as anáguas fartas imaculadas e engomadas, assim como o avental orlado de rendas e o lenço de seda, que era usado para esconder o cabelo sob um enorme chapéu branco.

– É o seu vestido? – perguntou Cañuela.

– Meu, não; da senhorita! – replicou Dolores. – Vista, senhorita. Quero ver como vai ficar linda com ele!

CAPÍTULO 6

— OH, está maravilhosa, senorita! — exclamou Dolores.

O reflexo de Cañuela no espelho confirmava que, realmente, a fantasia lhe assentara como uma luva.

O apertado corpete negro acentuava a esbelteza de sua cintura, enquanto que a blusa decotada de musselina branca, bordada em vermelho, deixava em realce a alva aparência de sua pele.

O lenço vermelho escondeu-lhe o cabelo sob o enorme chapéu, mas seus olhos pareciam imensos, no rosto miúdo.

— Coloque a máscara, senhorita — sugeriu Dolores.

Enquanto Cañuela se vestia apanhara uma no saguão. Era elegante e graciosa, mas escondia perfeitamente as feições.

A parte fixa, sobre o nariz e em torno dos olhos, era em veludo, mas havia um franzido de renda veneziana negra na parte de baixo, quase escondendo os lábios.

Cañuela a colocou no rosto e, ao olhar para o espelho, concluiu que apenas uma pessoa muito perceptiva, poderia adivinhar a identidade da mascarada.

— Agora, já pode ir ao baile — declarou Dolores.

— Não posso... bem sabe que não posso!

— Ora, por que não, senhorita? Garanto que ninguém a reconhecerá. E, enquanto isso apreciará todas aquelas fantasias maravilhosas!

Baixou a voz, como se alguém pudesse ouvi-la, e acrescentou:

— Vou contar-lhe um segredo: o senhor estará fantasiado de aristocrata inglês, de muitos anos atrás.

— Será um bom disfarce para ele? — disse Cañuela, mais para si mesma, que para Dolores.

Em seguida, pensou que sua providência mais imediata seria despir todas aquelas roupas e ir para a cama.

Em sua posição, era inadmissível que se juntasse aos alegres folgazões do andar de baixo. Não obstante, Ramón de López a convidara...

Cañuela suspeitava de seus motivos.

Ao mesmo tempo, não podia alegar timidez, dizendo que não fora convidada.

Seria timidez, acanhamento... ou covardia?

Ao fazer-se a pergunta, ela ficou envergonhada.

Nunca, jamais, fora covarde!

Sempre se considerara corajosa e aventureira. No entanto, por algum motivo ignorado, agora receava atirar-se ao que afinal seria apenas uma pequena aventura!

Podia ser simplesmente uma espectadora... uma observadora de algumas festividades que tinham importância tão somente para os argentinos.

Pensando bem... ela iria apenas por alguns minutos, só para apreciar os jardins, as luzes e o salão enfeitado...

Como se adivinhasse que sua hesitação era um começo de capitulação, Dolores insistiu:

— Vamos, senhorita... depressa! O único perigo de ser reconhecida, é se a virem descendo a escada. Eu a levarei por um caminho diferente e, tão logo entre no salão, ficará perdida entre a multidão!

Cinco minutos mais tarde, Cañuela concluía que Dolores tinha razão.

Na verdade, estava perdida na multidão!

Tinha certeza de que ninguém a perceberia, quando caminhou entre as pessoas alegremente trajadas, que caminhavam pelos jardins, dançavam no salão ou se agrupavam para conversar.

Parecia haver muitas mulheres com fantasias idênticas à sua, sozinhas ou talvez procurando um homem particular, em meio a tantos outros e não identificáveis.

Ao classificar aquelas fantasias de maravilhosas, Dolores também tivera razão.

Cañuela viu inúmeras colombinas, dançarinas, arlequins e palhaços.

Havia também muitas crioulinhas e imensas perucas trabalhadas, do século dezoito, copiando a moda ditada por Maria Antonieta.

Uma meia dúzia de “Porfias” se cobrira de seda vermelha, compondo uma fantasia que assentava com os cabelos escuros. Um número igual de “Perséfonas” usava perucas louras.

Então, talvez por estar procurando-o, Cañuela avistou Ramón de López, vindo do salão para o jardim, e escoltando uma “Cármén” dramaticamente trajada.

Ele usava o fraque e as calças justas, cor de champanha, de um cavalheiro georgiana. A gravata era dura, de musselina branca e avolumava-se contra a linha angulosa do queixo.

Estava mascarado, mas Cañuela o reconheceria em qualquer lugar.

Era impossível esquecer a testa ampla, que contemplara durante doze dias à mesa do salão de refeições do navio, assim como os cabelos escuros e a curvatura daqueles lábios.

Cañuela recordou a maneira como eles se torciam em um sorriso cínico ou se tornavam uma linha dura, apertada, quando ela o irritava. Ramón de López conversava animadamente com sua companheira e Cañuela tomou a toda pressa outra direção. O par caminhava para o lado dos canteiros, onde havia apenas a claridade mortíça das lanternas e a luminosidade bruxuleante das “luzes de fadas”, mal devassando a escuridão formada pelas árvores.

Cañuela procurou imaginar que pretexto inventaria a fascinante “Cármén”, a fim de atrair Ramón de López para um recanto tão isolado.

Em seguida, deduziu que ele não precisaria de nenhum pretexto. Durante a viagem de navio, levava uma vida austera, reclusa como a de um monge, de maneira que agora devia ansiar pelos encantos e favores de mulheres sedutoras.

Com esforço, ela procurou convencer-se de que aquele não era o melhor momento para conjecturar sobre o que Ramón de López poderia fazer no jardim. Seria muito melhor aproveitar a oportunidade para apreciar o salão.

Entrou por uma das grandes aberturas, de onde as portas-janelas haviam sido removidas.

Ao visitar o imenso salão, horas antes, não percebera que Ramón de López pretendia iluminá-lo apenas com velas.

Agora, a claridade cobria com um halo suave as mulheres que valsavam com seus pares, deslizando sobre o piso polido.

Havia flores por todo canto, em guirlandas, drapejadas pelas paredes, arrumadas em cada recanto e quase fazendo desaparecer a orquestra que tocava em um pequeno tablado.

Ela sentiu a fragrância das flores, o aroma de perfumes exóticos e o murmúrio das vozes, que pareciam diluir-se entre a melodia sentimental da música.

Tudo era deslumbrante, mas também cheio de fascínio, para quem jamais estivera em um baile de adultos.

Pela primeira vez, ela viu o quanto uma mulher ficava elegante ao dançar. A saia muito rodada girando em torno dela, como as Pétalas de uma flor. A cabeça atirada para trás, a fim de contemplar o rosto de seu Par... A valsa chegou ao fim. Os dançarinos tomaram o rumo dos jardins ou encaminharam-se para os longos bufês montados na ante-sala do enorme salão. Cañuela vacilava, entre ficar ali, sozinha e sem um acompanhante, quando a música recomeçou. Agora era um tango. Ela sempre quisera vê-lo dançado da maneira que seu pai lhe ensinara. A sala agora se enchera novamente, impedindo que saísse. Então ficou parada observando a graça com que eram executados os passos difíceis, por vezes complicados, dos dançarmos que deslizavam à sua frente.

— Posso ter o prazer desta dança, senhorita?

Seu coração saltou dentro do peito. Antes de virar a cabeça, já sabia quem fizera a pergunta.

Parecendo aceitar seu silêncio como um assentimento, Ramon de López passou-lhe o braço na cintura e caminhou para o salão. Sentir a firmeza daquela mão em sua cintura. Ela estava de mãos nuas, porque luvas não combinariam com a fantasia de camponesa.

Ramón de López retirara a luva da mão esquerda, e ela sentiu um estremecimento curioso percorrer-lhe o corpo, ao toque daqueles dedos. “Acho que não sei dançar o suficiente para ele...”

Porém logo percebeu que dançavam em quase perfeita sintonia. Sem saber como, Cañuela parecia intuir rapidamente o que ele pretendia fazer em seguida acompanhava sem vacilar.

Talvez fosse a pressão dos dedos em sua cintura ou o fato de estar tão próximo -Na verdade, seria impossível definir o que acontecia.

Cañuela sabia apenas que conseguia executar, sem o menor esforço, qualquer passo ou floreio que ele desse. Sentia-se livre para entregar-se por completo ao prazer de dançar com um homem que, sem a menor dúvida, era um perito no assunto.

Já haviam percorrido quase metade do salão, quando ele falou pela segunda vez.

— Está gostando do baile? Perguntou.

Cañuela ia responder, quando percebeu que ele poderia identificar sua voz, se

falasse em espanhol.

— É uma oportunidade maravilhosa, *signor* — respondeu em italiano.

Ramón de López nunca a ouvira expressar-se nesse idioma. Embora não o dominasse tão bem quanto o espanhol ou português, Cañuela aprendera italiano com Maria, que primeiro fora sua babá, e depois sua camareira.

Lionel Arlington insistira em que ela tivesse lições de italiano, mas Cañuela aprendera com Maria o dialeto *underworld* chamado “Lunfardo”.

Tratava-se do dialeto evoluído pelos imigrantes italianos, e empregado na maioria das canções argentinas, em especial o tango.

Ramón de López poderia esperar qualquer outra coisa de Cañuela, mas nunca que ela conhecesse o “lunfardo”.

— Quer dizer que mora em Buenos Aires, *signorina*?

Agora, também ele falava em italiano, mas expressando-se no italiano puro, mais culto dos aristocratas.

— *Si, signor.*

Cañuela desejou que ele não lhe fizesse perguntas demais. Por outro lado, durante um carnaval, seria descortês tentar-se averiguar a identidade do par em uma dança.

O anonimato era, precisamente, o melhor de tudo! Um marido ignoraria que traje ia usar sua esposa, dando a esta uma oportunidade de tentá-lo, sem ser identificada.

Para as argentinas, aquela era sempre uma chance de conquistar um novo pretendente ou descobrir um admirador inesperado.

Como se adivinhasse seus pensamentos, Ramón de López passou a dançar em silêncio, guiando-a com tal habilidade, que ela podia acompanhá-lo nos floreios mais complexos do tango, quase que sem falhas. Ele não a forçou aos passos que, na opinião da senhora Arlington, deixariam chocadas as acompanhantes das jovens. Porém, parecendo sentir nela uma dançarina exímia, cada vez executava variações mais e mais complexas da dança. “Mesmo assim, ainda não errei uma só vez”, pensou ela, orgulhosa. A dança finalmente chegou ao fim, e Ramón de López pegou-lhe o braço, logo abaixo do cotovelo, para guiá-la, entre a multidão, rumo ao jardim.

Ainda embalada pela música e também alvoroçada pela dança, Cañuela só percebeu para onde era levada, quando se viu em uma das estreitas e pouco iluminadas alamedas mais distantes.

Parando instintivamente, ela ergueu o rosto.

— Dança muito bem, *signorina* — comentou ele, com sua voz grave.

— *Grazie* — respondeu Cañuela, quase em um sussurro.

Ramón de López não disse mais nada. De repente, Cañuela teve a impressão de que seu silêncio era cheio de significado: um significado que ela não entendia.

Ele a contemplava, com seu ar dominador e desconcertante, fazendo-a recordar aquela vez em que entrara em seu camarote e a ficara observando.

— Acho que... devemos voltar — balbuciou Cañuela.

— Claro, se é o seu desejo — replicou ele.

Continuava olhando para ela, como se procurasse ver através da máscara e

descobrir sua identidade.

Não se movia, e também Cañuela tinha a impressão de ter os pés colados ao solo.

Então, inesperadamente, Ramón de López lhe tomou a mão e a levou aos lábios.

— Obrigado — disse, em voz suave.

Ela sentiu a pressão firme e cálida dos lábios em sua pele. Uma estranha sensação a invadiu, como se tivesse fogo percorrendo as veias.

Em seguida, como que obedecendo a uma força desconhecida, eles se viraram e caminharam de volta aos pontos mais movimentados do jardim.

Quando alcançaram o primeiro grupo de pessoas que conversavam, segurando taças de champanha, uma figura vestida como a Dama das Camélias, deixou escapar uma leve exclamação.

A mulher avançou rápida para Ramón de López e, estendendo as mãos envoltas em luvas de renda, disse, em tom íntimo:

— Estive procurando por você... à sua espera...

Era evidente a nota apaixonada em sua voz.

Sem esperar para ouvir a resposta de Ramón de López, Cañuela afastou-se em passos rápidos. Ao caminhar por entre a multidão que povoava o jardim, em direção à casa, não olhou para trás.

Entrou por uma das portas-janelas e, encontrando o vestíbulo vazio, esgueirou-se pela escada, sem que ninguém a visse.

Quando chegou a seu quarto, fechou a porta e tirou o chapéu da cabeça.

Sentia ainda o corpo estremecer, em resultado da música e do fascínio da dança.

Ela e Ramón de López haviam dançado o tango... juntos!

Era algo que ninguém lhe arrebataria, acontecesse o que acontecesse.

Dançara como sempre havia sonhado dançar, sendo seu par um homem cujos passos e floreios haviam sido seguidos por ela sem a menor vacilação. Pois ele se movimentava com a perícia de um dançarino excepcional.

Lentamente, Cañuela despiu a brilhante saia vermelha de Dolores, o corpete negro e a blusa bordada.

Depois, vestindo sua camisola de dormir, soltou os cabelos, deixando-os caídos sobre os ombros.

Longe, muito distante, ela ainda ouvia o pulsar abafado da música.

Deitou-se e ficou quieta, no escuro, pensando em tudo que acontecera.

Até então, nunca imaginara a proximidade entre um homem e uma mulher, quando dançavam o tango. Houvera algo secreto e muito íntimo, no momento em que sentira seu busto contra o peito dele.

Haviam estado muito juntos. Tão perto, que ela desejaria conter as batidas do coração, para que ele não as ouvisse.

Só agora, ela começava a estranhar que houvessem conversado tão pouco. De qualquer maneira, Cañuela bem sabia o quanto era difícil o diálogo, quando alguém executava os difíceis, complicados e graciosos passos do tango.

Não obstante, se ela fosse um par normal para Ramón de López, certamente

tentaria estender a conversa, e teria muita coisa a dizer.

Ao mesmo tempo, tentaria também atraí-lo, como devia estar fazendo a “Dama das Camélias”, naquele momento. Poderia também lhe mostrar os lábios vermelhos, como vira fazer a Senhora Sánchez. E atiraria a cabeça para trás, a fim de exhibir a longa e arredondada alvura de seu pescoço.

Entretanto, não fizera nada disso.

Ficara intimidada o tempo todo. Ramón de López podia ignorar sua identidade, mas ela sabia perfeitamente quem era o seu par... Aquele homem irradiava uma forte, extraordinária masculinidade. Isso a perturbava, quando trabalhavam juntos, e quando procurara convencer-se de que o odiava.

Agora, no entanto, Cañuela não tinha tanta certeza. Ao contato daqueles lábios, tinha a impressão de que sua mão ainda queimava.

— Eu não devia ter ido a esse baile — disse baixinho. — Ele traiu meu pai e eu o odeio por isso! Não obstante, na escuridão de seu quarto, ela sentia apenas os lábios que haviam beijado sua mão...

Com a consciência censurando-a pela maneira como se portara na noite anterior, Cañuela levantou-se muito cedo na manhã seguinte. Sobre sua mesa de trabalho, acumulavam-se algumas cartas e vários cabogramas recém-chegados.

Ela abriu os últimos e os decifrou. Perguntava-se a que horas Ramón de López mandaria chamá-la, quando o senhor Naón entrou na sala.

— *Buenos días, senhorita* — disse ele. — Espero que tenha descansado bem esta noite. A música não a incomodou?

— Nem um pouco, obrigada, senhor. Dormi muito bem — respondeu Cañuela, embora não fosse verdade.

— Ótimo — sorriu ele. — Vejo que está pronta para trabalhar.

— Sem dúvida. O senhor está em seu escritório?

— Não. Ele saiu esta manhã para um passeio a cavalo.

Sorridente, ele acrescentou:

— Em geral, quando o senhor passa a maior parte da noite em claro, costuma galopar bastante, pela manhã, para “afastar as teias de aranha”, como dizem os ingleses. Segundo ele, é bom para o fígado!

— Era o que meu pai também sempre dizia! — exclamou Cañuela.

Ao falar, percebeu que estava dando informações sobre si mesma, o que contrariava sua decisão íntima.

— Seu pai apreciava cavalos? — perguntou o senhor Naón.

— Sim, como a maioria dos ingleses — replicou ela, mostrando certa frieza. — Espero que o senhor López não demore muito. Temos alguns cabogramas da Europa que exigem resposta.

O senhor Naón sorriu.

— O senhor é a lei de si mesmo. Por outro lado, é bem possível que ele encontre as vias normais de saída da cidade bloqueadas esta manhã.

Cañuela ficou surpresa, e ele continuou:

— Houve alguns distúrbios esta noite, e a *Unión Cívica Radical* levantou barricadas em alguns lugares, os quais ainda não foram liberados pela polícia.

— Houve problemas? — perguntou Cañuela.

— Um pouco acima do costumeiro. Não sei se já ouviu falar deste novo elemento revolucionário que temos em Buenos Aires.

Cañuela ouvira qualquer coisa, mas achou preferível esquivar-se ao assunto. Perguntou:

— O senhor disse que há revolucionários? Mas, é aterrorizante!

— Tudo começou há quatro anos, em 1889 — disse Naón, satisfeito por poder explicar a Cañuela algo que, em sua opinião, ela ignorava. — Foi quando membros da antiga aristocracia escondida denunciaram os escândalos praticados pelos *nouveaux ri-ches*.

— Pensei que o senhor havia falado em revolucionários!

— Eram apenas alguns membros desiludidos e descontentes da sociedade, que descobriram algo de comum com os assalariados amargos e revoltados.

— Quer dizer que formaram uma organização?

Cañuela achou que, no momento, seu papel era fazer perguntas.

— Trata-se de uma organização política — replicou o senhor Naón — chamada *Unión Cívica Radical*, que incita o povo a protestos e demonstrações de violência.

— Foram bem sucedidos? — indagou Cañuela.

— Causaram um bocado de problemas a todos — replicou Naón. — Houve grandes demonstrações populares nas ruas, e eles iniciaram um movimento de oposição ao governo com apoio da Marinha.

— A Marinha insurgiu-se? — perguntou Cañuela, surpresa.

— Foi sua capacidade de bombardear as tropas governamentais, que fez o Presidente reconsiderar sua posição. Tentou manter-se no posto, mas a situação era desesperadora, e ele renunciou.

A surpresa de Cañuela não podia ser maior.

Ouvira falar na *Unión Cívica*, antes de deixar Buenos Aires, mas não percebera a que ponto havia crescido a organização ou que se tornara, de fato, um partido altamente importante, para ser levado em consideração.

O senhor Naón suspirou.

— Naturalmente, como sempre acontece com tais coisas, existe um fator turbulento que foge ao controle. Foi o que aconteceu a noite passada.

— O que fizeram eles? — inquireu Cañuela.

— Apedrejaram as janelas de prédios do Governo, deram um trabalho insano à polícia e, desnecessário é dizer, foram os responsáveis por várias mortes.

Cañuela sabia que tais fatos não eram novidades, no Dia da Independência.

Ao mesmo tempo, recordava a que ponto eram perigosos os revolucionários, quando lutavam fanaticamente contra a lei e a ordem estabelecidas.

— Esperemos que o Senhor López não encontre obstáculos em seu passeio.

— É algo bastante improvável — replicou o senhor Naón — e não precisamos impacientar-nos tanto com seu regresso, senhorita. Talvez ele tenha ido até a *Estância*.

— Fica a umas duas horas a cavalo, não? — perguntou Cañuela, desalentada.

— Duvido muito que o senhor demorasse tanto — sorriu o senhor Naón. — De qualquer modo, ele estará de volta quando menos esperarmos.

Cañuela pensou com certeza que era aquela, a típica atitude argentina.

Momentos mais tarde, ela desistiu de ficar olhando para a porta, impaciente pela volta de Ramón de López. Foi para o jardim, dizendo onde poderia ser encontrada.

Numerosos criados ordenavam o que ficara desarrumado com o baile da véspera.

Flores eram retiradas do salão, assim como copos e pratos sujos.

Vários jardineiros removiam as lanternas penduradas às árvores e retiravam as “luzes de fadas” das alamedas.

Sem dar atenção ao rumo que tomava, Cañuela viu-se passeando pela estreita alameda que percorrera na noite anterior, ao lado de Ramón de López. Por que se tinham dito tão pouco, depois de terminada a dança? Estaria ele possuído da mesma magia que ela, enquanto os passos de ambos se moviam em uníssono? Fora um encantamento inesperado, dançar tão bem o tango com ele, a ponto de, em nenhum momento, vacilar ou tropeçar. Não se preocupava nem como seria o passo seguinte.

— Formamos o par perfeito! — murmurou.

Em seguida, não querendo mais pensar nele, voltou apressadamente para o interior da casa.

Ordenou sua sala de trabalho — que já arrumara antes — e, finalmente tentou ler um livro sobre economia. Entretanto, percebia que, o tempo todo, estava atenta à volta de seu empregador. Ansiosa, disse para si mesma que sua impaciência se prendia às respostas que ele deveria dar aos cabogramas chegados da Inglaterra.

Seu almoço foi servido na mesma salinha que dava para o pátio, onde jantara em sua primeira noite.

Pelas janelas abertas, ela podia admirar o belo mármore esculpido do chafariz e ouvir o murmúrio suave da água que se elevava, antes de voltar a cair na bacia de mármore.

Ficou contemplando a água em movimento, mas ainda assim, sabia que estava atenta, de ouvidos bem abertos. Impaciente consigo mesma, sentou-se e escreveu uma longa carta para sua mãe. Tentou registrar todos os detalhes que interessariam à senhora Arlington: a aparência de Buenos Aires, a descrição da residência de Ramón de López, a alegria do baile da noite anterior...

“Dancei com o Senhor de López...” começou, para em seguida riscar as palavras.

Não sabia explicar, objetivamente, mas não queria contar para sua mãe que eles haviam dançado juntos. Terminou a carta, endereçou o envelope, selou-o e o deixou com a correspondência a ser recolhida.

Às quatro da tarde, o senhor Naón entrou em sua sala.

Cañuela sabia que ele certamente fizera a *siesta* após o almoço, o que lhe tomaria, Pelo menos duas horas do dia.

— Ainda não há sinais do Senhor de López — disse. — Como imaginei, deve ter ido até a *Estância*. Fico surpreso, porque ele pretendia ir lá amanhã.

— Talvez estivesse ansioso por ver todos de volta ao trabalho — sorriu Cañuela. — Imagino que os empregados, como todos os demais, também comemoraram o Dia da Independência.

— O vilarejo deve ter sido enfeitado — replicou o senhor Naón. — Sempre há fogos de artifício, proporcionados pelo Senhor de López. Naturalmente, todos lá são seus empregados.

— Há muita gente? — perguntou Cañuela.

— Mais de duzentas pessoas. A aldeia é como tantas outras, construída em torno de uma antiga igreja.

— Espero poder visitá-la algum dia — disse Cañuela.

— Por certo, o Senhor desejará que o acompanhe à *Estância* — disse o senhor Naón, embora faltasse convicção em sua voz.

Cañuela ia responder, quando a porta se abriu bruscamente, deixando passar um dos criados da casa.

Havia uma expressão estranha em seu rosto, quando ele exclamou:

— Alberto está aí, senhor Naón. Ele voltou!

— Alberto?

Um homem entrou na sala, trajando a elegante indumentária do gaúcho em serviço particular.

— Senhor Naón! — exclamou. — Não vai acreditar! Não pode imaginar o que aconteceu, mas ordenaram que eu voltasse e lhe trouxesse esta nota. E o senhor deve agir... deve agir imediatamente!

— De que está falando? — alarmou-se o senhor Naón.

— O Senhor... Eles o pegaram! Havia pelo menos quinze deles! Nada podíamos fazer... Nada!

Cañuela ficou de pé.

Viu Alberto estender ao senhor Naón um pedaço de papel, que ele apanhou e começou a ler vagarosamente.

Cañuela não se conteve mais.

— O que aconteceu? — perguntou. — O que é isso?

— São os guerrilheiros, senhorita — replicou Alberto. — Os guerrilheiros da *Unión Cívica*. Aprisionaram o Senhor!

— Não posso acreditar! — exclamou ela, perplexa.

O senhor Naón estendeu-lhe o pedaço de papel que Alberto entregara.

No mesmo instante, ela identificou a caligrafia de Ramón de López, e as palavras lhe dançaram momentaneamente diante dos olhos, enquanto lia:

Fui aprisionado por membros da Unión Cívica. Eles exigem um resgate de um milhão de pesos, cuja metade deverá ser em ouro. Segundo eles, se o dinheiro não for entregue até o meio-dia de amanhã, eu serei morto a tiros. Alberto foi instruído sobre o local onde entrar em contato com eles.

Ramón de López

Cañuela releu a nota lentamente, porque as palavras se recusavam a penetrar em sua mente.

— Não pode ser verdade! É impossível! — exclamou o senhor Naón.

— É verdade, senhor — afirmou Alberto, angustiado. — Eles caíram inesperadamente sobre nós. Estávamos voltando da *Estância* e galopando a toda velocidade, porque o senhor trocara de cavalo.

Fez um gesto expressivo com as mãos.

— Mesmo com novos cavalos, não poderíamos escapar. Eles avançaram em nossa direção e, a princípio, não imaginamos quem poderiam ser.

— Disse que eram quinze homens? — perguntou o senhor Naón.

— Talvez fossem até mais, senhor. Não tive tempo de contar. Fiquei muito nervoso, apavorado! Eles nos cercaram!

— O que fez o Senhor?

— Perguntou o que eles queriam... — explicou Alberto. — Eles conversaram durante muito tempo. Não pensei que fosse alguma coisa séria. Achei que estivessem pedindo a ajuda do Senhor.

— Entendo — disse Naón. — Como poderia você imaginar que, entre tanta gente, logo o Senhor estaria em perigo?

— Eles disseram que nada tinham contra ele, pessoalmente — explicou Alberto — mas querem o dinheiro. Já tinham decidido seqüestrar o primeiro homem rico, que encontrassem cavalgando fora da cidade e desprotegido.

— Vocês estavam armados? — perguntou Cañuela.

— Éramos apenas dois, senhorita — respondeu Alberto. — Apenas dois! Quando eles nos cercaram, se fizéssemos qualquer coisa, seríamos mortos.

Fez uma pausa, para acrescentar, dramático:

— Nós poderíamos matar dois deles, talvez, mas não escaparíamos à morte!

Seu argumento tinha peso.

— O que aconteceu, quando o Senhor ficou sabendo o que eles queriam? — perguntou Cañuela.

— Ele ficou muito quieto e calmo, senhorita. Disse aos homens que se dariam mal, mas não quiseram ouvi-lo.

— O que houve depois? — perguntou o senhor Naón.

— Eles disseram que precisam de um milhão de pesos. Então, o Senhor sugeriu que eu voltasse, trazendo a nota.

— Assim, ele evitou que o aprisionassem também — disse Cañuela.

— Eu sei, senhorita, mas preferia ter ficado com ele — replicou Alberto. — O Senhor nem quis ouvir falar nisso. Disse que eu tinha de voltar, entregar a nota ao senhor Naón e que ele saberia o que fazer.

— Eu? — exclamou o senhor Naón, perplexo. — Mas, o que devo fazer? Como posso dar a eles um milhão de pesos? Essa escória... ralé suja! Querem o dinheiro para comprar armas e assim matar mais gente!

— Os militares não podem fazer alguma coisa? — quis saber Cañuela.

O senhor Naón meneou a cabeça.

— Eles atacariam os guerrilheiros, se conhecessem o seu esconderijo — respondeu.

— Entretanto, os pampas são praticamente infundáveis e aquela escória pode esconder-se em qualquer lugar!

— Os guerrilheiros já fizeram isto antes? — perguntou Cañuela.

— No ano passado, raptaram um político — respondeu o senhor Naón. — Era um homem pobre, e o partido não o considerou de importância. Como o dinheiro não chegasse, a cada dia eles enviavam um dos dedos do homem para a cidade.

— Que horror! — exclamou Cañuela.

— Por fim, conseguiram reunir o dinheiro — prosseguiu o senhor Naón — mas a infeliz vítima nunca mais terá todos os dedos completos!

— É horrível... terrível! Terrível...! — murmurou Cañuela.

Pensou em como os dedos de Ramón de López a haviam tocado na noite anterior, evocando a estranha sensação experimentada quando haviam dançado juntos.

Era intolerável pensar nele como um mutilado.

Respirou fundo.

— Precisa arranjar esse dinheiro imediatamente, senhor Naón! — insistiu. — Para o Senhor, afinal, essa soma de dinheiro não chega a ser astronômica!

— Imagino que não seja — respondeu o senhor Naón. — Irei ao banco e explicarei a eles o que aconteceu.

— Há mais uma coisa que os homens me disseram, quando eu já vinha embora — disse Alberto.

— O que foi? — perguntou Cañuela.

— Eles disseram: volte sozinho com o dinheiro. Se trouxer soldados ou a polícia, mataremos o Senhor.

— Já devíamos esperar por isso — murmurou Cañuela.

— Que desgraça! — exclamou o senhor Naón. — É realmente uma desgraça que, nesta época, em um país civilizado, sejamos submetidos a ultrajes semelhantes!

Sua voz se tornou encolerizada, quando ele continuou:

— Eles próprios são uma desgraça — uma desgraça para o partido a que pertencem! Entregar-lhes dinheiro, apenas servirá para que cometam novos crimes impunemente... mais e mais crimes, até que nenhum de nós esteja a salvo!

— Precisamos sem demora salvar o Senhor! — disse Cañuela, em voz baixa.

— Irei ao banco.

O senhor Naón virou-se para a porta, mas Cañuela o deteve.

— Se eu fosse o senhor — disse ela — nãoalaria demais sobre o acontecido, exceto com o gerente do banco.

O senhor Naón esperou, e ela continuou:

— Sempre existe a possibilidade de que membros do Governo pensem como o senhor, isto é, que fornecer armas aos guerrilheiros, é encorajá-los. Se eles insistirem em enviar soldados para salvá-lo... talvez seja a morte para o Senhor de López!

— Compreendo — disse o senhor Naón. — Farei o gerente prometer que guardará segredo. Quando voltar, é possível que o Senhor de López tenha idéias sobre como liquidar essa rale!

Fez uma pausa, antes de acrescentar:

— Espero que eles o libertem realmente, depois de recebido o dinheiro.

Cañuela sobressaltou-se, porque não pensara nisso.

No momento, sabia apenas que nada mais importava, além da salvação de Ramón de López.

O senhor Naón saiu da sala e, durante alguns momentos, Alberto ficou olhando para Cañuela. Era como se ele procurasse palavras para explicar-lhe que não agira como um covarde, que não enfrentara os guerrilheiros com sua arma, porque seria uma medida sem esperanças. Cañuela compreendeu. Sabia que o orgulho dos gaúchos não admitia uma retirada. Eles preferiam ser mortos a capitular!

Antes que Alberto dissesse alguma coisa, ela falou, em voz muito calma:

— Sei que você não podia fazer nada, Alberto.

— Eu morreria pelo Senhor... ouviu bem, senhorita? Eu morreria por ele! Entretanto, quando ia puxar minha arma, ele disse: “Não Alberto”. E eu sabia que o Senhor falava a sério.

— Sem dúvida — concordou Cañuela.

— Não faria sentido, arriscar sua vida inutilmente.

— Obrigado por compreender, senhorita — disse ele.

Ia sair da sala, quando ela perguntou:

— Para onde imagina que eles o levaram, Alberto? Onde será que o esconderam?

O gaúcho deu de ombros.

— Há muitos lugares bons para um esconderijo, senhorita. Tanto nos pântanos, como perto do rio ou do mar.

— Se havia quinze homens — disse Cañuela — seriam dezesseis, com o Senhor De López. Quase uma multidão... Mesmo o capinzal alto dos pampas não os esconderia completamente.

— Tem razão, senhorita — replicou Alberto — mas não creio que eles fossem para os pampas. Os malditos tinham que cozinhar sua refeição, precisariam dar descanso aos cavalos... Devem ter um esconderijo em alguma parte!

— Sim, mas... onde?

Alberto tornou a fazer um gesto negativo com as mãos e, dando meia-volta, preparou-se para sair.

— Depois que deixou o Senhor — disse Cañuela — você tomou a direção da cidade. Chegou a olhar para trás?

— *Si*, senhorita. Olhei para trás e vi como se afastavam a todo galope, com o Senhor entre eles. Esperei que aquela corja estivesse com medo, porque então, ele tentaria fugir.

— Deviam estar mesmo com medo — concordou Cañuela. — Para que direção eles iam? Leste ou oeste?

— Quando olhei para trás pela primeira vez, eles iam para o sul. Depois, quando olhei a segunda vez, já estavam bem longe, muito distante, mas tinham virado para leste.

Cañuela conteve a respiração.

Enquanto Alberto falava, ela sabia, quase como se alguém lhe dissesse, para onde

os guerrilheiros estavam levando Ramón de López. Sua convicção era quase uma clarividência.

— Ouça, Alberto — disse, em voz baixa — está disposto a acompanhar-me esta noite, para tentarmos salvar o Senhor?

Ele a fitou longamente, com os olhos escuros arregalados de perplexidade.

— Está falando em salvá-lo, senhorita? Como, se não sabemos para onde o levaram?

— Eu penso que sei... Tenho certeza — respondeu ela — mas penso que não devíamos dizer a mais ninguém da casa o que vamos fazer. Talvez tentem deter-nos.

— Quer dizer que nós dois, a senhorita e eu, podemos resgatá-lo? — exclamou Alberto, incrédulo.

— Nós dois apenas, Alberto — replicou Cañuela. — Devemos ir sozinhos, porque seria perigoso se mais de duas pessoas se aproximassem do esconderijo dos guerrilheiros.

— Não acha que devia informar ao senhor Naón, senhorita?

— Ninguém precisará saber aonde vamos! — disse ela, com firmeza. — E você me dará sua palavra de honra, como vai guardar segredo, Alberto. Garanto que só assim salvaremos o Senhor De López!

— Farei qualquer coisa, se for para salvá-lo! — disse Alberto. — Qualquer coisa!

Fez uma pausa e depois disse, desdenhoso:

— Posso imaginar o que diriam os outros, quando me ouvissem. Eu seria chamado de covarde, por abandoná-lo nas mãos dos guerrilheiros! Que eu devia matar aqueles que o aprisionaram!

— Você fez o que era certo e seguiu as ordens do Senhor. Agora, eu preciso de sua ajuda. Sei que posso confiar em você.

— Farei o que disser, senhorita.

— Então, vá descansar um pouco — disse Cañuela. — Quando escurecer, irei encontrá-lo nos estábulos. Não diga a ninguém o que vamos fazer. Precisaremos de três cavalos.

— Três, senhorita?

— Um para mim, um para você e outro para o Senhor voltar para casa.

Alberto deu um grunhido.

— Espero que esteja certa, senhorita. Seria uma grande vitória, trazê-lo para casa sem o pagamento do resgate!

— Não se trata de dinheiro, mas de deixar que os guerrilheiros levem a melhor em seu plano perverso... ou derrotá-los!

236

— Acha que podemos derrotá-los, senhorita?

— Está dentro do humanamente possível — replicou Cañuela. — Eu e você traremos o Senhor para casa esta noite, Alberto!

Viu que os olhos do homem brilhavam, e acrescentou:

— Nem uma palavra a ninguém, Alberto. Entendido? Tudo dependerá de nosso sigilo.

— Juro pelo Sagrado Coração de Jesus, que nem uma palavra escapará de minha boca!

— Muito bem, então. Estarei junto aos estábulos, tão logo escureça.

Alberto a cumprimentou, e depois saiu da sala.

A se ver sozinha, é que Cañuela notou o quanto tremia.

Ainda agora, era-lhe difícil acreditar que Ramón de López pudesse ser um prisioneiro dos revolucionários. Por outro lado, ele não devia humilhar-se, cedendo às suas exigências.

Além disso, não havia a menor garantia de que o deixassem vivo, mesmo sendo pago o resgate.

Ramón de López vira seus raptos, sabia quem eram!

Em tais circunstâncias, seriam loucos de soltá-lo, sabendo que terminariam na prisão, ou mortos, se fossem apanhados?

“Preciso encontrá-lo! Devo salvá-lo!” pensou.

Subiu para seu quarto.

Dolores já desfizera todas as suas malas e, abrindo o guarda-roupa, ela encontrou dois trajes de montaria.

Um deles fora de sua mãe. Era um traje elegante, feito por um alfaiate londrino, e a senhora Arlington despertava a admiração, sempre que o usava para montar.

O outro pertencera à própria Cañuela, que o vestia quando mais nova. Era em estilo mexicano, em verde-escuro. A saia franjada tinha uma divisão central, que lhe permitia montar como um homem.

Em suas longas expedições com o pai, seria impraticável montar de lado, como as mulheres, ou estorvada pelas saias rodadas, que as damas usavam para passear no parque.

Fazendo conjunto com a saia, havia um casaquinho também franjado, na mesma cor e tecido, completado por uma blusa de seda.

Cañuela agora tinha idade demais para usar o conjunto. Mas era essencial que pudesse deslocar-se rapidamente sem o estorvo de um traje de montaria, seguindo os ditames da moda.

Certa de que as próximas horas seriam longas e cansativas, ela decidiu deitar-se um pouco. Queria reunir todas as energias, tendo em mente o que a esperava mais tarde.

Sem saber como, viu-se rezando para ser bem sucedida em sua pretensão.

Era difícil imaginar Ramón de López prisioneiro. Mais difícil ainda, era pensar que poderiam mutilá-lo, que seus dedos fossem decepados por indivíduos rudes e brutais, que talvez se divertissem em fazê-lo sofrer.

“Isto não pode acontecer a ele... não pode!” suplicou.

Ramón de López era um homem tão orgulhoso, tão autoritário, que Cañuela não conseguia visualizá-lo à mercê daqueles guerrilheiros.

Tornou a conjecturar se eles o deixariam ir embora, depois de recebido o resgate.

Na noite anterior, quando haviam caminhado pela alameda, iluminada por lanternas japonesas, Ramón de López lhe parecera irresistível e dominador. Seu coração

pulsara como antes, loucamente, ao dançarem tão juntos, tão próximos um do outro...Mesmo no jardim, embora os dedos dele não mais a tocassem, ela sentira agudamente aquela proximidade.E pensar que, no dia seguinte, ele poderia estar morto! Era inconcebível... mas podia acontecer!"Preciso salvá-lo! Devo salvá-lo! Oh, Deus, ajudai-me! Ajudai-me!"

Seus dedos entrelaçaram-se, com a intensidade da prece. Ela notou que haviam ficado brancos, tal a força com que os apertara, tal o seu desespero! Porque ao pensar em Ramón de López prisioneiro, tinha a impressão de estar com um punhal cravado no coração. Ela o amava! Sim, amava-o, mas o amor se esgueirara secretamente em seu íntimo, sem que ela tomasse consciência do que acontecia.

Por alguns instantes, mal pôde acreditar que era verdade; talvez estivesse dramatizando a situação, imaginando sentir tais emoções...

De repente, percebeu que há muito, muito tempo o amava.

Ela o amara quando se sentavam à mesa de refeições do navio, frente a frente. Ou quando discutiam os documentos que entulhavam o camarote.

Ela o amara quando, embalando o bebê adormecido, levantou o rosto e viu nos olhos dele uma expressão que a fizera prender a respiração, sentir-se sufocada.

Ela o amara na noite anterior, quando haviam dançado juntos, quando os dedos dele a tinham tocado. O que sentira não podia ser confundido com medo, mas... amor!

"Como fui tola em não perceber logo!" Então, com uma agonia que se assemelhava a uma bala, rasgando-lhe o corpo, descobriu que aquele era um amor vergonhoso.Como podia amar o homem que traía seu pai? O homem que o abandonara na hora decisiva, que fora o Judas do amigo?Ramón de López era um traidor! O homem a quem odiava! O homem a quem desejara ver humilde e humilhado. Agora, no entanto, ela o amava! Desesperada, Cañuela soube que devia salvá-lo, mesmo que perdesse a vida na tentativa.

CAPÍTULO 7

Depois das luzes brilhantes da cidade, o campo aberto parecia escuro como breu, enquanto Cañuela não adaptava os olhos gradualmente. As estrelas começavam a brilhar e, acima da terra plana e imensa, a expansão do firmamento dava uma idéia de infinito, estendendo-se para um horizonte ilimitado. Seguiam a boa velocidade. Não podiam ir mais depressa, porque Alberto tinha que controlar o cavalo que montava e também o outro, que trouxera para Ramón de López.

Cañuela podia adivinhar que seu companheiro a julgava demasiadamente otimista, quando afirmara que o Senor voltaria com eles.

Ao mesmo tempo, Alberto sentia uma desesperada ansiedade pela segurança de seu patrão. Ele desejava, também, evitar a acusação geral dos amigos, que o julgariam covarde.

Cañuela, no entanto, não tinha tempo para preocupar-se com as reações de Alberto; sua angústia aumentava pouco a pouco, quando pensava que poderia enganar-se, em sua suposição sobre o destino de Ramón de López.

Seu pai sempre fora vivamente interessado pelas ruínas das Missões Jesuítas, estabelecidas no território em meados do século dezessete. Juntos, haviam visitado muitas das antigas ruínas, quando viajavam pelo país. As mais importantes localizavam-se em Misiones, mas ainda havia várias outras e uma bem perto de Buenos Aires.

Lionel Arlington lhe explicara que, na Argentina, os espanhóis haviam tido dificuldades na conquista e colonização, porque os índios eram caçadores, e não agricultores e artesãos.

Além disso, tinham pés ligeiros, e os pampas abertos, por onde corriam tão rápidos como avestruzes, era uma tentação, quando queriam fugir de seus senhores.

Em vista disso, tornou-se imperioso que os espanhóis construíssem lugares onde poderiam manter os índios mais ou menos como escravos, forçados a trabalhar sob atenta vigilância. Assim, as Missões Jesuítas assemelhavam-se a pequenas cidades, circundadas por muralhas que podiam ser guardadas. Além dos mosteiros ou conventos, com suas longas galerias, elas também abrigavam inúmeros aposentos, onde ficavam aprisionados os índios operários. Cañuela se sentira fascinada pela beleza das ruínas que ainda restavam. A elegância das colunas e as complexas filigranas executadas na pedra eram a prova viva da maravilha do artesanato indígena.

As ruínas para onde se dirigia agora, e que, em sua opinião, deviam funcionar como quartel-general dos guerrilheiros, ficava em um local isolado, muito distante de qualquer via principal. Ela e o pai as tinham descoberto inteiramente por acaso, em uma de suas muitas cavalgadas.

Ficavam no centro de uma barreira espessa de espinheiros, tão compacta, que tornava impossível a passagem de um homem ou de um cavalo.

Entretanto, haviam descoberto uma passagem para as ruínas e, nesse momento, ela percebia o quanto seria fácil um ou dois homens guardarem a entrada, sabendo que não

havia outra maneira de alguém alcançar a parte central dos espinheiros.

Anos de pesquisa, haviam demonstrado a Lionel Arlington que os índios escravos tinham seus próprios métodos de fugir daqueles que os haviam conquistado.

A tentação dos pampas era mais forte que o medo da morte ou da tortura. Em certos locais, os espanhóis haviam capitulado, ao descobrirem que não podiam contar com uma força de trabalho que ia desaparecendo.

“ – Como é que eles fugiam, papai? – perguntara.

“ – Quando esculpiam as pilastras, bases e pedestais que tornaram tão notáveis as edificações jesuítas, aproveitavam-se disso e também cavavam túneis que, mais tarde, funcionavam como vias de fuga. E eles bem precisavam disso!

“ – Devia ser muito arriscado para eles, não?

“ – A descoberta dos túneis significava morte imediata, o que deve ter acontecido várias vezes – replicara Lionel Arlington. – Entretanto, em algumas ruínas, ainda podemos encontrar algumas das passagens, através das quais, os índios retornavam para seus bem-amados pampas.

“ – Por favor, mostre-me uma delas, papai!

245

“ – Em primeiro lugar, teremos de encontrá-la” – respondera Lionel Arlington, bem-humorado.

Foram necessárias nada menos que oito visitas às ruínas perto de Buenos Aires, para que Lionel Arlington finalmente descobrisse o que procurava.

Voltaram para casa em triunfo, e contaram tudo à senhora Arlington. Ela prometera acompanhá-los um dia, a fim de ver o túnel secreto de que tanto se orgulhavam. Entretanto, estourara o escândalo sobre a suposta traição de seu marido, e os três haviam embarcado para a Inglaterra.

Recordando a disposição das ruínas, Cañuela tinha certeza de que Ramón de López fora preso no aposento originariamente destinado aos indígenas. Suas paredes eram mais grossas. Talvez fossem mais fortes porque não eram decoradas, e assim haviam resistido ao tempo. Tratava-se de um enorme recinto, mais ou menos no formato de uma caixa oblonga, sem teto, mas com uma abertura para o que tinha sido um pátio principal da Missão. Seria fácil guardar o aposento, e impossível a fuga de um prisioneiro em seu interior, a menos que ele estivesse equipado para escalar uma muralha de seis metros. Assim mesmo, depois de escalá-la, ele chegaria apenas à sebe maciça de espinheiros do exterior.

“Ele só pode estar lá!” pensou Cañuela.

Seu coração oprimiu-se, ao pensar que talvez já o tivessem ferido ou torturado.

Seu receio por ele chegava a ser uma dor física, uma agonia que se aprofundava no peito.

Mesmo tentando convencer-se de que eram errados tais sentimentos, que assim traía o amor pelo pai, sabia que nada podia modificar sua maneira de pensar.

“Como pude ser tão tola, a ponto de pensar que, mesmo estando sozinha com o homem mais cobiçado da Argentina, seria impossível deixar de amá-lo?”

O que poderia haver mais sem esperanças que amar um homem, pelo qual todas as mulheres do país estariam dispostas a render-se, antes mesmo que ele as cortejasse?

Para Ramón de López, Cañuela nada mais era senão uma empregada de maior gabarito.

E, como ela própria lhe dissera, estava bem consciente da posição que ocupava.

Sob várias formas, os argentinos haviam seguido o protocolo rígido e formal de seus ancestrais espanhóis.

Um espanhol jamais se rebaixaria a um casamento com alguém de posição social inferior. As famílias argentinas importantes casavam-se em seu próprio círculo e exibiam mais orgulho de sua árvore genealógica que qualquer aristocrata inglês.

Esporeando seu cavalo, em meio à escuridão da noite, Cañuela perguntava-se, cheia de fúria:

— Por que devo pensar em casamento?

No que lhe dizia respeito, casamento era algo impossível.

Já enfrentara o fato antes. E o simples fato de pensar em um casamento com Ramón de López, provocaria riso.

Ela era uma proscrita, uma paria, a filha de um diplomata acusado de traição à pátria e, em vista disso, jamais se tornaria a esposa de um homem decente.

“Mas eu o amo! Eu o amo!” gritou seu coração, em desespero.

Impelida pela dor que tais pensamentos provocavam, esporeou o cavalo com mais força, até perceber que Alberto ia ficando para trás.

Já haviam cavalgado por quase uma hora, quando ela sofreu as rédeas. Quando Alberto também diminuiu a velocidade da montaria, Cañuela sentiu-se tomada de pânico.

E se tivesse esquecido o caminho? E se, sozinha, não encontrasse o que procurava?

Então, pouco adiante e conforme esperara, divisou a sombra escura de alguns arbustos, perto de um enorme bloco de pedra arredondada, que parecia ter sido jogado ali pela mão de algum gigante.

Era o lugar onde pretendia deixar os cavalos.

Contornou os arbustos, e entregou as rédeas de seu cavalo a Alberto, que já havia desmontado.

— Fique aqui! — avisou, em um cochicho. — Não faça nenhum barulho. Os sons viajam depressa...

Alberto era da mesma opinião e, ao invés de dizer alguma coisa, limitou-se a assentir com a cabeça.

Cañuela afastou-se, pisando o terreno acidentado, onde o capim alto não crescia. Se estivesse à luz do dia, ela sabia que poderia apreciar as flores do poejo, do tomilho silvestre e da ervilha-de-cheiro.

Tomou a direção do ponto em que o solo se tornava mais áspero e ligeiramente inclinado.

A Missão fora levantada ali sobre uma colina, não muito alta, naquela parte do lugar, mas sobressaindo do terreno que a circundava.

Ao pé da encosta natural, ela tentou encontrar o que havia descoberto com seu pai,

três anos antes.

A abertura fora camuflada por moitas de capim e pela rude vegetação que era abundante naquela época do ano.

Entretanto, continuavam lá as pedras com que ela e seu pai haviam bloqueado, para esconder a saída recém — descoberta.

Puxou-as, de uma em uma, acautelando-se contra qualquer ruído suspeito, até ter à sua frente uma abertura escura, com largura apenas suficiente para um homem rastejar.

Cañuela havia pendurado uma lanterna à sela. Tinha sido difícil encontrar uma e, finalmente, tivera que recorrer a Dolores para servi-la.

Era do tipo que os pastores e fazendeiros levavam à noite, contendo apenas um pedaço grosso de vela, protegido por vidros grossos, depois de aceso.

Cañuela engatinhou pela pequena abertura, protegendo a lanterna com o corpo. Depois de avançar por dois ou três metros, ela se sentou no chão e a acendeu.

Conforme recordava, o teto da passagem ali se tornava mais alto, permitindo a caminhada de pé, embora encurvada.

Duramente desbastada da rocha, aquela passagem devia ter sido uma tremenda façanha, ao internar-se tão fundo no solo, perfurada com as ferramentas inadequadas de que dispunham os trabalhadores índios, na época.

Entretanto, em vista de sua habilidade, o túnel se agüentara por três séculos e, levando a lanterna na mão, Cañuela continuou a percorrê-lo.

Suas costas começavam a doer, porque a subida persistia em todo o trajeto. Finalmente, à sua frente, ela viu a passagem voltar a estreitar-se, semelhante à pequena abertura da entrada, que deixara muito para trás.

Inspecionou atentamente o lugar e encontrou a alavanca que, conforme seu pai mostrara, movia uma enorme pedra na base de uma muralha, no interior do aposento da Missão em que eram mantidos os índios.

A pedra era camuflada com tal habilidade, que ninguém a perceberia, vendo-a do interior, já que era idêntica às outras, também enormes.

Aquela, entretanto, girava sobre um eixo.

Apenas a persistência de Lionel Arlington e o fato de suas anteriores descobertas haverem indicado onde procurar, tinham-lhe permitido encontrar a via de escape para os índios. A alavanca se enferrujara com o passar dos anos, mas pai e filha a tinham limpo e lubrificado, até poder ser movida à vontade.

Agora, Cañuela só podia rezar para que ela não se tivesse tornado rígida novamente, desde que havia estado ali, em companhia de seu pai.

Se a alavanca voltara a emperrar, no correr daqueles três anos, seria impossível movê-la sem mais ajuda.

Deixando a lanterna no chão, Cañuela usou as duas mãos para movimentar a alavanca, e sentiu que ela cedera um pouco. Estava tensa naqueles momentos, imaginando que algum imprevisto pudesse pôr tudo a perder, no último instante. Agora, tinha certeza de que moveria a pedra. Faltava apenas descobrir se acertara em suas suposições, quanto a ser aquele, o local onde Ramón de López fora aprisionado.

Apagou a lanterna. Empurrando mais a alavanca, como ensinara seu pai, percebeu que a enorme pedra se movia para diante.

Então ouviu vozes. Homens conversavam, depois soou uma risada grosseira, seguida inesperadamente pelos acordes de uma guitarra.

Cañuela prendeu o fôlego.

Nada podia ser melhor!

Se a pedra fizesse algum ruído ao mover-se, o som da música o sufocaria.

Estava quase além de suas forças, mas ela reuniu todas as energias e tentou abrir um pouco mais a fenda.

Agora, podia sentir o cheiro de fumaça e de tabaco cru, além de divisar luzes.

Olhou pela abertura conseguida: uma fenda com apenas uns cinco centímetros.

Primeiro viu os guerrilheiros, sentados à direita, em torno de uma fogueira acesa no pátio.

As chamas revelavam suas fisionomias rudes e duras, com a barba por fazer. Alguns deles bebiam pelo gargalo — ou comiam o que haviam cozinhado na fogueira.

Lentamente, Cañuela abriu a pedra mais um pouco.

A abertura aumentou seu campo visual e, com um sobressalto, ela avistou Ramón de López, sentado no escuro, encostado à parede que ficava quase diante da fenda na pedra.

Mesmo naquela posição, de pernas estiradas, ainda calçando as botas de montaria, ele estava elegante e inacreditável! parecia inteiramente à vontade.

Cañuela gostaria de saber em que pensaria Ramón de López naquele momento, porque ele parecia alheio aos homens que riam e pilheriavam, em volta da fogueira.

Movimentou a pedra um pouquinho mais. Viu então o guarda que, com uma arma atravessada sobre os joelhos, acomodara-se contra uma parede externa, de onde contemplava o fogo.

Estava de costas para ela, justamente do outro lado da abertura entre as pedras.

Seria impossível alguém sair do que formava uma prisão natural, sem que ele tomasse conhecimento.

Cañuela empurrou mais a alavanca que movia a pedra.

Agora conseguiu enfiar a cabeça e os ombros pela fenda.

Olhava diretamente para Ramón de López. Porém, imerso em seus pensamentos, ele não a via e nem mostrava o menor interesse pelo que sucedia à sua volta.

Era preciso chamar-lhe a atenção. Cañuela pensou então em comunicar-se com ele através do pensamento.

Se desejasse que Ramón de López pensasse nela, sem dúvida, o mero fato de estar ali, parada e expectante, poderia gravar alguma impressão no consciente dele.

Continuou a fitá-lo e, sem saber como, viu-se dizendo baixinho:

— Eu o amo! Eu o amo!

Foi quase como se pronunciasse as palavras em voz alta, porque no mesmo instante, atraiu a atenção dele.

Viu-o ficar tenso de cabeça erguida, atento. Entretanto, foi sensato o bastante para

não fazer qualquer movimento brusco ou algo que a delatasse. Ficou quieto, apenas olhando para ela.

Erguendo a mão, Cañuela fez um aceno, chamando-o. Em seguida, moveu-se para trás, deixando a abertura escura e vazia, para que ele compreendesse.

Chegara o momento perigoso, e ela conteve a respiração.

Ramón de López ficou de pé lentamente.

Bocejou e espreguiçou-se.

Ao seu primeiro movimento, o guarda virou a cabeça.

— O chão deste lugar não podia ser mais duro! — comentou Ramón de López, com um resmungo descontente.

— O que esperava, Senhor? — replicou o guarda. — Um colchão de penas?

Riu da própria tirada.

— Eu o preferiria, sem dúvida — respondeu Ramón de López.

— Talvez eu lhe compre um, com o milhão de pesos que nos será entregue amanhã — replicou o guarda, sarcástico.

— Não vou esquecer a promessa — disse Ramón de López.

Caminhou com naturalidade e recostou-se à parede perto da abertura. Em seguida, abaixou-se lentamente para o chão, fazendo bastante ruído com as botas.

A música da guitarra ganhou intensidade, e seu executante começou a entoar uma canção obscena.

Os outros imediatamente fizeram coro.

O guarda levantou uma garrafa que tinha ao lado, e levou o gargalo à boca.

Quando ele fez isso, Ramón de López girou de onde se sentara, com incrível rapidez, esgueirando-se como uma serpente para o buraco formado pela pedra móvel.

Havia espaço suficiente apenas para ele introduzir os ombros largos pela abertura. Quando se embrenhou na escuridão, Cañuela estendeu a mão, encontrou a dele, e o puxou mais para o fundo do túnel.

Em seguida, deslizando à frente, encontrou a alavanca, moveu-a, e a pedra retornou ao lugar primitivo.

Era difícil voltar a encaixá-la perfeitamente. Talvez fosse preciso apelar para a força de Ramón de López.

Entretanto, de súbito, a pedra girou para a posição correta, da mesma maneira que antes, quando Lionel Arlington a lubrificara.

A escuridão agora era absoluta, mas Cañuela podia ouvir a respiração de Ramón de López.

Agachando-se, ela recuperou a lanterna.

Acendeu-a e, quando a levantou, viu que ele se sentara no chão, de onde a contemplava.

Parecia muito forte e atraente, à luz vacilante da vela. A expressão de seus olhos a fez sentir-se inibida.

Sem falar, segurando a lanterna de maneira a alumiar o caminho, ela começou a descer pela estreita passagem.

O túnel fora escavado por índios de estatura bem menor que a de Ramón de López o qual, para seguir em frente, quase precisava dobrar o corpo ao meio, em desconfortável postura.

O importante, no entanto, era que se afastassem rapidamente dali.

Quando os guerrilheiros dessem pela fuga, sem dúvida iniciariam uma busca imediata pelos arredores.

Embora parecesse impossível, eles suporiam que o prisioneiro escalara a parede, abrisse caminho por entre o compacto espinheiro e alcançara campo aberto.

Seria desastroso se o recapturassem e, pensando nisso, Cañuela sabia que não podiam perder tempo.

Felizmente, era mais fácil a descida que a subida.

Não obstante, Cañuela tinha a impressão de que demoravam mais que o previsto, embora apenas se passasse alguns minutos, antes de alcançarem a estreita abertura por onde ela entrara.

Uma brisa fresca soprava pela entrada. Cañuela apagou a lanterna e fechou sua portinhola.

Preparava-se para sair do túnel em primeiro lugar, quando, surpresa, sentiu as mãos de Ramón de López em seus ombros.

Ele a fez ficar de lado e passou à sua frente.

Evidentemente, agira dessa forma para que, se houvesse algum perigo espreitando-os no exterior, fosse ele o primeiro a recebê-lo.

Seguindo-o, Cañuela viu-o silhueta-se contra as estrelas.

Engatinhando, atingiu a abertura e encontrou a mão dele, esperando pela sua.

Ramón de López a puxou para fora, e ela ficou de pé. Inesperadamente, percebeu que ele a enlaçava pela cintura, colocando os lábios sobre os seus.

Até então, estivera tão concentrada em salvá-lo, que aquilo a apanhou inteiramente desprevenida.

Por um momento, a surpresa a deixou imobilizada, ao mesmo tempo em que sentia a cálida insistência daqueles lábios.

Levantou as mãos, instintivamente, como se fosse afastá-lo, mas aconteceu algo estranho nesse momento; era um êxtase maravilhoso, que percorria seu corpo em todos os sentidos, incapaz de ser descrito em palavras.

Cañuela jamais poderia explicar o que sentia, porque nunca experimentara antes tal sensação.

O que acontecia com ela era algo tão deslumbrante, que tinha a impressão de estar com todo o corpo em chamas.

Ramón de López apertou-a mais e mais. Para Cañuela, foi como se seu corpo se fundisse no dele, que era parte da noite e das estrelas, tornando-os uma só pessoa.

Então, quando a terra deixara de ser sólida debaixo de seus pés, quando o mundo desaparecera, sem que ela pudesse pensar em outra coisa que não fosse ele, Ramón de López a libertou.

Tomando-a pela mão, puxou-a rapidamente para o lugar em que os cavalos

permaneciam escondidos.

Mais tarde, Cañuela deduziu que ele adivinhara a localização dos animais, porque não lhe fez qualquer pergunta e, além disso, ela se sentia incapaz de falar.

Nunca pudera imaginar que um beijo fosse tão inacreditável e miraculosamente maravilhoso!

Parecia que todo o seu ser pulsava e despedia uma mística luminosidade, após ter a boca possuída pela daquele homem.

Ainda de mãos dadas, chegaram ao pedregulho e, atrás dele, encontraram Alberto, esperando com os três cavalos.

— Senhor! — exclamou o gaúcho, em um sussurro incrédulo.

— Pssst! — fez Ramón de López. Levantou Cañuela nos braços e a colocou na sela.

Depois montou em seu cavalo e, dentro de alguns segundos, os três galopavam a toda velocidade, porque ainda estavam dentro dos limites do perigo.

Era uma sorte, os cavalos pertencentes a Ramón de López serem da mais pura raça. Cañuela tinha certeza de que as montarias dos guerrilheiros seriam de raça bem inferior, a menos que fossem roubadas.

Concluiu que Ramón de López, como ela, temia ouvir o sibilar de balas procurando-os, assim que os guerrilheiros abandonassem as ruínas.

Já haviam percorrido uns dois quilômetros, quando ele virou a cabeça para trás. Cañuela olhou também, mas era difícil precisar, à claridade das estrelas, se alguém os perseguia.

Poderiam ser iludidos pelas sombras, assim como pelo movimento do vento, ondulando o capinzal alto.

Sem falar, ambos tornaram a olhar para diante e aumentaram a velocidade dos animais. Agora seguiam com tal rapidez, que seria impossível qualquer troca de idéias em voz alta, mesmo que quisessem.

Cañuela pensou que jamais se sentira tão alegre em sua vida, ao divisar as luzes de Buenos Aires. Elas significavam segurança, salvação e que Ramón de López não estava mais em perigo! Mesmo nesses momentos, era-lhe insuportável imaginar que ele poderia ter sido morto ou mutilado pelos homens que vira sentados ao redor da fogueira.

Por outro lado, nunca poderia ter certeza se Ramón de López seria mantido vivo, depois de entregue o dinheiro exigido pelo resgate.

Não havia honra entre aquela espécie de bandidos; eles não correriam o risco de serem caçados, com as cabeças postas a prêmio e reconhecidos pelo homem que tinham capturado. Por fim, os três viram-se atravessando as ruas pavimentadas da cidade. O movimento de transeuntes era mínimo, àquela hora da noite, e pouco mais tarde chegavam à Plaza San Martín.

Ramón de López desmontou à porta de sua casa.

Quando seus pés tocaram o solo, a porta se abriu de par em par, deixando sair um jato de luz dourada. Cercado pela maioria da criadagem, o senhor Naón desceu apressadamente os degraus.

Cañuela imaginou que deviam ter dado por sua ausência e também que Alberto

havia desaparecido, levando três cavalos, o que denunciaria as intenções de ambos.

Não havia tempo para conjecturas agora, porque de todas as bocas escapou um grito de boas-vindas, quando os criados reconheceram quem chegava.

Ramón de López sorriu em resposta. Em seguida, descendo Cañuela da sela, subiu a escada a seu lado, e entraram todos no enorme e frio vestíbulo.

Como sempre acontece quando os argentinos ficam excitados, a algazarra era tremenda.

Todos faziam perguntas e todos falavam ao mesmo tempo.

Não havia qualquer formalidade, e tinham sido esquecidas as convenções. Naquele momento, Ramón de López deixara de ser o patrão, para transformar-se em um homem como eles, que lhes fora micarulosamente devolvido, a salvo do perigo.

— Como foi que aconteceu, Senho? Como conseguiu escapar? — perguntava senhor Naón, vezes sem conta. — Eu já tinha o dinheiro do resgate, pronto para ser entregue amanhã! Não posso acreditar que esteja aqui, conosco! Que tenha escapado!

— Tudo foi obra da senhorita Gray — respondia Ramón de López.

Ao falar, percebeu que Cañuela não estava mais entre eles.

Em meio à confusão, ela se apressara em subir a escada que levava à seu quarto. Não queria dar explicações, e também pouco pretendia contar a Ramón de López de que maneira conhecia o túnel secreto das ruínas.

Durante todo o trajeto de volta a Buenos Aires, Cañuela pensara em como seria difícil explicar tudo. O que dizer a Ramón de López? Que história inventar? E ele acreditaria, » menos que lhe contasse a verdade?

Chegando a seu quarto, trancou a porta como se fugisse de algum perigo; agora, no entanto, não era de Ramón de López que fugia, mas de si mesma.

Olhou para seu traje de montaria. Es tava coberto de terra e poeira, após engatinhar pela abertura do túnel.

Tinha o cabelo desarranjado pelo vento mas ao examinar-se no espelho, viu que e tava com os olhos brilhantes, os lábios muito vermelhos, macios e suaves.

— Foi porque ele me beijou — murmurou.

Ao sentir aquele beijo, o amor explodira como uma chama dentro dela.

Cañuela não julgara serem possíveis tais sensações, ser envolvida pelo momento maravilhoso, a ponto de esquecer tudo, menos que a boca de Ramón de López aprisionava a sua.

Contudo, era imperioso que fosse embora.

Não podia mais permanecer naquela casa, ansiando que ele a beijasse novamente, como nunca desejara nada na vida.

Impossível ficar ali e vê-lo afastar-se com horror, talvez desgosto, quando a soubesse filha de Lionel Arlington. *t* “Devo partir o quanto antes”, pensou.

Suas malas estavam guardadas em um quarto-rouparia, que se comunicava com seu dormitório.

Fora lá que Dolores desfizera as malas e depois as deixara encostadas à parede, cobertas por uma manta de algodão.

Cañuela passou a chave na porta de seu quarto e, despindo o traje de montaria sujo, começou a fazer as malas.

Mal havia começado, quando soou uma batida à porta. Ficou tensa e perguntou, apreensiva:

— Quem é?

— Dolores, senhorita. Trouxe-lhe alguma coisa para comer, e o Senhor achou que também gostaria de uma bebida.

— Estou muito cansada e morrendo de sono, Dolores.

— Então, direi ao Senhor que não quer ser perturbada.

— Diga que já estou na cama.

— Está bem, senhorita.

Cañuela ouviu os passos da jovem camareira distanciando-se no corredor, e então prosseguiu com sua arrumação.

O relógio marcava três da madrugada.

Cañuela decidiu que descansaria por uma hora, mais ou menos, depois do que, iria para o cais.

Sabia que os navios freqüentemente partiam do porto quando a maré da manhã subia, por volta de sete horas. Se chegasse lá antes das seis, seria fácil conseguir um camarote.

Felizmente, estava de posse da passagem de volta e continuava intacto o dinheiro que trouxera, por insistência da mãe.

Estirou-se na cama.

Pensara que poderia dormir, mas estava agitada demais para conseguir repousar.

Ao mesmo tempo, algo em seu íntimo rebelava-se à idéia de ir embora, de abandonar Ramón de López.

“Quero ficar... Quero ficar...” pulsava seu coração, incessantemente.

O cérebro, entretanto, dizia que partir era a única solução cabível, partir o quanto antes.

Sem dúvida, Ramón de López só ficaria sabendo de sua partida quando descesse para o café da manhã e, a essa altura, talvez ela já estivesse a caminho...

Não obstante, temendo ser descoberta e impedida de partir, pouco depois das cinco horas, ela já estava vestida e pronta.

Os raios dourados do sol começavam a penetrar pela janela do quarto. Cañuela sabia que já haveria movimento nas ruas.

Tocou a sineta. Esperou quase dez minutos, antes que Dolores aparecesse, espantada e sonolenta.

— Chamou, senhorita?

— Devo voltar imediatamente para a Inglaterra, Dolores — disse Cañuela. — Minha mãe está doente e precisa de mim.

— Sinto muito ouvi-la dizer isso, senhorita, mas o que pensará o Senhor?

— Ele compreenderá, mas você precisa ajudar-me, Dolores — replicou Cañuela. — Não quero causar alvoroço com a minha partida. Basta que um dos criados carregue

minhas malas para baixo e as coloque em uma carruagem.

— Direi para arrumarem uma nos estábulos, senhorita.

— Não... não. Uma carruagem de aluguel servirá. Quanto menos pessoas forem incomodadas por minha partida, tanto melhor!

Dolores a fitou com surpresa, mas não fez outras perguntas.

Pouco mais tarde, dois homens carregavam as malas de Cañuela para baixo e, antes do que ela previra, encontravam uma carruagem de aluguel. Empilharam nela sua bagagem e o veículo partiu, levando-a para o porto.

— Nada digam ao Senhor, enquanto ele não descer para o café da manhã — disse Cañuela, com firmeza. — Mesmo que ele se aborreça, eu odeio despedidas.

— Eu compreendo, senhorita, ainda mais, estando preocupada com sua mãe — respondeu Dolores.

— Então, por favor, faça como eu disse — insistiu Cañuela.

Deu a Dolores uma de suas moedas preciosas e, enquanto a carruagem se afastava, acenou para a bela argentina, parada nos degraus, ao lado dos dois criados.

— Esta é a minha despedida — murmurou para si mesma. — A despedida do Palácio de San Martin e de seu dono!

Era intolerável pensar em Ramón de López, mas não cessava de sentir a pressão dos lábios dele nos seus.

Fora um beijo apaixonado e exigente. Cañuela perguntou-se se ele teria sentido o mesmo êxtase selvagem que ela.

Em seguida, disse para si mesma que tal idéia era ridícula.

Ramón de López beijara muitas mulheres: belas, fascinantes e sedutoras. No tocante a ela, aquele fora apenas um beijo de gratidão.

Fora algo automático: a reação esperada de um homem que acabava de ser salvo do aprisionamento e talvez da morte.

Como ela, também havia percebido que seria arriscado falar qualquer coisa. Então expressara seu agradecimento com os lábios. Na certa, já até esquecera o beijo...

Ela, entretanto, jamais o esqueceria. Aquele beijo permaneceria em sua lembrança para sempre!

Não queria pensar no futuro, mas tinha a íntima convicção de que nunca mais sentiria aquele êxtase estranho e indescritível, o instante de maravilha em que se tornara parte integrante do céu e das estrelas.

Com um sobressalto, constatou que já chegara ao porto. Depois, sentiu-se satisfeita ao perceber que havia vários navios, preparando-se para zarpar.

Foi com certa dificuldade que encontrou um funcionário sonolento, no escritório para venda de passagens.

— Sim, senhorita, o *Hibiscus* estará levantando âncoras às sete horas. Poderá embarcar dentro de meia hora mais.

— Obrigada, senhor.

Mostrou-lhe sua passagem e ele tomou as providências devidas.

O carregador que retirara sua bagagem do veículo de aluguel, conduziu-a pelo cais

abaixo em um vagonete e parou ao pé da passarela do *Hibiscus*.

Então, Cañuela foi informada de que haveria certa demora.

Ninguém poderia subir a bordo, antes das sete horas.

Consultando seu relógio, ela sorriu para o carregador.

— Vou ter mesmo que esperar... — disse.

Sentada à borda da vagonete, contemplava o cais, que a cada momento se tornava mais movimentado.

Às seis e meia, o carregador teve uma forte alteração com um marinheiro do *Hibiscus*. Depois retornou para junto de Cañuela, que continuava no mesmo lugar.

— A demora será ainda maior, senhorita.

— Oh, não! — exclamou ela, consternada.

— Foi o que me disseram. Houve um problema com as máquinas, segundo alegam.

Isto significa que o navio não partirá no horário previsto.

Cañuela suspirou, exasperada.

Pensou que devia ter esperado por aquilo. Ao mesmo tempo, estava ansiosa por fugir de Buenos Aires, antes que Ramón de López descesse para o *breakfast*.

Consultou o relógio novamente. Na última hora, ficara olhando para o mostrador a cada dez minutos.

— Não adianta, senhorita — disse o carregador. — Não fará com que o tempo ande mais depressa!

Cañuela riu e, de certa forma, isso aliviou sua tensão.

— O jeito é esperar com paciência — disse.

Então, enquanto falava, pensou em Maria.

Parecia incrível que tivesse vindo a Buenos Aires e partisse sem visitá-la!

— Poderia tomar conta de minha bagagem? — perguntou ao homem. — Eu gostaria de visitar uma amiga que mora não muito longe daqui. Não me demorarei mais que meia hora.

— Perfeitamente, senhorita.

O carregador não se importaria de ficar vigiando suas malas, sem fazer mais nada. Afinal, era o tipo de trabalho que mais apreciava.

Ele mesmo chamou uma carruagem de aluguel, que acabara de chegar ao cais, e disse ao cocheiro o nome da rua.

Cañuela não tinha certeza de sua exata localização, mas o carregador orientou o condutor da carruagem. Com súbito cavalheirismo, ajudou-a a entrar no veículo.

— Qual é o número, senhorita? — perguntou.

— Oito — respondeu ela.

Grata pela gentileza do carregador, Cañuela lhe acenou quando a carruagem começou a rodar.

A casa de Maria ficava em uma rua pequenina e pobre, a uns dez minutos do cais.

Cañuela chegara a temer que ela ainda estivesse deitada, mas quando bateu à porta, esta foi aberta por sua antiga babá.

Vestia-se com decoro, tinha os cabelos grisalhos puxados para a nuca e usava uma

das pequenas toucas de linho, que permaneciam vividas na mente de Cañuela.

Quando tirou os óculos, Maria a contemplou durante alguns segundos, incrédula.

Em seguida, identificando-a, exclamou:

— Miss Cañuela! *Mia bambina!* É mesmo a senhorita? Será verdade o que estou vendo?

Cañuela passou os braços em torno da cintura da pequenina mulher e a beijou.

— Sou eu mesma, Maria! Já imaginava que você ficaria surpresa!

— Sim, é uma surpresa... Como estou contente!... Este é um dia muito feliz para mim! Oh, *mia bambina!* Não sabe como pensei na senhorita! Como vai... e como vai sua querida mãe?

Cañuela foi conduzida a uma salinha e sentou-se à mesa.

Maria movimentou-se rapidamente, preparando café e falando o tempo todo, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Pensei que nunca mais a veria. Quando foi embora tão triste com sua pobre mãe em lágrimas, e seu pai...

Maria enxugou os olhos.

— Penso todos os dias nele e nas coisas horríveis que disseram a seu respeito... Rezo por ele, de joelhos, todas as noites.

— Sabia que ele morreu? — perguntou Cañuela.

— Li a notícia nos jornais — respondeu Maria. — Que a Virgem Santíssima tenha sua alma em conta. Era um cavalheiro muito fino... Nunca o esquecerei!

— Eu também jamais o esquecerei, e pensei que nunca voltaria a Buenos Aires...

— No entanto, agora está aqui — disse Maria.

— Estou de partida — respondeu Cañuela. — Fiquei aqui apenas alguns dias e volto para a Inglaterra e para mamãe.

Decidiu não explicar a Maria o motivo de sua vinda. Seria demasiado complicado.

Maria, no entanto, preocupava-se apenas com o fato de ela estar prestes a partir.

— Vai embora! — exclamou. — Oh, minha menina, foi bom que meus olhos a vissem, mesmo que por um minuto apenas. Está linda, mas sempre pareceu um anjo vindo do céu!

— Era assim que você me chamava, quando eu era pequenina — sorriu Cañuela.

— Agora, no entanto, acho um pouco difícil ser parecida com um anjo, Maria.

— Compreendo — disse Maria. — Agora está crescida e odeia os homens que foram cruéis com seu querido pai. Eu também os odeio. Mesmo que confesse meu ódio ao padre, continuo a odiá-los!

Cañuela sentiu-se prestes a chorar, e então procurou mudar de assunto.

Contou a Maria que sua mãe não estava bem de saúde, que fora para a Suíça e havia esperanças de recuperar-se.

Depois terminou seu café.

— Preciso ir agora, Maria — disse. — Foi maravilhoso ver você. Escreverei para mamãe, contando como está e vai passando.

— Diga-lhe também — respondeu Maria — que penso nela o tempo todo, que rezo

por ela à noite e de manhã.

Suspirou fundo.

— Estou velha, *mia bambina*. Tudo que me resta agora são as recordações. Recordações suas, de sua mãe e de seu pai.

Sua voz suavizou-se ao falar de Lionel Arlington. Cañuela compreendeu o quanto aquela velha e pequenina italiana o adorara.

— Ele foi o melhor homem do mundo para mim — continuou Maria. — Veja, ainda tenho tudo que seu pai me deu...

Abriu a porta de um armário, que ficava a um canto da salinha acanhada.

Apanhou um pacote e Cañuela viu que continha todos os cartões de Natal que lhe haviam enviado, ano após ano.

Havia cartões-postais enviados quando eles tiravam férias e também desenhos antigos feitos por Cañuela, croquis amadores, que eram para agradar ao pai ou à mãe.

Maria guardara tudo aquilo, como um tesouro.

Depois a italiana disse, com um soluço na voz:

— Aqui está o último presente que ganhei de seu pai...

Puxou o embrulho que ficara no fundo de uma gaveta, abriu-o e mostrou um pequeno bibelô de porcelana.

Cañuela recordava muito bem como Maria o ganhara.

Fazia parte de um par e, quando limpava o estúdio de Lionel Arlington, ela deixara um deles cair na lareira. Depois se debulhara em lágrimas, culpando-se de seu descuido.

“ — *Signor... Signor...* perdoe-me! — exclamara.

“ — Não se preocupe, Maria — replicara Lionel Arlington. — Para ser franco, não me incomodo muito com esses bibelôs.

“ — Eu lhe comprarei outro, *signor*. Economizarei de meu salário!

“ — Não vai fazer nada disso. Pelo contrário, tiraremos daí o bibelô que sobrou, e assim, nenhum de nós se lembrará mais do acidente.”

Com alguma relutância, e ainda choramingando, Maria acabara fazendo o que ele mandara.

— Eu o guardo sempre na gaveta — disse a Cañuela. — Se o puser na lareira, posso deixá-lo cair. É uma lembrança muito preciosa de seu querido pai...

— Ele ficaria contente em saber que você o aprecia — disse Cañuela, em voz suave.

Maria começou a embrulhar novamente o bibelô.

De repente, Cañuela soltou uma ligeira exclamação e estendeu o braço.

— Que papel é esse, Maria? — perguntou. — Onde foi que o encontrou?

Ela própria achou sua voz estranha. Maria olhou para o papel onde embrulhava o bibelô.

— Estava no chão da sala de estar — respondeu. — Quando seu pai me deu o bibelô, procurei algo para embrulhá-lo e encontrei este papel perto da cesta de papéis. Não dentro dela, mas ao lado. Pensei que era para ser jogado fora. Fiz mal?

Cañuela conteve o fôlego.

— Não Maria — disse — mas eu gostaria de ficar com esse papel.

— Oh, mas é claro, *mia bambina*. E seu! Tem certeza de que não fiz mal em apanhá-lo? Estava no chão...

“Sim!” pensou Cañuela. “Estava no chão, porque certamente caiu lá. Caiu da mesa de trabalho de papai, ao lado da cesta de papéis usados e, em resultado, provocou um dos maiores escândalos na história diplomática da Legação, em Buenos Aires!”

Maria embrulhara o bibelô de porcelana no mapa do porto, com suas posições defensivas. O mapa que Lionel Arlington fora acusado de entregar aos americanos!

O mapa que, juntamente com a acusação de seus colegas, lhe arruinara a carreira e provocara a sua morte!

Apanhou-o das mãos de Maria e alisou-o.

Por um momento, sentiu-se desfalecer, ante o que aquilo podia significar.

Em seguida ficou de pé.

— Preciso ir agora, Maria.

— Vai embarcar, Miss Cañuela?

— Não — respondeu Cañuela. — Vou à Legação Britânica.

Passou os braços em torno de sua antiga babá e disse:

— Obrigada, Maria. Muito obrigada! Você me deu algo que eu queria demais!

A velha italiana não entendia, mas chorou quando Cañuela entrou na carruagem de aluguel, que ficara esperando à porta.

Dali, o veículo partiu para a Legação Britânica.

Durante o trajeto, eles passaram por um trecho de terrenos baldios, em um dos quais Cañuela jogou seus óculos escuros.

Aquilo foi um gesto simbólico!

Quando desceu da carruagem, diante da porta familiar da Legação, ela parecia ter aumentado alguns centímetros na estatura e manteve o queixo bem ereto.

— Desejo ver o Legado Britânico imediatamente — disse ao criado.

— Creio que será impossível, senhorita, a menos que tenha uma entrevista marcada.

— Ele me receberá — respondeu ela. — Poderia ter a gentileza de dizer-me o nome do Legado?

— O nome de Sua Excelência é Sir Edward Morton — informou o criado. — Não acredito que ele a receba, senhorita.

— Sir Edward! — repetiu Cañuela, contendo a respiração. Depois acrescentou, com firmeza: — Diga, por favor, a Sir Edward Morton, que Miss Cañuela Arlington está aqui.

Falou com tal autoridade, que o homem obedeceu prontamente, após conduzi-la a uma sala de espera.

Com os olhos brilhantes, Cañuela esperou.

Sir Edward Morton era um dos mais antigos amigos de seu pai. Estivera em Buenos Aires, quando ela não passava de uma criança. Mais tarde na Embaixada de Madri, na mesma época que os Arlington. E depois, quando eles voltaram novamente para a Argentina.

Ele era mais velho que Lionel Arlington, mas os dois homens tinham muitos

interesses comuns.

Em criança, Cañuela o tratava carinhosamente de “Tio Edward” porque ele se tornara como que parte da família.

Minutos depois, quando o criado retornou, ela não ficou surpresa, ao ser informada de que Sir Edward a receberia imediatamente.

O mesmo criado a conduziu pelos longos corredores da Legação, até os aposentos particulares do Legado, nos fundos do prédio, dando para um pátio interno.

Quando o homem lhe abriu a porta, ela avistou Sir Edward, um homem de bela aparência e cabelos grisalhos, de pé à frente da janela.

Deixando escapar uma leve exclamação, Cañuela cruzou rapidamente o aposento.

— Cañuela! — exclamou ele. — O que está fazendo aqui? Pensei ter havido algum engano, quando o criado me disse seu nome...

— Oh, Tio Edward! Se soubesse como é maravilhoso tornar a vê-lo... e mostrar-lhe o que trago comigo!...

Enquanto falava, estendeu-lhe o mapa. Sir Edward o tomou e olhou para ele, perplexo.

— Onde encontrou isto? Como chegou às suas mãos?

— Foi Maria! Ela o tinha! Oh, Tio Edward, parece incrível, mas estava com Maria! Lembra-se dela?

— Claro que me lembro.

— Ela o usou para embrulhar um bibelô de porcelana que ganhou de papai. Encontrou-o no chão, perto da cesta de papéis, e pensou que fosse um papel inútil, para ser jogado fora. E assim, o mapa esteve com ela todo este tempo!

— Parece inacreditável! — exclamou Sir Edward. — Mas, onde estiveram você e sua mãe? Eu as procurei exaustivamente... mas haviam desaparecido!

— Ficamos humilhadas e perturbadas demais pela morte de papai.

— Posso compreender — murmurou Sir Edward. — Minha querida, o Ministério dos Negócios Exteriores deseja fazer uma reparação.

Cañuela ficou repentinamente rígida.

— Uma... reparação? — repetiu. Sir Edward assentiu com a cabeça.

— Janson Mandell sofreu um acidente de carruagem, o ano passado. Confessou tudo, antes de morrer.

Cañuela mal ousava respirar.

— Sim, ele confessou que tramara a história da traição de seu pai — prosseguiu Sir Edward. — Queria vingar-se, por achar que ele o insultara.

— Imaginei que devia ter sido algo assim... — sussurrou Cañuela.

Sir Edward tornou a contemplar o mapa.

— A única coisa que faltava era este mapa — disse. — Agora, o Ministério dos Negócios Exteriores fará uma plena reparação, eliminando qualquer acusação que pese no nome de seu pai. Naturalmente, haverá também uma pensão para sua mãe.

Havia lágrimas nos olhos de Cañuela. Ela murmurou, quase sem voz:

— Isso não trará... papai de volta...

— Eu sei — disse Sir Edward — mas tornará a vida de ambas mais fácil. Onde está sua mãe?

— Na Suíça — respondeu Cañuela. — Está doente, mas se existe algo que a faça recuperar-se de todo, será esta notícia, Tio Edward. Ela não se conformava com o que aconteceu a papai e seu desespero era imenso.

— Na Suíça! — repetiu Sir Edward. — Acontece que estou de partida para Genebra na semana que vem. Posso visitar sua mãe e explicar-lhe o que aconteceu, Cañuela.

— Seria maravilhoso! — exclamou Cañuela. — Sabe o quanto mamãe sempre o apreciou, Tio Edward!

— Era uma afeição recíproca — respondeu Sir Edward. — Eu amei sua mãe acima de tudo no mundo.

— Por isso é que nunca se casou, Tio Edward?

Ele afirmou com a cabeça e, num súbito impulso, Cañuela inclinou-se para beijar-lhe o rosto.

— Querido Tio Edward... Talvez, depois de tanto tempo, você e mamãe possam encontrar a felicidade, juntos. Ela ficou tão solitária... tão terrivelmente solitária, depois que papai morreu...

O braço de Sir Edward apertou-lhe os ombros com mais firmeza.

Ficou calado, e Cañuela percebeu que ele tinha dificuldade em encontrar palavras para responder-lhe.

Nesse momento, ouviram um som de vozes que discutiam no corredor, fora da sala, e então a porta se abriu subitamente.

Ramón de López surgiu na soleira, e Cañuela adivinhou que os criados haviam tentado proibir-lhe a entrada.

No rosto dele, enquanto a contemplava, havia uma expressão que ela não pôde entender.

— De López! — exclamou Sir Edward. — Não podia ter chegado em melhor momento! Há novidades. Aliás, excelentes novidades. Sei o quanto ficará satisfeito em sabê-las.

Ramón de López não respondeu, e Sir Edward continuou:

— Você lutou tanto para provar a inocência de Lionel Arlington... Pois agora, o último elo da cadeia foi descoberto. O mapa!

Mostrou o mapa na mão, enquanto falava, para acrescentar, em tom triunfante:

— O mapa que procuramos com tanto desespero!

— Onde estava?

As palavras pareciam ter sido arrancadas de seus lábios, porque ainda tinha os olhos fixos em Cañuela.

— Cañuela o encontrou... — começou Sir Edward. Interrompeu-se, para acrescentar: — Esqueci que ainda não se conhecem. Cañuela, este é Ramón de López, um grande amigo de seu pai... que sempre o acreditou caluniado e perseguido injustamente. Ramón, esta é Cañuela Arlington, a filha de Lionel Arlington!

— Já nos conhecemos! — disse Ramón de López.

— Minha primeira providência — disse Sir Edward a Cañuela — será enviar imediatamente um cabograma ao Ministério dos Negócios Exteriores, informando que o mapa nos foi restituído, e que agora nada mais os impedirá de emitirem uma declaração.

CAPÍTULO 8

Era o veículo mais moderno e elegante da época. Não vira nenhum igual em Buenos Aires, mas sabia que tinha grande uso em Londres, como um meio de transporte tão rápido quanto elegante.

O corpo da carruagem era bastante leve, as rodas tinham enorme diâmetro, e Cañuela sabia que o carro podia mover-se a grande velocidade e com muito conforto, mesmo sobre estradas acidentadas.

Em vista disso, ficou surpresa ao ver que Ramón de López pretendia dirigir quatro cavalos no centro da cidade.

Ele a ajudou a acomodar-se no cabriolé, e o criado que segurava os cavalos saltou para seu posto, atrás deles. Isto significava que o empregado poderia ouvir tudo quando fosse dito durante a viagem. Cañuela alegrou-se por haver um estranho presente.

No fundo, sabia que tinha muitas explicações a dar, além das perguntas que, fatalmente, Ramón de López lhe faria. Naquele momento, estava tão feliz e excitada, por saber que o nome de seu pai fora inocentado de qualquer culpa, que não podia exprimir em palavras o que sentia. Na verdade, seria impossível pensar em outra coisa, exceto que desaparecera a nuvem sombria, a infelicidade que se abatera sobre ela e sua mãe durante tanto tempo. Não havia mais necessidade de subterfúgios ou disfarces... Tudo era motivo para orgulhar-se! Ramón de López dirigiu os cavalos, relativamente devagar, por entre o trânsito pesado da cidade, mas com uma perícia indiscutível.

Depois, para surpresa de Cañuela, não dobraram para a Plaza San Martín. Ao invés disso, internaram-se em uma das longas e retas avenidas que, ela sabia, levavam para fora da cidade.

Olhou para ele, inquisitiva, ao mesmo tempo sentindo-se um tanto temerosa, ao ver a expressão séria do rosto do homem a seu lado.

Pensou que talvez Ramón de López estivesse aborrecido com ela. Então, perguntou-se por que isso importaria agora.

Ele já conhecia sua verdadeira identidade, tinham sido apresentados em termos de igualdade... Ela não precisava mais mostrar-se subserviente a suas alterações de temperamento ou irritação.

Não obstante, deduzia que, se antes fora vulnerável, agora o era muito mais.

Ela o amava. Se, anteriormente, procurava convencer-se de que Ramón de López apenas comprava seus serviços, agora estava ligada a ele por um laço muito mais forte.

Esse laço era o amor, que a deixava fraca e impotente, apenas por estar sentada ao lado dele.

Fora da cidade, ela não pôde mais conter a curiosidade.

— Para onde vamos? — perguntou.

— Para a *Estância* — respondeu ele. Mal terminara de falar, Cañuela viu a aproximação de quatro cavaleiros.

Observou-os com um repentino medo, antes de perceber que trajavam as roupas usadas pelos gaúchos de Ramón de López.

Havia grande exibição de prata nos arreios, selas e casacos. Além disso, cada cavaleiro tinha uma pistola e uma faca à cintura.

Como se adivinhasse o que ela pensava,

Ramón de López disse:

— Não quero enfrentar riscos e, como pode ver, estaremos bem protegidos contra algum ataque.

— Ainda bem... — murmurou ela, de modo quase inaudível.

— Não que sejamos perturbados durante algum tempo por aqueles cavalheiros que me raptaram — prosseguiu Ramón de López. — Esta noite, eles foram capturados pelos militares. Os não procurados por crimes qualificados, sem dúvida passarão um bom número de anos na prisão.

— Que tipo de crimes? — perguntou Cañuela.

— Três deles eram assassinos — explicou ele, com naturalidade.

O coração de Cañuela quase parou, quando pensou que eles podiam tê-lo assassinado. Como se tornasse a adivinhar o que ela pensava, Ramón de López sorriu, de uma maneira que Cañuela julgou irresistível, enquanto dizia:

— É inteiramente graças à sua ajuda que estou aqui, de maneira que não pretendo correr riscos. Nem para mim, nem para você.

Havia algo na maneira como pronunciou a última palavra, que a fez desviar os olhos timidamente.

Ramón de López acrescentou, em tom satisfeito:

— Se quer saber, caso esteja preocupada com suas malas, elas já foram à nossa frente!

— Encontrou-as? — perguntou Cañuela, admirada.

— Claro. Quando cheguei ao porto, o carregador informou-me de seu paradeiro. Meu criado recolheu a bagagem e ordenei que fosse enviada para a *Estância*, onde aguardará a sua chegada.

Cañuela gostaria de dizer que há muito ansiava conhecer a *Estância*, mas por algum motivo ignorado, sentia dificuldade em falar qualquer coisa.

— Por sua ama italiana, fiquei sabendo que se dirigira à Legação Britânica — prosseguiu Ramón de López. — Ela também me disse quem era você.

Mais uma vez, Cañuela ficou sem saber o que dizer.

O criado poderia ouvir tudo quanto falavam, e ela concluiu que as perguntas amontoadas em sua mente eram íntimas demais para caírem em ouvidos estranhos.

Como se compreendesse, Ramón de López não tornou a falar. Concentrou-se em dirigir seus cavalos a tremenda velocidade, sempre acompanhado pelos cavaleiros que

galopavam em colunas ladeando a carruagem.

Deixavam para trás uma nuvem imensa de poeira, que parecia pairar, imóvel, sobre o relvado alto e oscilante dos pampas.

Quando chegaram à *Estância*, Cañuela acreditava que tivessem feito aquele trajeto em tempo recorde.

A princípio, a propriedade era apenas uma mancha purpúrea no horizonte, refletindo a claridade do sol como uma ilha cercada pelo mar.

Pouco mais tarde, surgiu a primeira visão dos altos e seculares choupos lombardos, visíveis a grande distância.

Quando chegaram mais perto, Cañuela distinguiu os pés de acácia, pessegueiros, marmeleiros e cerejeiras.

Algumas árvores estavam em plena floração, compondo um quadro de beleza indescritível. Todas elas circundavam a *Estância*, estendendo-se talvez por um quilômetro, em cada lado.

Havia uma longa e fresca alameda, serpenteando até a casa. Quando a viu, Cañuela recordou que seu pai lhe havia dito ser aquela uma das mais belas *Estâncias* de toda a Argentina.

Nos jardins em torno da casa, as flores brilhavam à luz do sol, em tonalidades vivas, um espetáculo arrebatador.

A *Estância* em si, tinha duas torres aos lados, as quais emprestavam-lhe uma aparência quase medieval.

A fachada da construção com suas colunas esculpidas e aberturas arqueadas era tão bela como ela esperara.

Ramón de López sofreu os cavalos, com um floreado, diante da entrada. Imediatamente, uma multidão de empregados apareceu para recebê-los. Alguns correram para as cabeças dos animais e outros acompanharam os recém-chegados ao vestíbulo fresco e impregnado com o perfume das flores.

Além do vestíbulo, Cañuela avistou um pátio com uma fonte-chafariz que, mesmo a um simples olhar, pareceu-lhe ainda mais bonita que a existente na Plaza San Martín.

Virando-se para Ramón de López, ela procurou descobrir o que lhe competia fazer.

Inesperadamente, ele estendeu a mão e tomou a sua.

— Você dormiu muito pouco esta noite — disse, em uma voz tão suave, que chegava a ser acariciante. — Sugiro que vá para seu quarto e descanse. Nosso casamento será às sete horas da noite!

Aquelas palavras foram um choque para Cañuela. De olhos muito dilatados no rosto pálido, conseguiu apenas fitá-lo, incrédula ante o que ouvira.

Ramón de López levantou-lhe a mão e a levou aos lábios.

Instintivamente, os dedos de Cañuela aferraram-se aos dele, como os de uma criança, temerosa do que irá enfrentar.

Então, uma voz que logo identificou, disse a seu lado:

— Se vier comigo, senhorita, eu lhe mostrarei seu quarto.

Dolores estava ali. Embora houvesse muitas coisas que Cañuela quisesse dizer a

Ramón de López e outras tantas para ouvir, não teve recurso senão acompanhar a camareira.

O pátio que atravessaram era maravilhoso. Cañuela nunca imaginara que alguma *Estância* possuísse algo semelhante por mais antiga que fosse.

Ali não havia apenas o chafariz, mas estátuas, urnas e o piso curiosamente pavimentado em mármore branco, que rutilava contra o brilho vivo das flores.

Ela estava absorta demais para prestar muita atenção ao que a cercava, demasiado chocada pelas palavras de Ramón de López, para coordenar os pensamentos.

O dormitório para onde Dolores a conduziu era enorme, imaculadamente branco e fresco, com as persianas descidas, protegendo-o contra o calor do sol.

A manhã ainda não avançara muito, mas com o decorrer das horas, ela sabia que o calor se tornaria intenso.

— Ainda não terminei de desfazer as malas, senhorita — falou Dolores — mas como o Senhor disse para deixá-la dormir, acabarei de fazer isso em outro lugar.

— Estou... surpresa por... encontrá-la aqui, Dolores.

— O Senhor sabia que eu cuidaria melhor de suas roupas que uma estranha — sorriu a jovem camareira.

Começava a ajudar Cañuela a despir o traje de viagem, quando ouviram uma batida à porta.

No corredor havia uma criada com uma bandeja de comida e vinho.

Cañuela ia dizer que não queria nada, mas então percebeu que, na realidade, estava faminta.

Naquele dia não fizera seu *breakfast* e comera pouquíssimo na véspera.

Por outro lado, Dolores empenhou-se em que ela seguisse as instruções do Senhor. Cañuela estava confusa demais para protestar.

Só depois que a camareira a deixou e ela se viu finalmente sozinha na fresca penumbra do quarto, começou a pensar com coerência.

Ramón de López lhe dissera que iam casar-se nessa noite!

Como era possível ter tomado tal decisão, sem ao menos consultá-la ou pedi-la em casamento?

Quando pensou nele, descobriu que seu maior desejo era, precisamente, aninhar-se nos braços daquele homem. Sentir a boca máscula comprimindo a sua, como na noite anterior, quando haviam fugido pelo túnel.

— Eu o amo! Eu o amo! — murmurou para si mesma. — Mas, como saber se ele me ama?

Teria Ramón de López se envolvido pela mesma magia que ela, quando os lábios de ambos se tinham encontrado?

Por um fugaz momento, todo o mundo permanecera imóvel, desaparecendo o perigo, o medo e as dificuldades. O único que restara era um êxtase absoluto, indescritível...

Recordou a firmeza da voz dele, ao responder a Sir Edward:

— Ela está hospedada em minha casa! Depois lembrou-se da expressão dele quando

entrara naquela sala da Legação.

Tentando analisá-la, Cañuela pensou que parecia de alívio, por encontrá-la ali, juntamente com a decisão de agir como melhor entendia. E ela sabia, por experiência própria, o quanto ele era obstinado, quando se decidia a alguma coisa. Havia ainda algo mais...

Poderia ser amor?

Era difícil acreditar nisso. Difícil acreditar que ele a amasse, porque além daquele beijo, nenhuma outra manifestação de amor tivera lugar entre eles.

Entretanto, sentia que todo o seu corpo ansiava por ele. Foi pensando no homem amado que ela adormeceu...

Cañuela teve a impressão de que mal havia fechado os olhos, quando Dolores veio acordá-la. No entanto, dormira durante cerca de oito horas!

Adormecera preocupada, mas ao despertar, havia uma irreprimível sensação de felicidade em seu íntimo.

— Está tudo preparado, senhorita — avisou Dolores.

Cañuela ficou olhando para a camareira, como que esperando maiores explicações.

— Naturalmente, a senhorita desejará casar com aquele maravilhoso vestido branco que trouxe na bagagem.

“O vestido de minha mãe”, disse para si mesma.

Pensou que talvez ele já estivesse mesmo destinado a ser seu vestido de noiva.

Sua mãe nunca o vestira e achava que Cañuela poderia usá-lo em um baile.

Era bem possível que, com certa premonição, a senhora Arlington adivinhasse ser imperioso trazer aquele vestido em sua bagagem...

Dolores preparou-lhe o banho, perfumado com os jasmims que, segundo informou, cresciam profusamente nos pátios da *Estância*.

Dolores fez-lhe um penteado alto, como o usado pelas espanholas, em ocasiões festivas.

Cañuela compreendeu o motivo do penteado quando, após envergar o vestido branco de sua mãe, com o tule suave emoldurando-lhe os ombros nus, Dolores mostrou-lhe um véu de noiva.

Era em estilo espanhol, curto e farto, caindo de um pente alto.

Ao invés do pente, no entanto, havia uma tiara de diamantes, que Cañuela soube ser um presente de Ramón de López.

— É uma jóia de família, senhorita — explicou Dolores. — Pertenceu à tataravó do Senhor, quando veio da Espanha com os ancestrais dele conquistar a Argentina.

Havia sido confeccionada em um desenho de flores e, ao mesmo tempo, parecia um presente digno de um rei.

Ao se levantar do toucador, Cañuela caminhou até o outro lado do quarto onde havia um espelho de corpo inteiro.

Ao contemplar sua imagem, disse para si mesma que nada lhe assentaria melhor que o vestido de cetim branco, de cintura justa e saia fartamente rodada, com o véu espanhol cobrindo-lhe os ombros.

Os reflexos de seus cabelos pareciam harmonizar-se com o cintilar dos diamantes e o brilho intenso de seus olhos.

Ao mesmo tempo, a expressão do rosto, acanhada e um tanto apreensiva, era a de uma jovem que se atrevia a penetrar no desconhecido, ainda incerta sobre o que lhe reservaria o futuro.

— Está pronta, senhorita? — perguntou Dolores, suavemente.

— O que faço... agora? — quis saber Cañuela, temerosa.

— O Senhor a espera no andar de baixo. Não é costume, mas ele mesmo a levará à igreja.

Dolores abriu a porta do dormitório.

Do outro lado, um menino trajando a garbosa indumentária dos gaúchos, tinha um buquê de flores nas mãos.

Era de pequeninos lírios brancos. Cañuela perguntou-se se Ramón de López recordava o momento em que a considerara semelhante às *Lágrimas de la Virgen*.

Seria impossível seu buquê ser formado daquelas flores, porque se despetalavam, ao toque de mãos humanas.

Os diminutos lírios brancos, entretanto, permaneciam firmes nas hastes, dando-lhe a impressão de que traziam uma mensagem.

Muito devagar, Cañuela caminhou ao longo do corredor e depois desceu a escada.

Quando chegou ao pátio, viu que Ramón de López estava à sua espera.

Ele se aproximou, emoldurado contra as águas que o chafariz expelia, iridescentes ao brilho avermelhado do sol que se punha.

Durante um breve momento, Ramón de López pareceu tão gigantesco e dominador, que Cañuela estremeceu.

Depois percebeu: era por ser aquela a primeira vez que o via com as roupas de gaúcho. E nada lhe assentaria melhor.

A curta jaqueta negra, as calças fofas sobre as botas de couro e a larga faixa vermelha à cintura, com enfeites de prata, o tornavam mais romântico, excitante e viril do que nunca.

Ele ficara parado, imóvel, e Cañuela sentiu que tampouco conseguiria dar um só passo.

Os olhos de ambos encontraram-se e não houve necessidade de palavras ou explicações.

— Você está tão bonita, que não tenho palavras para descrevê-la — falou ele, baixinho.

O coração de Cañuela saltou forte no peito. Depois ela pousou os dedos no braço que Ramón de López lhe oferecia.

Caminharam pelo vestíbulo até o exterior, onde os esperava uma carruagem aberta, enfeitada de flores.

Os dois cavalos que a puxavam haviam sido também enfeitados com guirlandas de flores. O cocheiro que os conduziria ostentava uma flor em sua cartola.

Ramón de López ajudou-a a subir para a carruagem. Depois de acomodados,

rodaram pela comprida alameda de árvores floridas, em direção às torres da antiga igreja que Cañuela divisava a distância.

Ramón de López nada falou, nem lhe segurou a mão.

Dava a impressão de concentrar-se para a cerimônia de dentro em pouco, e havia algo de espiritual em seu silêncio.

Demoraram apenas alguns minutos para chegar à igreja. Do lado de fora já havia uma boa multidão, todos trajando suas melhores roupas para o momento.

As saias vermelhas e blusas bordadas das mulheres contrastavam com o negro das jaquetas dos gaúchos. O quadro era complementado pelas cores alegres do traje dos homens que trabalhavam nos jardins e pomares da *Estância*.

A igreja estava cheia.

A música começou a soar e, enquanto era conduzida ao altar pelo braço de Ramón de López, Cañuela tinha a impressão de que um mar de rostos se voltava para eles, quase como o movimento das ondas.

Sentindo-se inibida, baixou a cabeça ligeiramente, e seus dedos pressionaram mais o braço do homem a seu lado. Como se compreendesse, ele lhe cobriu a mão com a sua, infundindo conforto e segurança.

O altar estava iluminadíssimo por velas, e Cañuela viu que todo o coro fora enfeitado de lírios.

A fragrância que desprendiam era quase embriagadora e, no fundo do coração, Cañuela tinha a certeza de que Ramón de López os escolhera especialmente para ela.

A cerimônia nupcial não demorou muito, porque apenas ele era católico. Entretanto, ao trocarem os votos de casamento, Cañuela rezou para que fossem abençoados.

Ela sempre tivera a impressão de que Ramón de López procurava algo, desejava alguma coisa que estava fora de seu alcance.

Em suas orações, suplicou que aquele “algo” fosse ela própria.

“Ajude-me, Senhor, a torná-lo feliz” murmurou seu coração.

Quando Ramón de López pronunciou as palavras: “E com meu corpo eu te adorarei”, havia em sua voz uma sinceridade que ela jamais captara antes.

Finda a cerimônia, caminharam pela nave, ao som da música do órgão. Quando chegaram fora da igreja, o ruído e excitação dos argentinos era quase ensurdecedor.

Todos riam e gritavam, batiam palmas e davam vivas, demonstrando plenamente o entusiasmo que sentiam.

Ao tomarem o caminho de volta à *Estância*, foram seguidos por todos os presentes.

Era impossível se fazerem ouvir acima do barulho, exceto para sorrir e acenar, em resposta aos que lhes desejavam votos de felicidades.

Também precisaram proteger-se da chuva de pétalas de flores, atiradas em tal profusão, que logo encheram a carruagem completamente.

Entraram na *Estância* por uma porta diferente. Cañuela viu-se em um imenso pátio, decorado com bandeirolas e flâmulas, flores e lanternas.

O sol já se escondera, e o crepúsculo era substituído pela noite, pouco a pouco.

As lanternas despediam uma luminosidade dourada. Cañuela viu que fora preparada uma enorme mesa de banquetes no pátio principal.

Ramón de López a conduziu para a mesa onde havia dois assentos semelhantes a tronos. Em seguida, uma multidão que a ela pareceu composta de centenas de convidados, acomodou-se nas demais cadeiras e começou o banquete.

A um canto do pátio, um boi inteiro era assado no espeto, acima do fogo. Eram os pratos tradicionais da Argentina, alguns dos quais ela recordava, outros nunca provaria.

O peixe fora preparado à moda espanhola, sendo a corvina e a pescada os favoritos gerais. Havia ainda quantidades incríveis de mexilhões, moluscos, caracóis e lulas.

Camarões vermelhos e frescos, siris e caranguejos, eram aproveitados na época de festividades, não apenas como alimento, mas também como decoração.

Naturalmente, arrematando a refeição, havia o *dulce de leche*, a famosa geléia argentina, feita de leite e açúcar, apreciada não apenas pelas crianças do país, mas também pelos adultos.

O vinho jorrava das pipas, e todos pareciam rir.

Cañuela nunca imaginara que Ramón de López pudesse ser tão alegre.

Todos os homens, um após outro, beberam à sua saúde e, para cada um, ele tinha um dito jocoso e algo pessoal a dizer.

Ao contemplá-lo, Cañuela percebeu que ali residia o segredo da bem sucedida *Estância*, onde o proprietário não era o patrão, mas um homem igual a seus subordinados, por quem demonstrava uma camaradagem difícil de ser explicada em palavras.

Enquanto comiam, ouviam a música suave de guitarras e violinos.

Por fim, os pratos foram removidos das mesas, a música aumentou de intensidade. Cañuela reparou que todos olhavam para eles, expectantes.

Virou-se para Ramón de López, em busca de uma explicação.

Ele sorriu.

— Esperam que comecemos a dançar — disse.

Levantou-se enquanto falava, e a conduziu para o meio do pátio.

O piso era de mármore polido, permitindo que se dançasse sem a menor dificuldade.

Ramón de López enlaçou-a pela cintura. A banda tocou os compassos iniciais de um tango.

— Nossa segunda dança juntos — disse ele, com sua voz grave.

Ela levantou os olhos, cheios de surpresa.

— Quer dizer que... sabia?

— Acha que eu poderia tocá-la e ignorar se era você? — perguntou ele, fazendo-a estremecer com a paixão de sua voz.

Começaram a dançar, como o fizeram naquele baile, mas agora havia uma diferença.

Estavam muito mais próximos, um do outro, quase como se ele a cortejasse sem palavras, valendo-se apenas dos movimentos sensuais do tango.

Cañuela vibrava à pressão daquelas mãos e também imaginando o que ele estaria

pensando. Podia adivinhar que também ele sentia o mesmo desejo de estarem a sós, e ainda muito mais próximos que agora. A própria melodia era parte do desejo de ambos, os passos se tornavam o prelúdio, a antecipação, a realização do amor.

Terminaram o tango sozinhos. Então, soaram os aplausos, estrondosos e barulhentos, ecoando no pátio e subindo em direção ao céu estrelado.

Imediatamente, todos invadiram a pista de danças, e Ramón de López puxou Cañuela para um lado.

Quase antes que pudesse perceber o que acontecia, ela se viu saindo do pátio com suas lanternas douradas. Caminharam pelos corredores desertos da *Estância*, cruzando um pátio após outro.

Por fim, chegaram ao largo onde ficava o chafariz, para o qual davam as janelas do dormitório de Cañuela.

Ramón de López não parou. Continuou a conduzi-la pela escada e ao longo do corredor. Quando abriu a porta, ela foi assaltada pelo perfume dos lírios. O quarto havia sido enfeitado depois de sua partida para a igreja. Apenas dois castiçais estavam acesos nas cabeceiras do imenso leito de dossel branco drapejado, coroado por anjos dourados. Havia lírios por todos os cantos: em volta das paredes, sobre os móveis e em vasos enormes sobre o toucador.

Quando se virou para agradecer a Ramón de López, viu que ele a contemplava, parado a certa distância. A expressão do rosto dele sufocou-lhe as palavras nos lábios.

— Você é tão bonita — disse ele, suavemente — que até tenho medo.

— Medo...?

— De que seja como as *Lágrimas de la Virgen*, que não podem ser tocadas pela mão de nenhum homem...

Ela ficou esperando, com os olhos nos dele, a respiração arfante com os lábios entreabertos, quando o viu caminhar muito lentamente, diminuindo o espaço entre ambos.

— Devo descobrir, para ter certeza? — perguntou ele.

Ela estremeceu sem poder responder.

Em gestos suaves, Ramón de López retirou-lhe a tiara da cabeça e depois o véu de sobre os cabelos.

— Você é minha — disse — como eu sempre quis que fosse. Pensou mesmo que me escaparia?

Passou os braços em torno dela e apertou.

Cañuela pensou que fosse beijá-la. Seu maior desejo agora era tornar a sentir aqueles lábios sobre os seus.

Ao invés disso, ele lhe tirou os grampos dos cabelos, deixando que caíssem em ondas sobre os ombros, como na noite em que fora a seu camarote.

Os gestos de Ramón de López não poderiam ser mais suaves.

Depois, com a mesma suavidade, levantou-lhe o queixo com os dedos, forçando-a a fitá-lo.

— Eu a amo — disse, e colou os lábios aos dela.

Por um momento apenas, foram muito ternos, despertando em Cañuela a magia e o

deslumbramento que conhecera na noite anterior. De repente, a boca de Ramón de López se tornou mais exigente, mais possessiva.

Uma chama ardente de êxtase e fascinação abriu caminho pelo corpo de Cañuela, dando-lhe novamente a sensação de que o mundo girava loucamente em torno deles, até desaparecer.

Ela deixou de ter consciência do quarto ou dos lírios que o enchiam; sabia apenas que era dele.

Cañuela pertencia a ele. Seu amor era selvagem como o vento que soprava nos pampas, violento como as ondas do mar e profundo como a escuridão da noite.

— Eu a amo! Oh, Deus, quanto a amo!...

A voz dele arrancou-lhe calafrios, com o êxtase do desejo.

A boca de Ramón de López tornou a cobrir a sua, e então ela o sentiu tirando-lhe o vestido.

Ele a apertou mais contra o peito. O vestido branco que fora de sua mãe escorregou-lhe do corpo para o chão, como uma faixa de luar.

Ele lhe beijou o rosto, o pescoço, os ombros...

Em seguida, levantando-a nos braços, bem apertada contra o coração, carregou-a para o leito branco.

A nota macia do piar de uma coruja distante fez Cañuela estremecer contra o ombro nu de Ramón de López.

Era a coruja cinza e branca, cujo pio assemelhava-se ao arrulho dos pombos.

— Você se lembra...? — sussurrou ela.

— Sim... Eu disse que você parecia uma coruja sábia — respondeu ele. — Costumava ficar acordado, de noite, imaginando como seriam os seus olhos. Não acreditava que fossem tão bonitos quanto à boca.

Ela estremeceu novamente.

— Quando foi que... começou a amar-me?

Ele a apertou mais forte nos braços.

— Agora sei que me apaixonei primeiro por sua voz, quando falou comigo em espanhol — respondeu ele. — Era uma voz musical, adorável, a mais fascinante que já ouvira até então.

Sorriu, quando acrescentou:

— Depois disso, ela se tornou fria e distante, como que reprimida.

— Você disse que... eu era como um... frigorífico.

— Era assim que sua voz soava naquela época. Ao mesmo tempo, seus lábios se encurvaram docemente, revelando que você não podia ser tão fria. E eu tinha razão!

Enrubescendo, Cañuela escondeu o rosto contra ele.

— Você me... Deixou tão... excitada!

— Eu a excito, realmente, de maneira selvagem e apaixonada, como você me excita?

— Você... sabe que... sim...

— Eu a ensinarei a amar-me, minha adorada, até o fogo de seus olhos ficar tão brilhante como o fogo de seus cabelos.

— Eu... adoraria...

— Se soubesse como eu temia que me odiasse!

— Procurei convencer-me de que... o odiava porque você havia... traído papai!

— Como pôde pensar semelhante coisa? — exclamou Ramón de López. — Eu apreciava sinceramente seu pai. Lutei por todos os meios, para provar que as calúnias contra ele não passavam de falsidades! Tornou a apertá-la contra si.

— Como conseguiram, você e sua mãe, desaparecer de modo tão absoluto? Todos do Ministério do Exterior, tanto aqui como na Inglaterra, empenhavam-se em encontrá-las. E o mesmo acontecia comigo!

— Não podíamos enfrentar um mundo que... acreditava em tais coisas sobre... meu pai...

— Agora, o mundo inteiro saberá a verdade sobre ele e o admirará.

Cañuela suspirou fundo.

— Mal posso acreditar que todas as... dificuldades e infelicidades... terminaram...

— Você nunca mais será infeliz — prometeu ele.

— Nunca mais?

— Juro amá-la, adorá-la e idolatrá-la enquanto vivermos. Acha que isso a tornará feliz?

— Você sabe que... sim!

— Eu amo tudo em você, seu cérebro estimulante e cheio de encanto, seu corpo maravilhoso, seu rostinho adorável, deslumbrante!

— É mesmo... verdade... tudo isso?

A voz de Cañuela era como a de uma criança, esperando ser tranqüilizada.

— Nunca disse maior verdade na vida, meu amor.

— Você nunca... me pediu em... casamento. Como sabia que eu... o amava?

— Eu lhe pedi sem palavras — respondeu ele. — Quando você me ajudou a fugir. Nunca pensei que uma mulher pudesse ser tão corajosa ou inteligente... e eu a beijei.

Canela prendeu o fôlego, ao recordar aquele instante.

— Quando seus lábios tocaram os meus — continuou Ramón de López — eles me disseram que você me amava, minha querida. Era tudo quanto eu precisava saber.

— No entanto, eu nunca... me casaria com você, enquanto o nome de... papai não fosse... inocentado!

— Eu sei que casaria.

— Tampouco você desejaria alguém que... estivesse como que sob uma nuvem... a quem todos consideravam... a filha de um traidor!

— Acha que me importaria, fosse você a filha do próprio demônio ou de um mendigo das ruas?

— Eu não... me casaria com você.

— Então, só me restaria raptá-la. Tentaria torná-la minha esposa e nunca mais a largaria.

Um calafrio a percorreu de alto a baixo, quando sentiu a possessividade da voz do marido.

— Você agora é minha esposa — continuou ele. — Sou sincero, querida, jamais pedi alguma mulher em casamento e nem desejei casar com nenhuma, até que a conheci. Eu já a amava, antes de ir a seu camarote, aquela noite.

— Como... era possível?

— Não amamos apenas com os olhos — respondeu ele. — Amamos instintivamente, com o coração e com a alma.

Seus dedos afagaram-lhe o cabelo, quando ele acrescentou:

— Quando a vi embalando aquele bebê, foi como se uma luz deslumbrante me ofuscasse. Descobri que, finalmente, encontrara o que sempre havia procurado. Soube que você era a mulher destinada a mim, a manifestação perfeita do ideal que abrigava em um recanto secreto do coração, onde ninguém mais havia penetrado.

Na voz dele havia tanta profundidade, que era como se tudo vibrasse entre ambos.

Cañuela tornou a esconder o rosto no ombro do marido.

Um momento depois, ele falou, em tom diferente:

— Você está chorando! Minha querida... o que foi que eu disse? O que fiz que a magoasse?

— Choro porque... sou muito... feliz — soluçou Cañuela. — Porque você diz coisas tão... maravilhosas para mim. Pensei que... nunca me casaria, e agora sou sua... esposa!

Sua voz extinguiu-se, emocionada.

Ramón de López enlaçou-a mais forte e lhe beijou os cabelos.

— Você sofreu demais — disse, cheio de ternura. — A tensão de esconder-se o tempo todo deve ter sido insuportável. Tudo acabou agora, minha linda e adorável mulherzinha!

— Sou tão... Feliz... tão maravilhosa, gloriosamente... feliz! — suspirou ela, em voz ainda trêmula de emoção.

Depois acrescentou, em tom acusador:

— Você... queria que eu chorasse!

— Essas são as lágrimas de amor, minha adorada.

Cañuela ergueu a cabeça.

— Você sabia que... as *Lágrimas de la Virgen* por vezes são chamadas de... lágrimas de amor?

— Claro que sabia — respondeu ele. — E o que poderia ser mais perfeito, mais maravilhoso, que você derramá-las por mim?

— Eu... o amo! — sussurrou Cañuela.

— E eu a amo! — exclamou ele, ternamente. — Existem muitas coisas que faremos juntos, minha querida. Juntos, em todos os sentidos.

— Quando dançamos juntos, eu me senti como... uma parte de você.

— Tinha razão, meu amor. Você, sempre será uma parte minha. Agora não tenho mais medo.

Ela sorriu.

— Agora sabe que posso ser... tocada por mãos humanas?

— Você pode ser tocada apenas por minhas mãos — corrigiu ele. — E eu mataria

quem quer que se atreva a tocá-la!

– Tudo quanto desejo é... estar com você... pertencer a... você!

– Você é minha... Minha, até as estrelas caírem do céu e não haver mais nenhuma relva nos pampas. Minha, meu amor! Agora e por toda a eternidade.

Pousou os lábios nos dela, suas mãos a tocaram, e os dois corações se juntaram, batendo no mesmo ritmo.

Nada mais havia além do êxtase de se pertencerem, do selvagem e apaixonado deslumbramento de serem apenas um.

* * *